

ESTUDO DO LIVRO DE HEBREUS

1. INTRODUÇÃO AO LIVRO

Esse escrito do Novo Testamento tem sido tradicionalmente chamado de “Epístola aos Hebreus”. No entanto, a sua redação não corresponde ao gênero epistolar: falta uma apresentação do autor, não indica destinatário, e somente na conclusão menciona Timóteo antes de incluir rápidas saudações (Hebreus 13:23-25). Sobre a menção aos “hebreus”, a qual figura exclusivamente no título e não é parte do texto, o seu caráter é tão geral que não permite a identificação daqueles assim designados.

O discurso do Livro de Hebreus se desenvolve por meio de uma constante valorização do sentido do Antigo Testamento à luz da pessoa e da obra de Jesus Cristo, o qual, mediante seu sacrifício na cruz, traz a salvação ao mundo (João 3:16-17). Em Cristo, Deus culmina a sua revelação, a qual já antes havia iniciado ao falar de “muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas” (Hebreus 1:1), pois Cristo é a Palavra eterna (João 1:1-2), a mesma Palavra dita por Deus aos antepassados.

O livro põe em destaque o caráter único de Jesus, o Filho de Deus, e sua categoria superior a qualquer outra (Hebreus 1:2-4), seja dos anjos (Hebreus 1:5-2:18), de Moisés (Hebreus 3:1-4:13), ou do sacerdócio levítico (Hebreus 4:14-7:28). Somente Jesus é “grande sumo sacerdote que adentrou os céus” (Hebreus 4:14) e que, por meio do seu sangue, abriu um novo e vivo caminho “para entrar no Santuário” (Hebreus 10:19-20).

Perante a Lei de Moisés e o culto da Antiga Aliança, com o seu complicado cerimonial e os seus sacrifícios, Cristo entrega o seu próprio corpo como oferta feita “uma vez por todas” (Hebreus 9:26-28; 10:10,14). Desse modo, se constitui em “fiador” (Hebreus 7:22), isto é, em penhor e garantia de uma aliança nova e definitiva.

Um grande espaço do Livro de Hebreus está dedicado à descrição do sistema de culto e à instituição sacerdotal de Israel, para assinalar as suas limitações e a sua caducidade (Hebreus 7:18-19,23,27-28; 8:13; 9:9-12; 10:1) e para contrapô-los com a pessoa de Jesus Cristo, cuja morte profética ocorreu para resgatar do pecado. Somente nela é que o sacerdócio levítico, as ofertas e os sacrifícios rituais prescritos pela Lei de Moisés alcançam a plenitude do seu sentido.

Jesus Cristo é o sumo sacerdote perfeito, a quem Deus constituiu, “não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida que não tem fim. Porque dele se testifica: ‘Você é sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque’” (Hebreus 7:16-17). Cristo é o único que “com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados” (Hebreus 10:14).

Na medida em que desenvolve o seu pensamento, o autor do livro vai demonstrando recomendações e advertências concretas de aplicação atual para a vida dos cristãos, de tal modo que, em nenhum momento, se perde a índole exortatória do texto. A esse respeito se encontram várias passagens que previnem contra a infidelidade, a apostasia, a desobediência e a recaída no pecado (Hebreus 2:1-4; 3:7-19; 4:11-13; 5:11-6:20; 10:26-39). Outras passagens aconselham sobre a conduta cristã, a pureza da doutrina e a necessidade da intercessão fraternal (Hebreus 13:1-19,22).

As exortações do livro sugerem que as comunidades cristãs para as quais foram originalmente redigidas estavam passando por situações conflituosas, em parte nascidas nessas próprias comunidades e, em parte, provocadas pela pressão moral do ambiente social. Não necessariamente essas situações surgiram por terem ocorrido casos duros de perseguição, pelo menos não até o início da perseguição de Nero – era perceptível nas igrejas certa hostilidade do meio social (Hebreus 12:1-2,4). De qualquer maneira, o que era certo é que alguns cristãos estavam caindo no desânimo e abandonando sua fé (Hebreus 2:1-4; 5:11-6:12; 10:23-27,32-39; 12:1-29).

Os hebreus, durante cerca de quinze séculos, foram o povo escolhido de Deus. Sua lei veio diretamente do Senhor. Entende-se que os hebreus (judeus) fiéis do Novo Testamento tentavam agradar a Deus, mas muitas vezes não entendiam exatamente como isso deveria ser feito. Quase todas as cidades do mundo mediterrâneo possuíam uma sinagoga de judeus, os quais se reuniam aos sábados. No entanto, como nação, eles rejeitaram o fato de que Jesus é o Messias. Os líderes judeus o proclamaram impostor e acabaram fazendo com que as autoridades romanas o crucificassem. Quando um judeu aceitava Jesus, tornava-se alvo de perseguição pelos demais. Sendo assim, era

exercida uma grande pressão sobre cada judeu convertido, tanto em Jerusalém, onde a igreja começou (Atos 1:12), quanto nas demais cidades do mundo romano, onde havia judeus e gentios. Com isso em mente, as lições do Livro de Hebreus foram apropriadas a qualquer situação depois que a Igreja começou. O cristão judeu recém-convertido poderia aliviar rapidamente a oposição exercida contra si ao renunciar a sua fé em Cristo – sem dúvida, a tentação foi grande.

1.1. AUTORIA

O Livro de Hebreus é anônimo. A tradição da autoria paulina não é confiável e há, na verdade, sérias razões para contestar essa afirmação. Lucas, Clemente de Roma, Barnabé, Apolo, Epafras, Silas, Áquila e Priscila e outros têm sido os principais nomes apontados. Um cristão anônimo bem reconhecido por Paulo e por várias igrejas, o qual viajou com Tito para Corinto (2 Coríntios 8:18-19; 12:18) é também um candidato à autoria do livro. No entanto, a verdade é que não se sabe quem o escreveu. É bem possível que o próprio autor quis ficar no anonimato. Certamente o autor era bastante instruído no Antigo Testamento, familiarizado com seu público, capaz de escrever em um grego excelente, e era amigo de Timóteo (Hebreus 13:23). O texto do Antigo Testamento citado foi sempre da tradução grega conhecida como LXX, ou Versão dos Setenta, ou Septuaginta. O domínio do idioma grego permitiu ao autor redigir o livro bíblico disponível hoje, o qual é, sem dúvida, o documento estilisticamente mais depurado de todo o Novo Testamento.

Durante aproximadamente mil e duzentos anos (entre os anos 400 d.C. e 1600 d.C.), esse verdadeiro tratado teológico aos judeus convertidos ao cristianismo foi chamado de “Epístola de Paulo aos Hebreus”, muito embora a igreja primitiva nunca tenha atribuído a Paulo tal autoria. Orígenes, um dos “pais da igreja” do terceiro século, costumava dizer que “somente Deus sabe quem escreveu Hebreus”.

Por exemplo, a primeira edição britânica da Bíblia King James de 1611, assim como traduções posteriores para outras línguas, incluindo a portuguesa, ainda abriam o Livro de Hebreus com o título “Epístola de Paulo aos Hebreus”. Com a Reforma, entretanto, análises exegéticas mais aprofundadas começaram a ser implementadas. Com as grandiosas descobertas bíblico-arqueológicas ocorridas especialmente nos séculos 19 e 20, convencionou-se entre os biblistas de todo o mundo que o mais correto seria manter o mistério que os próprios originais fazem em relação à autoria dessa obra.

Desde os primeiros dias da Igreja, alguns disseram que Paulo escreveu o livro. Eusébio disse que havia dúvida, até mesmo naquela época, sobre quem o escreveu. Muitos da igreja antiga consideravam Barnabé como o escritor. Apolo é outro candidato favorito de muitos, ainda que, aparentemente, seu nome nunca tenha aparecido entre os antigos como o escritor. Seguem três razões pelas quais se acredita que Paulo não seja o autor do livro:

1. O estilo da redação do Livro de Hebreus é muito diferente daquele dos livros que levam o nome de Paulo. O mesmo Espírito Santo inspirou cada um dos escritores da Bíblia, mas permitiu a cada homem escrever em seu próprio estilo. Por exemplo, os escritos de Paulo e os de João são muito diferentes, ainda que ensinem o mesmo evangelho. Os escritos de Moisés são muito diferentes dos salmos de Davi, ainda que ambos os homens foram inspirados pelo Espírito Santo. Na verdade, essa é uma das provas da inspiração da Bíblia: se todos os estilos fossem exatamente os mesmos, então alguém argumentaria que a Bíblia era uma grande falsificação, feita por um só homem, ou por um grupo de homens. Em vez disso, Moisés, que foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios, pôde descrever o mesmo Deus que um pastor da vila de Belém (Davi) descreveu. João, um pescador sem instrução da Galileia, pôde descrever a divindade de Jesus numa linguagem tão sublime quanto Paulo, o qual foi instruído aos pés de Gamaliel. Ao serem comparados os começos dos treze livros de Paulo com o começo de Hebreus, a diferença é visível. Os treze começam com saudações semelhantes, mas Hebreus é muito diferente. Tanto Paulo como o autor de Hebreus citam as Escrituras do Antigo Testamento muito frequentemente, mas o modo como introduzem as citações é diferente. As fórmulas de Paulo — “como (ou segundo) está escrito” (19 vezes), “está escrito” (10 vezes), e “a Escritura diz” (5 vezes) — nunca ocorrem em Hebreus.
2. Outro forte contraste entre os escritos de Paulo e o Livro de Hebreus não transparece nas traduções atuais. O Livro de Hebreus foi escrito no melhor grego do Novo Testamento. Paulo escreveu como um homem altamente instruído, mas instruído como judeu. O Livro de Hebreus foi redigido por um homem instruído formalmente em um estilo mais clássico e em retórica. Um homem não escreve treze

cartas em um nível de grego e então, subitamente, eleva seu nível de escrita a um estilo muito mais sofisticado. Difícil imaginar que Paulo escreveria seu melhor grego numa carta aos cristãos hebreus, judeus como ele, e não aos efésios ou aos coríntios.

3. A terceira razão é a mais poderosa. Paulo não media esforços para defender seu apostolado, especialmente contra os mestres judaizantes. Em Gálatas 1:11-12, ele demonstrou de seu raciocínio: “Mas informo a vocês, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é mensagem humana, porque eu não o recebi de ser humano algum, nem me foi ensinado, mas eu o recebi mediante revelação de Jesus Cristo.” A estatura de Paulo como apóstolo estava em grande perigo entre os cristãos hebreus. Difícil imaginar que fosse Paulo que escreveu “como escaparemos nós, se não levarmos a sério tão grande salvação? Esta, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, depois nos foi confirmada pelos que a ouviram. Também Deus testemunhou juntamente com eles, por meio de sinais, prodígios, vários milagres e a distribuição do Espírito Santo, segundo a sua vontade” (Hebreus 2:3-4). O autor distingue claramente como “nós” aqueles a quem o evangelho foi confirmado, e como “pelos que a ouviram” aqueles que ouviram o Senhor e a quem Deus deu poderosos sinais. Paulo nunca teria se removido das fileiras dos apóstolos para se colocar nas fileiras daqueles a quem o evangelho tinha sido confirmado pelos apóstolos.

Desde a igreja primitiva, e na época dos “pais da igreja”, já havia uma inquietação em relação ao assunto da autoria da obra. Tertuliano, por volta do ano 200 d.C., chegou a se referir ao livro como “uma epístola aos hebreus com o nome de Barnabé”. Na Reforma, Martinho Lutero, ao dedicar-se à exegese dos manuscritos gregos que dispunha, foi o primeiro a sugerir a autoria de Apolo. Esses autores propostos são, de fato, grandes possibilidades, além de Lucas, Silas, Clemente de Roma, o casal Áquila e Priscila e o cristão anônimo de 2 Coríntios 8:18-19.

Barnabé não fazia parte do grupo dos doze apóstolos, mas tinha plena autoridade espiritual a ele conferida pelo comitê apostólico e diretamente por Paulo e Pedro. Foi respeitado pela igreja e cristão hebreu profundo conhecedor do Antigo Testamento. Barnabé, portanto, cumpre bem as características necessárias como potencial autor do Livro de Hebreus. Era judeu, da tribo sacerdotal de Levi (Atos 4:36), e tornou-se discipulador e amigo de Paulo, com quem serviu por muito tempo como companheiro de ministério e missões. Foi o próprio Espírito Santo que indicou para a igreja em Antioquia que Barnabé e Paulo deveriam ser enviados para a grande obra de evangelização ocorrida durante a primeira viagem missionária (Atos 13:1-4).

Apolo é um candidato considerado ainda mais indicado por grande parte dos estudiosos modernos. Lucas nos revelou: “Nesse meio-tempo, chegou a Éfeso um judeu, natural de Alexandria, chamado Apolo, homem eloquente e poderoso nas Escrituras” em Atos 18:24. Apolo também era judeu convertido ao Senhor Jesus, recebeu antes o batismo de João, e era dotado de admirável capacidade oratória e intelectual. Paulo tinha grande respeito e amizade por Apolo, com quem realizou importante obra evangelística em Corinto (1 Coríntios 1:12; 3:4-22). Apolo seria um bom candidato como autor do livro. Ele era um judeu de Alexandria (Atos 18:24). Era um homem eloquente, o que significa que foi treinado em discurso formal e argumentação. Era poderoso nas Escrituras. É razoável que ele estivesse especialmente interessado no bem-estar dos hebreus. No entanto, como já afirmado, nenhum dos primeiros escritores sugeriu que ele tivesse escrito o livro.

Quanto ao local da redação do livro, no encerramento, o autor disse: “Os da Itália mandam saudações” (Hebreus 13:24). Portanto, foi escrito em algum lugar da Itália, mas possivelmente não na própria Roma. Se tivesse sido escrito em Roma, provavelmente o autor teria sido mais explícito. Há também a questão de que, uma vez que a perseguição era mais agressiva em Roma, muitos cristãos saíram da cidade.

Quando Lucas mencionou Áquila e Priscila pela primeira vez, eles tinham vindo recentemente de Roma (Atos 18:2). Foram para Éfeso com Paulo, no fim da segunda viagem dele (Atos 18:18-19). Perto do fim da terceira viagem de Paulo, quando ele escreveu a Epístola aos Romanos (cerca de 57 d.C.), o casal estava de volta a Roma (Romanos 16:3). No período em que Paulo escreveu sua segunda carta a Timóteo (depois de 64 d.C.), eles tinham saído de Roma e estavam, possivelmente, vivendo de novo em Éfeso (2 Timóteo 4:19). Provavelmente, Priscila e Áquila estavam entre os muitos cristãos que fugiram de Roma quando a perseguição de Nero começou.

1.2. DESTINATÁRIOS

Se não há certeza acerca do autor do livro, também há ambiguidade acerca dos destinatários. O título “Hebreus” (ou “aos Hebreus”) não fazia parte do texto original e, portanto, é de valor questionável. Porém, a maioria dos intérpretes realmente acredita que o livro foi escrito a cristãos judeus de fala grega que provavelmente utilizavam a Septuaginta.

O autor não se dirige a nenhuma congregação em especial. Portanto, ele foi provavelmente escrito para um grande grupo de judeus, como foi a epístola de Tiago. Todos os cristãos hebreus enfrentavam a oposição dos demais judeus. Todos poderiam ter questões que surgiam sobre se tinham feito a escolha certa ao se converterem da antiga lei para servirem a Cristo.

Muitos pensam que o livro foi enviado a uma região onde havia uma considerável concentração de cristãos judeus, mas é difícil determinar onde seria tal lugar. Se for Jerusalém, os cristãos fugiram de lá no início das guerras judaicas, provavelmente no mesmo tempo em que o livro foi escrito. Também, os cristãos judeus foram forçados a tomarem sua posição por Cristo muito cedo. No entanto, nesse ponto, no primeiro século, um judeu fraco na fé provavelmente já teria desistido de sua posição por Cristo.

Alexandria, no Egito, e o território próximo à antiga Babilônia tinham grandes colônias de judeus. É possível que o livro tenha sido enviado a uma dessas áreas. Muitos estudiosos acreditam que o livro foi enviado a Roma. Se essa teoria for verdadeira, então aqueles “da Itália” que enviam suas saudações (Hebreus 13:24) seriam cristãos de fora de Roma saudando os cristãos de dentro da cidade. Estudiosos consideram a possibilidade de ser Roma considerando que Paulo teve grande sucesso com os judeus de lá ao chegar à cidade como prisioneiro (Atos 28:24). Esses judeus podem ter formado grandes congregações na cidade.

Depois que a perseguição de Nero começou, a pressão sobre os cristãos hebreus se intensificou. Agora, além da oposição do seu próprio povo, suas vidas estavam sendo ameaçadas pelo governo romano. Por ser a perseguição tão severa em Roma, os cristãos que lá permaneceram estavam muito pressionados para renunciarem a sua fé. Deve ter sido tentador desistir e voltar ao judaísmo, o qual não estava sofrendo oposição. A mensagem do Livro de Hebreus seria especialmente apropriada em tal momento, e essa mensagem é que Cristo é superior a tudo com que se possa compará-lo e, por isso, não se deve desistir da fé – não se deve voltar ao judaísmo.

1.3. PROPÓSITOS

Muito mais fácil de determinar do que a autoria do livro, mas não menos difícil do que compreendê-lo em toda a sua amplitude, são os propósitos e o conteúdo temático dessa obra endereçada especialmente aos judeus (hebreus) convertidos a Cristo, os quais provavelmente faziam parte da igreja na Itália (Hebreus 13:24; Romanos 15:26), mas que estavam sendo tentados a voltarem aos rudimentos da Lei de Moisés. Alguns mestres judeus estavam pregando uma doutrina herética que não combatia diretamente a mensagem cristã, mas procurava judaizar o evangelho (Gálatas 2:14; Atos 6:7).

O prefácio do livro já afirmou categoricamente o caráter distintivo do Filho de Deus. Cristo é antes da história, e a própria razão da história. Jesus é o agente que produz a única plena purificação dos pecados derivados do coração humano, da queda do homem (Gênesis 3), e dos pecados cometidos na história. Jesus Cristo é a suprema revelação de Deus (Hebreus 1:1-3).

Portanto, o tema central do Livro de Hebreus é a supremacia e suficiência de Cristo, completando e ultrapassando em muito a revelação preliminar e limitada concedida aos homens por meio do Antigo Testamento. Por esse motivo, todas as revelações, promessas e profecias do Antigo Testamento são perfeitamente cumpridas somente na “Nova Aliança” ou “Novo Testamento”, nos quais Jesus, por causa da sua obra redentora, é o único e suficiente mediador entre Deus e a humanidade. Cristo é muito superior aos anjos, a Moisés (o mediador da Antiga Aliança) e a todos os profetas do Antigo Testamento (Hebreus 1:4-14). Segundo vários exegetas e estudiosos dos manuscritos gregos do Livro de Hebreus, ele poderia também ser designado “o livro do melhor”, na medida em que as expressões que significam “melhor” e “superior” aparecem mais de 15 vezes no texto original do livro.

O sacerdócio de Cristo é semelhante ao de Melquisedeque (Salmo 110:4), no tocante que Melquisedeque era, ao mesmo tempo, sacerdote e rei, ilustração do Messias. Portanto, o sacerdócio de Cristo é melhor do que o arônico e superior a toda a geração dos levitas, além da vida do Cristo ser indestrutível e perene. Jesus também é o único que é, ao mesmo tempo, sacerdote e a própria oferta sacrificial: seu sangue valida todo o Novo Testamento, que é a aliança final e eterna (Hebreus 4:14-10:18).

Os cristãos são movidos pela comunhão restabelecida com Deus Pai em Cristo Jesus e pela fé presente, conscientes das bênçãos infinitas que os aguardam no futuro (Hebreus 10:19-12:29). A cruz do Senhor como o grande altar do cristão e a ressurreição dele como sumo sacerdote perfazem a base jurídica da ação salvadora e redentora de Deus (Hebreus 13:1-25).

O autor parece muito preocupado com a possibilidade de alguns cristãos “retrocederem” (Hebreus 10:38), embora não pareça haver perigo de que algum deles adote o paganismo. Por todo o livro é enfatizada a superioridade de Cristo à glória da Antiga Aliança, portanto é mais provável que, pelo menos, alguns leitores se sentissem tentados a voltarem ao judaísmo do templo. Comparada com o esplendor do templo de Herodes, a adoração que acontecia nas igrejas domésticas devia parecer insignificante a eles. O autor, no entanto, adverte seu público de que a glória do templo terreno não passava de sombra e logo desapareceria.

No prólogo do livro, lê-se: “Antigamente, Deus falou, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, mas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual também fez o universo” (Hebreus 1:1-2). Sobre esse testemunho de fé, ponto permanente de referência para a totalidade do escrito, o seu autor estabelece desde o próprio começo o fundamento da exposição que abordou em seguida. O seu objetivo é proclamar a universal supremacia de Jesus Cristo, a Palavra de Deus encarnada na realidade imediata do ser humano (conforme João 1:14).

No entanto, o caráter da obra é principalmente exortatório. É assim que o autor a concebeu (Hebreus 13:22), sendo que, ao longo de todo o livro, entrelaça os ensinamentos teóricos com conselhos e recomendações práticas, a fim de garantir uma fé íntegra dos seus leitores cristãos em meio aos desalentos, temores e sofrimentos da vida presente.

1.4. DATA DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO

Os mais atuais e consistentes estudos históricos e arqueológicos sobre a datação do Livro de Hebreus apontam para alguma época até, no máximo, o ano 70 d.C., imediatamente anterior ao massacre e destruição da cidade de Jerusalém pelos exércitos romanos comandados por Tito. As principais justificativas, nesse sentido, levam em consideração que, se essa obra tivesse sido escrita após essa data, com toda a certeza o autor teria mencionado ou feito alguma alusão a uma das mais sanguinárias chacinas ocorridas em Jerusalém, em toda a história da humanidade, a qual envolveu a completa destruição do suntuoso templo e do próprio sistema sacrificial judaico: a destruição do templo foi a rejeição final de Deus do judaísmo. Por outro lado, o autor, ao escrever os originais em grego, emprega sistematicamente o tempo verbal presente quando fala sobre o templo e quando se refere às atividades sacerdotais, as quais eram praticadas antes da invasão romana, e jamais foram retomadas desde então (Hebreus 5:1-3; 7:23,27; 8:3-5; 9:6-25; 10:1-11; 13:10-11).

À luz da determinação do autor em demonstrar a superioridade de Cristo sobre o sacerdócio arônico e sobre os sacrifícios do templo, parece inconcebível que nenhuma menção seja feita à destruição do templo, sinal derradeiro da rejeição divina para o velho sistema. Sabe-se também que o livro foi escrito em uma época em que a perseguição estava começando a se tornar uma séria preocupação (Hebreus 13:3). Uma vez que o aprisionamento de líderes cristãos aconteceu nos primeiros anos da história da Igreja (Atos 4:3), no cômputo geral, essas características indicam uma data de redação entre 60 e 70 d.C.

Os cristãos judeus enfrentavam tribulações desde o começo da Igreja, mas quase todos os estudiosos datam o livro depois de 64 d.C., quando começou a perseguição romana. Nesse tempo, a perseguição era muito mais intensa. Ele pode ter sido escrito, aproximadamente, no tempo em que as guerras judaicas começaram, em 66 d.C., mas antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C. Se a redação ocorresse muito depois de começarem as guerras judaicas, não teria sido atraente voltar ao judaísmo, tendo em vista o tremendo sofrimento dos judeus da Palestina.

Assim, a data de redação é normalmente estimada entre os anos 64 e 67 d.C. O livro pode ter sido escrito depois da morte dos apóstolos Pedro e Paulo.

1.5. CURIOSIDADE

Em Hebreus 11:26, o autor escreveu sobre Moisés: “Ele entendeu que ser desprezado por causa de Cristo era uma riqueza maior do que os tesouros do Egito, porque contemplava a recompensa.” Nos tesouros inestimáveis da tumba do rei egípcio Tutancâmon havia toneladas de ouro puro. De fato, Moisés trocou o ouro do Egito por seguir a Deus.

1.6. TEMAS

O Livro de Hebreus contém os seguintes temas:

- **A superioridade de Cristo:** Hebreus apresenta Cristo como superior aos profetas (Hebreus 1:1-2), aos anjos (Hebreus 1:4-6), a Moisés (Hebreus 3:3), a Josué (Hebreus 4:8), ao sacerdócio do Antigo Testamento e ao sumo sacerdote (Hebreus 4:14-5:10; 7:1-28), ao sistema de sacrifícios e ao santuário (Hebreus 8:1-10:18);
- **Perseverança:** os cristãos são chamados para o céu, mas devem antes disso passar por provações;
- **Fé que agrada a Deus:** o capítulo 11 enfatiza a fé exercitada de muitas formas que agradaram a Deus, importantes ou humildes;
- **Disciplina dos filhos de Deus:** a adversidade é um dos meios que Deus usa para disciplinar seus filhos;
- **Vida cristã:** o cristão não deve deixar de se congregar com outros cristãos (Hebreus 10:25), deve ser hospitaleiro (Hebreus 13:1-3), abster-se da imoralidade sexual (Hebreus 13:4), guardar-se do amor ao dinheiro (Hebreus 13:5), praticar o bem e ser generoso com o próximo (Hebreus 13:16), obedecer a seus líderes (Hebreus 13:17) e orar (Hebreus 13:18-19).

A questão mais importante é que o autor ressalta a superioridade de Jesus. Seu ponto é que os leitores sejam fiéis a Cristo, custe o que custar, pois ele é superior aos anjos e a Moisés. Seu sacerdócio é superior ao sacerdócio levítico, e seu sacrifício é superior aos sacrifícios de animais da antiga lei.

1.7. ESTRUTURA

Para o propósito deste estudo, consideraremos que o livro está estruturado da seguinte maneira:

- A superioridade da nova revelação de Deus (Hebreus 1:1-4);
- Cristo é superior aos anjos (Hebreus 1:5-2:18);
 - Evidência bíblica da superioridade de Cristo (Hebreus 1:5-14);
 - O perigo de negligenciar a verdade acerca de Cristo (Hebreus 2:1-4);
 - Mais evidências bíblicas da superioridade de Cristo (Hebreus 2:5-18);
- Cristo é superior a Moisés (Hebreus 3:1-4:13);
 - Cristo, o Filho, Moisés, o servo (Hebreus 3:1-6);
 - Advertência contra o descrente (Hebreus 3:7-4:13);
- Cristo é superior aos sacerdotes arônicos (Hebreus 4:14-7:28);

- Acesso ao trono da graça por meio do sumo sacerdote superior (Hebreus 4:14-16);
- As qualificações sacerdotais de Jesus (Hebreus 5:1-10);
- Exortação a tornar-se espiritualmente maduro (Hebreus 5:11-6:12);
- Esperança confiante como âncora para a alma (Hebreus 6:13-20);
- Cristo e Melquisedeque (Hebreus 7);
- A obra sacrificial superior do sumo sacerdote eterno (Hebreus 8-10);
 - Uma aliança superior (Hebreus 8);
 - Um santuário superior (Hebreus 9:1-12);
 - Um sacrifício superior (Hebreus 9:13-10:18);
 - Exortações (Hebreus 10:19-39);
- Aplicação: permanecer firme (Hebreus 11-12);
 - Exemplos do passado (Hebreus 11);
 - O papel da disciplina no desenvolvimento da fé (Hebreus 12:1-11);
 - Advertência concernente às consequências do pecado (Hebreus 12:12-17);
 - O perigo de recusar a mensagem (Hebreus 12:18-29);
- Conclusão (Hebreus 13).

2. ESTUDO DO LIVRO DE HEBREUS

Antes de iniciarmos o estudo do texto inspirado, seguem algumas considerações sobre o Livro de Hebreus:

- É um livro rico e fascinante;
- É um curso resumido do Antigo Testamento;
- É uma prova da importância do Novo Testamento;
- Para mostrar a importância da Nova Aliança, o autor apresentou uma série de argumentos mostrando a superioridade de Jesus Cristo a tudo e a todos que vieram antes dele;
- Demonstra a importância da aceitação da Palavra de Cristo e a rejeição de doutrinas erradas;
- O autor se utilizou de “desvios” dos temas principais para demonstrar que o cristão deve se manter na doutrina correta que vem de Deus, e então retornou aos temas principais que desenvolveu anteriormente.

As citações são da versão Nova Almeida Atualizada.

A SUPERIORIDADE DA NOVA REVELAÇÃO DE DEUS

Hebreus 1:1-4: *“{1:1} Antigamente, Deus falou, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, {1:2} mas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual também fez o universo. {1:3} O Filho, que é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas*

as coisas pela sua palavra poderosa, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas, {1:4} tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles."

1:1 – Usando um estilo elevado e solene, o autor começou com uma exposição a respeito da pessoa e obra do Filho de Deus, Jesus Cristo. Enfatizou que o Deus criador do universo falou ao seu povo por meio dos profetas e enviou Jesus para cumprir a missão de purificar os seres humanos de seus pecados (Hebreus 1:3). Isso lembra a introdução do evangelho de João (João 1:1-5).

A palavra "*antigamente*" denota uma era anterior à primeira vinda de Jesus Cristo, em contraste com "*nestes últimos dias*" de Hebreus 1:2, os quais se referem à era messiânica e os dias finais da Antiga Aliança, inaugurados com a vinda em carne de Deus na pessoa de Jesus Cristo. A expressão "*Antigamente, Deus falou*" é uma afirmação de que o Espírito Santo de Deus é o autor-inspirador dos escritores do Antigo Testamento, como também é do Novo Testamento. A referência "*aos pais*" representa as gerações anteriores do povo hebreu nos tempos do Antigo Testamento (Atos 7:51-52). Os "*profetas*", de um modo geral, são os autores do Antigo Testamento.

O texto de Hebreus 1:1-14 pode ter sido um sermão proferido por alguém acostumado a adorar numa sinagoga de fala grega e educado nas instituições gregas e romanas da época. As tradições gregas e romanas enfatizavam uma introdução apropriada, na qual o falante deveria apresentar o(s) tópico(s) principal(is) de seu discurso ou sermão e procurar prender a atenção do público.

1:2 – O Filho de Deus, por meio de quem Deus fez o universo e por meio de quem sustenta todas as coisas, é quem agora nos tem falado para nos dar a revelação de Deus (João 1:1-3,14-18; 1 Coríntios 8:6; Colossenses 1:15-17). O próprio Filho é o criador e herdeiro de todo o universo e da eternidade (Efésios 1:20-23; Romanos 8:17) e, portanto, superior, assim como sua Palavra é superior – Cristo é a Palavra, o agente da criação (João 1:1-3; Colossenses 1:16).

A vida e obra de Jesus Cristo são enquadrados nos últimos tempos (a era messiânica, os dias finais da Antiga Aliança). Deus falou por meio de seu Filho, e essa é a palavra final e definitiva que Deus dirige aos seres humanos. Por ser Filho e herdeiro, ele herda do Pai tudo que o pertence (Romanos 8:17).

No monte da transfiguração, a voz de Deus que veio com a nuvem disse para Pedro, Tiago e João que Jesus é o seu Filho amado e que a ele deviam ouvir, ao invés de ouvirem a Moisés ou Elias (Mateus 17:1-8). O escritor de Hebreus afirmou o mesmo ponto já no início do livro. Deus usou vários métodos e indivíduos para trazer sua Palavra à humanidade, no passado. Nos últimos dias seu porta-voz é seu Filho. Pedro afirmou que estava vivendo nos últimos dias ao identificar os acontecimentos no Pentecostes (Atos 2:16-17) como o cumprimento da profecia de Joel a respeito deles. Essa afirmação sobre a autoridade de Jesus tem importantes implicações para aqueles que desejam justificar suas práticas religiosas apelando para a Lei de Moisés.

1:3 – Cristo é o resplendor da glória de Deus. Assim como a luz do Sol não pode se separar do próprio Sol, o esplendor do Filho é inseparável da divindade, porquanto ele mesmo é Deus, como segunda pessoa da Trindade (João 1:5-18). Jesus não é uma simples imagem ou anjo de Deus, mas a materialização exata da pessoa de Deus (João 14:9; Colossenses 1:15). Cristo não pode ser comparado a qualquer outro "deus", como imaginavam os gregos em relação a Atlas que, segundo a mitologia, tinha o poder de carregar o mundo nas costas. O Filho de Deus mantém sob seu controle todo o macro e micro universo (Colossenses 1:17). Somente podia sentar-se ao lado do rei alguém por ele determinado e investido da sua autoridade, pois tal ato normalmente indicava seu sucessor ao trono, tradicionalmente seu filho escolhido. Ao ser conduzido à direita do Pai, Jesus Cristo completou a obra da redenção, e hoje governa ativamente com Deus como Senhor absoluto do universo (Hebreus 1:13; 8:1; 10:12; 12:2; Efésios 1:20; Colossenses 3:1; 1 Pedro 3:22; Marcos 16:19).

A "*purificação dos pecados*" é referência à obra sacerdotal de Cristo, tema que será tratado mais profundamente em Hebreus 9:11-10:18. Também é notável aqui uma maneira de se referir ao Cristo exaltado e glorificado (Marcos 14:62; Lucas 22:69; Atos 2:33) baseada no Salmo 110:1.

1:4 – O autor começou a mostrar que Jesus Cristo, o Filho de Deus, é superior a tudo e a todos, começando pelos anjos (Hebreus 1:5-2:18). A palavra "anjo" denota "mensageiros" ou "embaixadores" que foram usados por

Deus para revelar o Antigo Testamento (Atos 7:53; Gálatas 3:19). Jesus Cristo herdou um nome, “Filho”, que nenhum anjo tem, o qual é o significado da expressão “herdou mais excelente nome do que eles”.

Alguns podem afirmar que a expressão “*tendo-se tornado*” denota que Jesus só se tornou superior aos anjos posteriormente, implicando que antes ele não era superior a eles e que ele é um ser criado, o qual começou menor e evoluiu. A realidade, porém, é que Jesus é Deus: ele estava com o Pai desde sempre e criou o universo (João 1:1-3). Quando veio à Terra, Jesus jamais deixou de ser divino, jamais esvaziou-se de alguma característica divina, mas veio a ser servo temporariamente, como um homem, para cumprir a vontade do Pai. Nesse sentido, ele estava temporariamente inferior ao seu nível de primazia divina que tinha antes de vir como homem à Terra. Enquanto esteve nessa posição temporária, Jesus esteve no mesmo nível de ser humano (servo) até cumprir sua missão na Terra (sua morte e ressurreição), conforme o descrito em Filipenses 2:6-11. Após ascender aos céus depois da missão bem sucedida, Cristo tornou-se “*tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles*”, retornando ao mesmo nível de posição de primazia divina em que estava antes de vir à Terra, mas herdando um nome ainda mais excelente por causa do maior reconhecimento que recebeu por sua obra redentora. Em outras palavras, o nível de primazia divina nunca deixou de ser de Cristo, mas ele o deixou temporariamente para fazer a vontade do Pai como servo e, então, retornou ao nível de primazia divina, mas agora seu nome tem um reconhecimento muito maior por causa da obra que realizou.

O autor de Hebreus enfatizou que Cristo é superior aos anjos tendo em mente que os judeus tinham muita estima para eles. A maioria dos hebreus (povo semita do Antigo Testamento que deu origem aos judeus) acreditava que os anjos eram seres celestiais e exaltados, os quais deveriam ser reverenciados por terem participado da entrega da lei de Deus no Monte Sinai, sendo essa lei a suprema revelação de Deus para os judeus. De acordo com alguns escritos judaicos, quatro arcanjos estão sempre diante do trono de Deus: Miguel, Rafael, Gabriel e Fanuel. Vários textos antigos descobertos em Qunram, conhecidos como pergaminhos do Mar Morto, revelam a expectativa de muitos hebreus de que o arcanjo Miguel seria o grande líder do reino messiânico e, nesse caso, alguns anjos ocupariam uma posição acima do Messias. O escritor do Livro de Hebreus contesta veementemente essa possibilidade, lembrando a seus leitores, entre outras coisas, o fato de que o nome, para a cultura judaica, comunica o caráter completo da pessoa. Portanto, a passagem a seguir (Hebreus 1:5-9) revela que esse nome é “*Filho*”, nome que deve ser adorado por todo o universo, o qual nenhum anjo pode ostentar.

O autor citou passagens do Antigo Testamento que vêm especialmente da Septuaginta (a versão grega do Antigo Testamento) ao invés de fazer uma nova tradução do original hebraico. Isso explica porque há alguma diferença dos textos do Antigo Testamento citados aqui em Hebreus em relação aos mesmos textos do Antigo Testamento nas Bíblias disponíveis hoje. Como exemplo, podemos citar o Salmo 104:4, que é citado em Hebreus 1:7: as Bíblias, ao traduzirem o Salmo 104:4 no Antigo Testamento, o fazem traduzindo-o do hebraico (o Antigo Testamento foi escrito em hebraico); já a versão do Salmo 104:4 citado em Hebreus estava em grego, escrito a partir da Septuaginta, ou seja, o Salmo 104:4 já veio ao Livro de Hebreus traduzido para o grego que, por sua vez, foi traduzido às linguagens modernas. O resultado é que ocorre certa variação do texto, mas o entendimento é o mesmo. Os primeiros cristãos e judeus faziam amplo uso da tradução grega do Antigo Testamento.

CRISTO É SUPERIOR AOS ANJOS – EVIDÊNCIA BÍBLICA DA SUPERIORIDADE DE CRISTO

Hebreus 1:5-9: “{1:5} Pois a qual dos anjos Deus em algum momento disse: ‘Você é meu Filho, hoje eu gerei você?’ E, outra vez: ‘Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho?’ {1:6} E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz: ‘E todos os anjos de Deus o adorem.’ {1:7} Ainda, quanto aos anjos, diz: ‘Aquele que a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labareda de fogo.’ {1:8} Mas, a respeito do Filho, diz: ‘O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; cetro de justiça é o cetro do teu reino. {1:9} Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros.’”

1:5 – A partir daqui, até Hebreus 1:14, o autor citou uma série de sete profecias messiânicas do Antigo Testamento para demonstrar que Jesus Cristo é superior aos anjos e a toda criação. O Salmo 2:7, que diz: “*Proclamarei o decreto do SENHOR. Ele me disse: ‘Você é meu Filho, hoje eu gerei você’*”, foi citado aqui. Essa citação, a qual originalmente se referia à coroação de um rei israelita sucessor de Davi, se aplica no Novo Testamento ao Messias, conforme Atos 13:33, que diz: “*como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando Jesus, como também está escrito no Salmo número dois: ‘Você é meu Filho; hoje eu gerei você’*” – demonstrando assim que o cumprimento perfeito da vontade de Deus culminou na morte e ressurreição de Jesus Cristo (Lucas 1:32-33;

Romanos 1:4). No Salmo se usa uma fórmula de adoção em que o rei, ao ser coroado, era reconhecido como filho de Deus, conforme 2 Samuel 7:14 e 1 Crônicas 17:13. Portanto, *“Você é meu Filho, hoje eu gerei você”* não é uma expressão que indica que Jesus foi criado, mas que foi coroado como rei diretamente por Deus Pai, assim como recebeu o nome *“Filho”*, o qual já foi explicado pelo autor anteriormente: *“herdou mais excelente nome do que eles”* (Hebreus 1:4) – o nome *“Filho”* é o nome que deve ser adorado por todo o universo, nome que nenhum anjo pode ostentar. Quanto a *“Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho”*, em 2 Samuel 7:14, o profeta Natã estava falando com o rei Davi a respeito de seu filho Salomão, a quem Deus fez essa promessa (1 Crônicas 17:13). Da mesma forma, a promessa aplica-se ao Messias, Jesus.

A questão em Hebreus 1:5 é retórica: Deus nunca se dirigiu a nenhum dos anjos como seu Filho – sendo assim, pode qualquer dos anjos assumir a posição de Filho de Deus, já que ele não os proibiu de fazerem isso? Não. O argumento do autor depende da premissa de que o silêncio de Deus foi proibitivo, e não permissivo. Esse é um princípio importante para todos aqueles que procuram a aprovação de Deus.

1:6 – Quando Cristo veio ao mundo, o autor o chamou de *“Primogênito”*. Primogênito nem sempre tem o sentido de ser o primeiro que nasceu. Essa palavra é usada várias vezes na Bíblia para mostrar a posição de honra ou privilégio que alguém recebeu. Por exemplo, Deus chamou Israel de primogênito entre os povos em Êxodo 4:22, mas várias outras nações já existiam séculos antes de Deus criar a nação de Israel. Assim, primogênito não quer dizer, nesse caso, o primeiro que passou a existir – quer dizer simplesmente que Deus colocou Israel numa posição de honra acima de todas as nações. No Novo Testamento, todos os filhos de Deus são primogênitos, porque Deus os colocou numa posição de honra. No mesmo sentido, o Pai colocou Jesus numa posição de primazia acima de todas as criaturas. Dessa forma, Cristo tem a primazia em todas as coisas, tendo a honra – o primeiro lugar – de primogênito por sua ressurreição. Em outras palavras, a primogenitura aqui está ligada com o fato de que um primogênito recebia uma herança maior em relação aos outros irmãos – portanto, o foco é a preferência que ele possui, ou seja, sua posição de primazia.

O autor combinou aqui Deuteronômio 32:43 e o Salmo 97:7, ambos de acordo com a versão LXX ou Septuaginta. Deuteronômio 32:43 diz: *“Ó nações, louvem com o povo de Deus, porque o SENHOR vingará o sangue dos seus servos, tomará vingança dos seus adversários e fará expiação pela terra do seu povo”* – detalhe: nos manuscritos do Mar Morto, Deuteronômio 32:43 contém *“povo dele, e todos os anjos o adorem”*, que não aparece na Bíblia Nova Almeida Atualizada, mas apareceu na Septuaginta citada pelo autor – a Nova Versão Internacional traz uma nota de rodapé a esse respeito, e o texto com *“anjos o adorem”* aparece na versão King James Atualizada. O Salmo 97:7 diz: *“Sejam envergonhados todos os que adoram imagens de escultura, os que se gloriam de ídolos. Todos os deuses prostrem-se diante dele.”*

Os próprios anjos devem declarar que Jesus Cristo é o *“SENHOR”* e o adorar. Ambas as passagens se referem a Deus como *“SENHOR”* e são aplicadas a Jesus Cristo. *“SENHOR”* é como algumas Bíblias traduzem o nome impronunciável de Deus que é unicamente aplicável a ele: *“YHWH”* (o qual às vezes é traduzido como *Yawheh, Yeohwah/Jehovah, Iavé, Javé* ou *Jeová*). Em outras palavras, o Filho é Deus (YHWH) e, como tal, é superior a tudo e a todos e merece adoração – uma indicação clara da absoluta divindade de Jesus.

1:7 – O autor citou o Salmo 104:4 de acordo com a Septuaginta (o original hebraico diz: *“Fazes com que ventos sejam os teus mensageiros e com que os relâmpagos sejam os teus servidores”*). A Septuaginta era a tradução das Escrituras que a geração dos judeus da época do autor conhecia, já que nessa época muitos palestinos já não sabiam ler o hebraico antigo. No Salmo 104:4, os *“ventos”* e as *“labaredas de fogo”/“relâmpagos”/“raios”* são agentes do próprio Deus, e os *“anjos”/“mensageiros”* são feitos como eles – portanto, anjos são menores do que Deus e o obedecem. Se Jesus é Deus (YHWH), torna-se claro que os anjos são menores do que Cristo e que servem a ele.

1:8 – As palavras que se seguem em Hebreus 1:8-9 são do Salmo 45:6-7, que diz: *“O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; cetro de justiça é o cetro do teu reino. O senhor, ó rei, ama a justiça e odeia a iniquidade; por isso, Deus, o seu Deus, o ungiu com o óleo de alegria, como a nenhum dos seus companheiros.”* Mais uma vez, Jesus Cristo, o *“Filho”*, é chamado *“Deus”*. Aqui em Hebreus 1:8 se enfatiza que o trono de Deus e, portanto, de Cristo, é eterno, e que seu reino é justo.

1:9 – Continuando as palavras do Salmo 45:6-7, a ênfase é que Cristo recebeu de Deus o direito de ser rei, coisa que nenhum outro ser espiritual (*“seus companheiros”*) recebeu. A expressão *“com o óleo de alegria”* aparece no

texto hebraico de Isaías 61:3, conforme Salmo 23:5. O sentido aqui em Hebreus 1:9 é que esse óleo de alegria é para ungir o rei – Jesus Cristo.

Outra tradução possível para *“Deus, o teu Deus”* é *“por isso Deus, o teu Deus, te escolheu”*.

Hebreus 1:10-14: *“{1:10} Diz ainda: ‘No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obra das tuas mãos. {1:11} Eles perecerão, mas tu permaneces; todos eles envelhecerão como veste; {1:12} como manto tu os enrolarás, e, como roupas, serão igualmente mudados. Tu, porém, és o mesmo, e os teus anos jamais terão fim.’ {1:13} Ora, a qual dos anjos Deus em algum momento disse: ‘Sente-se à minha direita, até que eu ponha os seus inimigos por estrado dos seus pés’? {1:14} Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?”*

1:10 – O autor citou o Salmo 102:25-27, ainda usando a Septuaginta. A ênfase desse versículo é que o título *“Senhor”*, que no salmo se aplica a Deus, é aplicado ao Filho de Deus em relação à sua função criadora, a qual foi demonstrada em Hebreus 1:2. Ele é criador e, portanto, superior à criação.

1:11 – Prosseguindo com a citação do Salmo 102:25-27, a ênfase agora é que até mesmo os céus e a Terra envelhecem e algum dia perecerão, por mais duradouros que pareçam ao ser humano. No entanto, o *“Senhor”* permanece, ele é eterno. Se o título *“Senhor”*, o qual se refere a Deus no Salmo 102, foi aplicado a Jesus Cristo, ele é Deus e, portanto, eterno. Os céus e a Terra envelhecem e terão um fim, mas Cristo permanece para sempre.

1:12 – Agora a ênfase é que Deus tem o poder de pôr um fim nos céus e na Terra quando eles tiverem cumprido seu propósito. Após isso, o Senhor os enrolará para recolhê-los, como se fossem um manto. Em seguida, da mesma forma que alguém é capaz de mudar facilmente de vestes, o Senhor é capaz de criar novos céus e nova Terra (Isaías 65:17; Apocalipse 21:1). Mais uma vez notamos a temporariedade dos céus e da Terra em contraste com a eternidade do Senhor Deus. Além disso, notamos o grandioso poder do Senhor para criar, destruir, e criar novamente. Ora, se o Senhor é capaz de tudo isso, e se Jesus Cristo é o Senhor (Hebreus 1:10), torna-se clara a divindade dele.

1:13 – Agora o Salmo 110:1 foi citado, ainda segundo a Septuaginta. O autor também o mencionou em Hebreus 5:6,10; 7:17,21. Os judeus consideravam esse salmo como alusivo ao Messias, e o próprio Jesus Cristo o utilizou em Mateus 22:44. Os apóstolos também o utilizaram em Atos 2:33-35, 1 Coríntios 15:25 e Efésios 1:20. *“Sente-se à minha direita”* é uma maneira estabelecida de se referir ao Cristo exaltado e glorificado (Marcos 14:62; Lucas 22:69; Atos 2:33); *“até que eu ponha os seus inimigos por estrado dos seus pés”* é uma figura de derrota e humilhação aplicada aos inimigos de Deus.

Deus disse ao Cristo para que se sente à sua direita. Conforme Hebreus 1:3, somente podia sentar-se ao lado do rei alguém por ele determinado e investido da sua autoridade, pois esse ato normalmente indicava seu sucessor ao trono – tradicionalmente seu filho escolhido. O Cristo tem essa posição de autoridade do rei (Deus) até que todos os seus inimigos estejam derrotados e humilhados, e o último inimigo a ser vencido é a morte (1 Coríntios 15:26). Sendo assim, o ponto do autor é que *“Sente-se à minha direita, até que eu ponha os seus inimigos por estrado dos seus pés”* jamais foi dirigido a qualquer anjo, mas a Jesus Cristo, o Messias. Portanto, mais uma vez, vemos que Jesus é superior aos anjos e que ele tem a autoridade de Deus.

1:14 – A expressão *“espíritos ministradores”* denota *“espíritos a serviço de Deus”*, conforme o Salmo 34:7, Salmo 91:11, Mateus 4:11 e Lucas 1:19. Os anjos são seres espirituais submissos a Deus e, portanto, a Cristo. Uma de suas funções é o auxílio ao povo de Deus, o qual herdará a salvação. O autor voltou ao tema da salvação em Hebreus 2:3-4,10,14-18; 5:9, tratando especialmente da obra salvadora de Cristo nos capítulos 7, 8, 9 e 10.

A Bíblia não explica exatamente como os anjos auxiliam o povo de Deus, mas tanto o Antigo Testamento quanto o Novo Testamento dão exemplos de como o Senhor os envia para esse serviço (Gênesis 24:7,40; Êxodo 23:20,23; 1 Reis 19:5-7; Salmo 91:11-12; Daniel 3:28; Mateus 1:20; 2:13,19; 4:11; 18:10; 28:2-7; Atos 5:19; 8:26; 10:3-6; 12:6-10). A expressão *“dos que hão de herdar a salvação”* está se aludindo à salvação que acontecerá quando Cristo voltar, de acordo com Hebreus 9:28: *“assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez por todas para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, não para tirar pecados, mas para salvar aqueles que esperam por ele.”*

Conforme estudamos até o momento, o autor de Hebreus fez questão de aplicar os textos do Antigo Testamento dirigidos a YHWH (Deus) à pessoa de Jesus Cristo, o Filho. O Salmo 110 foi citado várias vezes, sempre aplicado a Jesus (Hebreus 3:13; 5:6,10; 6:20; 7:3-21; 8:1; 10:12-13; 12:2). Sendo assim, o autor destacou o seguinte: Cristo, o Filho de Deus, reina; os anjos ministram como “missionários celestes”, enviados para servirem em benefício daqueles que herdarão a salvação.

Portanto, o autor de Hebreus observou que os anjos são espíritos servidores que adoraram o Filho durante sua encarnação. Jesus, contudo, é um monarca eterno.

CRISTO É SUPERIOR AOS ANJOS – O PERIGO DE NEGLIGENCIAR A VERDADE ACERCA DE CRISTO

Hebreus 2:1-4: “{2:1} Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos. {2:2} Porque, se a palavra falada por meio de anjos se tornou firme, e toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo, {2:3} como escaparemos nós, se não levarmos a sério tão grande salvação? Esta, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, depois nos foi confirmada pelos que a ouviram. {2:4} Também Deus testemunhou juntamente com eles, por meio de sinais, prodígios, vários milagres e a distribuição do Espírito Santo, segundo a sua vontade.”

2:1 – No Livro de Hebreus, o autor fez uso de “desvios” dos temas principais para demonstrar que o cristão deve se manter na doutrina correta que vem de Deus e, então, retornou aos temas principais que desenvolveu anteriormente. Hebreus 2:1-4 é o primeiro desses desvios, onde ele exortou o leitor contra o perigo de negligenciar a verdade acerca de Cristo.

Tendo em vista as coisas apresentadas até aqui, as quais são razões muito fortes para que os leitores se apeguem firmemente à revelação da Palavra de Deus (“às verdades ouvidas”), o início dessa exortação é que os leitores jamais se desviem da Palavra. A expressão grega original, aqui traduzida pela palavra “desviemos”, tem o sentido literal de “ser levado por uma forte correnteza”. A ideia é que outros modos de vida do mundo são como águas em forte correnteza, arrastando a todos que não se segurarem firmemente no único apoio que realmente pode salvar – a Palavra de Deus. Estimular os cristãos a permanecerem firmes na fé é um dos assuntos principais do livro.

2:2 – Aqui é referida a participação dos anjos na entrega da Lei a Moisés no Sinai – as “miríades de santos” – em Deuterônimo 33:2: “Ele disse: ‘O SENHOR veio do Sinai e lhes alvoreceu de Seir; resplandeceu desde o monte Parã. Ele veio das miríades de santos; à sua direita, havia para eles o fogo da lei’” (Salmo 68:17; Atos 7:38,53; Gálatas 3:19). A lei foi palavra transmitida por anjos e tornou-se firme (lembramos que anjos são mensageiros ou embaixadores que ajudaram a revelar o Antigo Testamento), sendo que transgressões ou desobediências foram devidamente punidas com castigo justo. O autor abordou aspectos do castigo em Hebreus 3:16-19; 10:28-31.

2:3 – Se a palavra transmitida pelos anjos, os quais são inferiores a Cristo, tornou-se firme e as transgressões e desobediências foram devidamente punidas, quanto mais a Palavra revelada pelo próprio Cristo, que é superior? Deus exigia obediência às revelações inferiores e castigava os desobedientes. Se a Palavra revelada pelo Filho for negligenciada, pior ainda. Essa forma de argumento é, às vezes, chamada “do secundário para o principal”, isto é, o ponto é apresentado do caso menos importante para o caso mais importante. O Filho falou pessoalmente e as testemunhas oculares, sobretudo os apóstolos, foram os primeiros a confirmarem a mensagem proclamada por Cristo (2 Pedro 1:16; 1 João 1:1), e Deus deu testemunho por sinais milagrosos, sendo o propósito dos milagres a confirmação da Palavra revelada, de acordo com Marcos 16:20, Atos 14:3 e 2 Coríntios 12:12.

Possivelmente, os cristãos hebreus, principais destinatários do livro, estavam negligenciando a comunhão da igreja e das reuniões, conforme Hebreus 10:25 (talvez por acreditarem que Jesus estivesse demorando muito para retornar).

É interessante o fato de que o autor não reivindicou alguma revelação direta do Senhor. A expressão “nos foi confirmada pelos que a ouviram” parece indicar que tanto o autor quanto os destinatários já são da segunda geração de cristãos. No entanto, ele defendeu a salvação em Jesus Cristo, o Filho, com raro entusiasmo e conhecimento messiânico das Escrituras.

2:4 – O Senhor fez questão de confirmar a chegada do evangelho e de seu reino (Marcos 1:14-15) por meio de atos sobrenaturais e prodigiosos, como a cura de milhares de enfermos (Atos 3:7-16) e a distribuição de diversos dons espirituais milagrosos em benefício do corpo de Cristo, a Igreja, de acordo com seus planos e propósitos (1 Coríntios 12:4-11). É importante ressaltar que o propósito dos sinais milagrosos foi a confirmação da Palavra revelada, de acordo com Marcos 16:20, Atos 14:3 e 2 Coríntios 12:12. Uma vez que a Palavra de Deus já está revelada e completa desde o final do primeiro século, esses sinais já cumpriram seus propósitos e não são mais concedidos desde então (1 Coríntios 13:8-10).

CRISTO É SUPERIOR AOS ANJOS – MAIS EVIDÊNCIAS BÍBLICAS DA SUPERIORIDADE DE CRISTO

Hebreus 2:5-9: “{2:5} Pois não foi a anjos que Deus sujeitou o mundo que há de vir, sobre o qual estamos falando. {2:6} Pelo contrário, alguém, em certo lugar, deu testemunho, dizendo: ‘Que é o homem, que dele te lembres? Ou o filho do homem, que o visites? {2:7} Fizeste-o, por um pouco, menor do que os anjos e de glória e de honra o coroaste. {2:8} Todas as coisas sujeitaste debaixo dos seus pés.’ Ora, ao lhe sujeitar todas as coisas, nada deixou fora do seu domínio. Neste momento, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas. {2:9} Vemos, porém, aquele que, por um pouco, foi feito menor do que os anjos, Jesus, que, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos.”

2:5 – Retornando ao assunto da superioridade de Cristo após o desvio de Hebreus 2:1-4, o autor afirmou que o “mundo que há de vir” não é sujeitado aos anjos. O mundo tratado aqui é aquele que virá com o retorno de Cristo, isto é, os novos céus e nova terra (Isaías 65:17; 66:22; Apocalipse 21-22), a herança incorruptível e sem mácula (1 Pedro 1:3-4). O “mundo que há de vir” será herdado pelas pessoas “que não herdarão a salvação” (Hebreus 1:14) juntamente com Cristo, o herdeiro (Hebreus 1:2,4) e será governado por Deus Pai, com Jesus e os remidos correinando com ele (2 Timóteo 2:12).

Ao tomar sobre si a natureza humana e cumprir plenamente sua missão, de acordo com o plano do Pai, Jesus redimiu o ser humano caído e arrependido (Hebreus 2:11,14) para que ele que pudesse alcançar o “mundo que há de vir” – Cristo não redimiu anjos caídos (Hebreus 2:16).

2:6 – Foi citado o Salmo 8:4-6, passagem que fala de como o ser humano é nada diante do Senhor, mas ainda assim Deus o fez um pouco menor do que os anjos e concedeu a ele domínio e glória sobre o mundo físico. A ênfase desse versículo é a diferença entre Deus e o homem: Deus é infinito e soberano; o homem, finito e com domínio apenas sobre as coisas que foram sujeitadas a ele pelo Senhor.

O salmo aqui foi aplicado a Cristo no sentido que Jesus é Deus e, portanto, a mesma diferença que há entre Deus e o homem há entre Jesus e o homem (“Que é o homem, que dele te lembres? Ou o filho do homem, que o visites?”).

2:7 – Como Deus, Cristo concedeu o domínio e honra e glória que o ser humano possui no mundo físico (o qual é criação de Cristo), embora o homem “por um pouco, foi feito menor do que os anjos”.

Em alguns manuscritos aparece a expressão “e o constituíste sobre as obras das tuas mãos”.

2:8 – O texto do Salmo 8:4-6 contempla a pessoa de Adão como precursor da humanidade. A ele Deus confiou o poder sobre tudo o que havia na Terra (Gênesis 1:26). O propósito de Deus era que o ser humano fosse soberano no âmbito das criaturas da Terra. No entanto, por causa da queda do homem em Gênesis 3, esse objetivo do Senhor ainda não foi completamente realizado. O homem recebeu domínio na Terra, mas não domina completamente (“Neste momento, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas”). De fato, o próprio homem está “escravizado” pelo pecado, o que resulta no “pavor da morte” (Hebreus 2:15). O homem pecou e Deus permitiu que a própria natureza estivesse contra ele, dificultando a sua vida, seu trabalho e seu domínio (Gênesis 3:16-19). Nesse sentido, “ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas” – o ser humano vive num mundo poluído e corrompido por causa do seu pecado. Somente em Cristo ele pode ser salvo/liberto disso (Hebreus 2:9).

2:9 – Tendo em vista a colossal diferença que há entre Cristo e os anjos e o homem, e a própria situação caída dele, levanta-se uma questão: Jesus, como Deus, é muito superior aos anjos, e o homem é menor que os anjos – como então pode o homem alcançar comunhão com o Filho?

Jesus foi feito menor que os anjos, temporariamente, para sofrer a morte pelos homens, como descrito na expressão “*para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos*”, e então restaurar a honra dos homens (Hebreus 12:2; Mateus 20:28; Marcos 10:45; Efésios 1:7; Filipenses 2:6-11; 1 Timóteo 2:6; Tito 2:14). Assim, não foi o ser humano que “subiu” acima dos anjos, mas Jesus “desceu” e se tornou temporariamente menor do que os anjos para alcançar o ser humano. Por causa da vida de amor e obediência ao Pai, seu sacrifício vicário na cruz e sua exaltação (1 Coríntios 15:45), Jesus Cristo tornou possível ao homem perdoado e redimido o cumprimento das promessas do Salmo 8 (o domínio e a coroação de glória do homem).

Hebreus 2:10-13: “{2:10} *Porque convinha que Deus, por causa de quem e por meio de quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles. {2:11} Pois, tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só. É por isso que Jesus não se envergonha de chamá-los de irmãos, {2:12} dizendo: ‘A meus irmãos declararei o teu nome, no meio da congregação eu te louvarei.’ {2:13} E, outra vez: ‘Eu porei nele a minha confiança.’ E, ainda: ‘Eis aqui estou eu e os filhos que Deus me deu.’”*

2:10 – Deus o Pai, para conduzir “*muitos filhos à glória*” (os remidos pelo evangelho), aperfeiçoou o “*Autor da salvação*” por meio de sofrimentos. A expressão grega original *archegon*, traduzida como “*Autor*”, tem o sentido literal de “iniciador”, “originador” ou “fundador”. O mesmo termo grego se aplica a Cristo também em Hebreus 12:2 e em Atos 3:15; 5:31. Esse termo também era aplicado a um líder, governante ou príncipe – no contexto atual, pode até mesmo ter o sentido de “campeão”, como “aquele que veio em auxílio do escravizado”. Cristo é o condutor dos descendentes de Adão à glória que Deus planejou para a humanidade. Pelo amor a Deus e à humanidade, ele pôde se tornar o perfeito e único salvador, o Messias (Hebreus 2:18; 12:2; Atos 3:15; 5:31).

O texto afirma que, por meio de sofrimentos, Jesus foi aperfeiçoado. Uma leitura superficial pode dar a entender que o fato de Jesus ter sido aperfeiçoado implica em alguma falha ou imperfeição nele. No entanto, o sentido do aperfeiçoamento aqui é de ser “equipado”, “qualificado” ou “capacitado” para uma determinada função, para cumprir um determinado propósito. Jesus não é imperfeito, ele não cometeu pecado (Hebreus 4:15). Portanto, o “aperfeiçoamento” aqui não sugere imperfeição no sentido de erro ou falha – demonstra que Jesus teve que passar por sofrimento, como homem, para ser capacitado como autor da salvação. Em outras palavras, por meio de seus sofrimentos e de sua morte, Jesus completou a missão que Deus tinha dado para ele: ser o salvador de todos (Hebreus 2:17-18; 5:8-9; 7:28; 10:14; 11:40; 12:23). Se Jesus permanecesse em seu estado divino e não tivesse se tornado humano, não estaria capacitado para ser o salvador da humanidade, pois não poderia ter sofrido e morrido.

2:11 – Jesus sofreu como irmão. O santificador (Jesus) e os santificados (cristãos) vêm de um só (Deus o Pai). Eles têm o mesmo pai, portanto são irmãos e, por isso, Jesus não tem vergonha de chamar os cristãos de irmãos (Hebreus 2:10-13, conforme Marcos 3:35; João 20:17). Outra tradução possível para “*todos vêm de um só*” seria “*da mesma origem*” (literalmente, “de um”). O fato de Jesus vir do Pai não significa que ele foi uma criação do Pai, mas sim que veio do Pai por ser um com ele – a origem dele é Deus porque ele é Deus.

A relação dos remidos com Jesus como irmãos já foi mencionada, implicitamente, no capítulo 1 – Cristo é herdeiro (Hebreus 1:2) e os remidos herdaram a salvação (Hebreus 1:14). O autor afirmou claramente essa relação especial, começando com o Pai: para conduzir “*muitos filhos à glória*” (cristãos), ele aperfeiçoou o “*Autor da salvação*” (Cristo) por meio de sofrimentos (Hebreus 2:10). Embora Jesus já soubesse o que era a dor e o sofrimento por ser Deus, quando se tornou humano ele pôde experimentar isso na carne. Portanto, ele pôde ter uma experiência prática do que é o sofrimento e a morte.

Pode-se dizer, então, que Jesus é “duplamente qualificado” para ser nosso salvador: por ser Deus, ele sabe todas as coisas e conhece os sofrimentos e aflições pelas quais passa o ser humano; por ter sido feito homem, experimentou na prática, em carne, esses sofrimentos e aflições, participando deles, sofrendo como irmão.

2:12 – O autor citou o Salmo 22:22 (“*A meus irmãos declararei o teu nome, no meio da congregação eu te louvarei*”), aplicando-o a Jesus, ou melhor, afirmando que o próprio Jesus disse tais palavras. O salmo inteiro é considerado como profecia a respeito do Messias: um salmo de Davi escrito cerca de mil anos antes da crucificação, o qual se refere aos sofrimentos e o triunfo do Messias. Embora tenha sido Davi o escritor, as palavras de Jesus foram levadas a ele pela inspiração do Espírito Santo. Na cruz, Jesus disse palavras tiradas desse mesmo salmo

(Mateus 27:46; Marcos 15:34). A citação de Salmo 22:22 reforça a relação especial de Cristo e seus irmãos, ou seja, do santificador e dos santificados.

A palavra “congregação” é um dos sinônimos da palavra “igreja” (em grego *ekklesia*). Na congregação só podem participar, como membros, os irmãos de Cristo. Os filhos de Deus foram outorgados ao Filho, Jesus, como irmãos (Hebreus 2:11), participantes da natureza de Cristo mediante o Espírito Santo (Hebreus 2:14).

2:13 – Foi citada a passagem de Isaías 8:17-18 (“*Esperarei no SENHOR, que esconde o seu rosto da casa de Jacó; a ele aguardarei. Eis-me aqui, com os filhos que o SENHOR me deu, como sinais e maravilhas em Israel da parte do SENHOR dos Exércitos, que habita no monte Sião.*”), a qual também foi dita por Jesus segundo o autor. Isaías foi inspirado pelo Espírito Santo a escrever essas palavras de Cristo, palavras que também reforçam a relação especial de irmandade de Jesus e os remidos pelo evangelho.

Hebreus 2:14-15: “*{2:14} Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, também Jesus, igualmente, participou dessas coisas, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, {2:15} e livrasse todos os que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.*”

2:14 – Cristo participou de carne e sangue, da vida terrestre e do sofrimento. Portanto, ele e os remidos são todos filhos de Deus que tiveram essas participações em comum. Além disso, Cristo ainda participou da morte.

O Livro de Hebreus dá destaque à morte de Jesus, a qual na verdade foi uma vitória: o sacrifício dele na cruz, como substituição à morte dos remidos, destruiu o diabo no sentido de neutralizar seu “*poder da morte*”, ou seja, a salvação em Cristo impede que as pessoas cheguem ao destino final do pecado, o banimento da presença de Deus ou morte espiritual – e o banimento das pessoas da presença de Deus é o objetivo das obras do diabo. As implicações disso estão escritas em Colossenses 2:15, “*despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando sobre eles na cruz*”, e em 1 João 3:8, “*Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo.*”

Satanás tem o “*poder da morte*” no sentido de poder induzir a humanidade ao pecado. É o pecado que, quando cometido, condena à morte. O diabo desvia os seres humanos do caminho que conduz a Deus e, conseqüentemente, relega o ser humano a uma condição de punição inevitável, que é o eterno afastamento da presença de Deus (Ezequiel 18:4; Romanos 5:12; 6:23). Entretanto, a graça salvadora de Deus está à disposição de todos os seres humanos que sinceramente desejam recebê-la por meio da fé obediente e operante em Jesus Cristo (João 1:12-13).

2:15 – O “*poder da morte*” de Satanás acaba sendo neutralizado quando o ser humano se converte a Cristo, recebendo a salvação do evangelho. Ao tornar-se cristão, o ser humano ainda passará pela morte física, mas não será afastado da presença de Deus se permanecer fiel. Muito pelo contrário, estará para sempre com ele. O cristão não deve temer a morte (“*o pavor da morte*”), pois foi livrado disso graças à ação redentora de Cristo. Porém, o ser humano pecador que não aceita a salvação está escravizado pelo pecado, e é essa situação que gera o “*pavor da morte*”: o pecador que não é justificado deve temer a morte, pois será a condenação para o afastamento eterno de Deus.

Com entendimento da relação especial entre Jesus e os seres humanos santificados, podemos compreender melhor o quanto ele ama a humanidade. Para se qualificar (“*aperfeiçoar*”) como salvador, Cristo deixou sua posição exaltada no céu e participou de carne e sangue (Hebreus 2:14, conforme Filipenses 2:5-8), viveu uma vida perfeita diante do Pai, sem pecado, e morreu para destruir as obras do diabo, libertando os humanos que viviam sujeitos à escravidão do pecado. É certo que o diabo é poderoso e não se deve subestimá-lo (1 Pedro 5:8). Porém, a vitória de Jesus na cruz foi um golpe fatal para Satanás, como Deus disse para a serpente no Éden em Gênesis 3:15: “*Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela. Este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar.*” É um grande erro imaginar que o diabo seja mais poderoso do que o salvador. Ao invés do foco ser direcionado no diabo e no seu poder, deve-se acreditar no poder superior de Cristo, pois ele “*é poderoso para socorrer os que são tentados*” (Hebreus 2:18).

Hebreus 2:16-18: “*{2:16} Pois ele, evidentemente, não socorre anjos, mas socorre a descendência de Abraão. {2:17} Por isso mesmo, era necessário que, em todas as coisas, ele se tornasse semelhante aos irmãos, para ser*

misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo. {2:18} Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, quando foi tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados."

2:16 – Aos anjos caídos não será concedida qualquer benevolência ou graça salvadora. O socorro de Jesus Cristo é apenas para seres humanos da “descendência de Abraão”, ou seja, os descendentes espirituais de Abraão, aqueles que verdadeiramente se convertem a Jesus Cristo, conforme Romanos 2:28-29 e Gálatas 3:7,29. Jesus tem uma relação especial de irmandade com os cristãos (seus irmãos) que ele não tem com os anjos (Salmo 22:22-24).

2:17 – Quando Jesus se humilhou para viver como homem, temporariamente menor que os anjos, ele se tornou irmão para socorrer os seres humanos, não os anjos. Ele se tornou semelhante aos humanos para que eles se tornassem semelhantes a ele. Assim, para pudesse cumprir a lei e pagar plenamente a “fiança da ira condenatória de Deus” sobre a humanidade, Cristo tinha que se tornar humano, sem pecar (Hebreus 4:15), a fim de reunir todos os “poderes legais” para se oferecer em resgate pelo pecado de toda a humanidade. O sacrifício de Cristo na cruz foi a derradeira e definitiva cerimônia de propiciação (termo hebraico que significa “cobrir”, “apagar”) exigida por Deus para que a lei fosse perfeitamente cumprida e para que a era da graça pudesse ser declarada em vigor, até o iminente e glorioso retorno dele e o juízo final.

Cristo é também apresentado como sumo sacerdote que cumpre fielmente o seu serviço sacerdotal e disponibilizou, por meio do sacrifício de si mesmo, o perdão dos pecados para a humanidade (Hebreus 1:3). Esse é um tema de destaque, característico do Livro de Hebreus, conforme Hebreus 4:14-5:10; 6:20-10:18. Sob a Antiga Aliança, somente o sumo sacerdote podia passar através do véu no tabernáculo (e mais tarde no templo) – o véu que separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo – para fazer expiação por pecados, e isso apenas uma vez por ano, no dia da expiação. Essa divisória foi rasgada na Nova Aliança.

2:18 – Jesus entende as tentações que os humanos enfrentam porque ele mesmo as enfrentou enquanto viveu como homem. No entanto, ele jamais pecou (Hebreus 4:15). Por isso ele é “poderoso para socorrer os que são tentados.”

CRISTO É SUPERIOR A MOISÉS – CRISTO, O FILHO, MOISÉS, O SERVO

Hebreus 3:1-2: “{3:1} Por isso, santos irmãos, vocês que são participantes da vocação celestial, considerem atentamente o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus, {3:2} o qual é fiel àquele que o constituiu, como também Moisés foi fiel em toda a casa de Deus.”

3:1 – Essa é a única passagem do Novo Testamento que aplica o termo “Apóstolo” a Jesus. O termo significa basicamente “aquele que é enviado a uma missão” e, nesse sentido, Cristo foi enviado por Deus para ser o salvador da humanidade (Marcos 6:30; João 3:16; 6:29; 1 Coríntios 1:1). A afirmação de que Deus enviou Jesus aparece em várias passagens bíblicas – Jesus muitas vezes referiu a si mesmo como aquele que fora enviado ao mundo pelo Pai (Mateus 10:40; Mateus 15:24; Marcos 9:37; Lucas 9:48; João 3:17; 4:34; 5:24-38; 6:38,44; Gálatas 4:4).

Jesus é sumo sacerdote, sendo isso um dos principais temas do livro (Hebreus 2:17; 4:14-15; 5:1,5-6,10; 6:20; 7:11,15,17,21,26; 8:1,3; 9:11; 10:2). Nesse papel de sumo sacerdote, Cristo é fiel a Deus (Hebreus 3:2) e representa seus irmãos, os remidos pelo evangelho, diante do Pai.

Cristo, mesmo sendo superior aos anjos, se preocupa com os homens e oferece socorro aos seus irmãos, os descendentes espirituais de Abraão. Ele chama seres humanos de irmãos, mas para que eles realmente sejam irmãos dele, precisam ser santos – separados da imundícia do pecado, conforme Hebreus 2:11-12. Aqueles que são irmãos de Jesus participam do privilégio da “vocação celestial”. Assim como Cristo participou da circunstância terrestre em tentação, sofrimento e morte (Hebreus 2:14,18), os remidos participam dessa vocação celestial, a qual foi possibilitada pela passagem dele na Terra. É interessante notar esse tema da participação: as pessoas salvas participam de Cristo (Hebreus 3:14), do Espírito Santo (Hebreus 6:4), dos sofrimentos dos santos perseguidos (Hebreus 10:33), da correção e disciplina dadas aos filhos de Deus (Hebreus 12:8) e da santidade (Hebreus 12:10). Pedro também falou dessa participação em 2 Pedro 1:4: “Por meio delas, ele nos concedeu as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vocês se tornem coparticipantes da natureza divina, tendo escapado da corrupção das paixões que há no mundo”. É por todas essas coisas que os santos, os irmãos, devem ter consideração a Cristo.

3:2 – Em seu ofício de sumo sacerdote, Cristo é totalmente fiel a Deus, da mesma forma que Moisés foi fiel. A “*casa de Deus*” inclui a ideia da família ou povo de Deus, abrangendo tanto Israel como a Igreja – o Israel espiritual (Hebreus 2:6, conforme Efésios 2:20-22). O trabalho de Moisés na “*casa de Deus*” foi o seu serviço com o povo de Israel (Números 12:7). Moisés foi enviado para libertar o povo de Israel da escravidão egípcia e guiá-lo à terra prometida. Jesus foi enviado pelo Pai para libertar os dominados pelo pecado e pelo diabo, de todas as nações, e conduzi-los ao *shabbāth* (descanso sabático em hebraico) do Senhor, prometido àqueles que creem (Hebreus 2:14-15; 4:3,9; João 1:12-13; 17:4). Moisés conduziu o povo de Israel a um descanso imperfeito, mas Jesus conduz os fiéis ao descanso eterno.

Hebreus 3:3-6: “{3:3} No entanto, assim como aquele que edifica uma casa tem maior honra do que a casa em si, também Jesus tem sido considerado digno de maior glória do que Moisés. {3:4} Pois toda casa é edificada por alguém, mas aquele que edificou todas as coisas é Deus. {3:5} E Moisés foi fiel, em toda a casa de Deus, como servo, para testemunho das coisas que haviam de ser anunciadas. {3:6} Cristo, porém, como Filho, é fiel em sua casa. Esta casa somos nós, se guardarmos firme a ousadia e a exultação da esperança.”

3:3 – Tanto Jesus quanto Moisés foram fiéis e considerados dignos de glória. Porém, não são iguais e não merecem a mesma glória. Moisés era um servo na casa de outro – na “*casa de Deus*” (Hebreus 3:2). Jesus é o herdeiro, o Filho do chefe que estabeleceu a casa. Moisés era um servo de Deus, fiel na sua obediência, mas ele não se compara à grandeza de Jesus, e esse fato reforça o argumento de que a Nova Aliança é superior à Antiga Aliança.

No capítulo 1, o autor afirmou que Jesus é superior tanto aos outros profetas de Deus como aos anjos. Ele continuou essa afirmação observando que Cristo é superior até mesmo a Moisés. Os judeus tinham muito respeito por Moisés, uma vez que ele recebeu a lei de Deus – e o autor reconheceu sua fidelidade. No entanto, Cristo é superior até mesmo a Moisés, do mesmo modo que o construtor de uma casa tem mais honra do que a casa que ele constrói.

3:4 – Todas as casas são estabelecidas por alguém, e é Deus que estabelece todas as coisas, inclusive a “*casa de Deus*” (Hebreus 3:2). Aqui, o termo “*casa*” pode ser traduzido como “*lar*” – assim, Deus é o chefe e o construtor de sua “*casa*”, o seu “*lar*”.

3:5 – Moisés foi um dos servos fiéis da “*casa de Deus*”. Ele próprio deu testemunho das “*coisas que haviam de ser anunciadas*”, ou seja, profetizou acerca da vinda e obra de Cristo (Deuteronômio 18:15-18). O Filho de Deus é o agente e herdeiro de toda a criação e, portanto, tem o direito de mandar. Moisés tinha o direito de servir.

3:6 – O filho do dono da casa é superior a um servo da mesma casa. Moisés foi um desses servos fiéis, mas Jesus é o herdeiro, o Filho do chefe que estabeleceu a “*casa*”, que é Deus. Portanto, Jesus é maior que Moisés.

A “*casa*”, o “*lar*”, consiste no povo de Deus, a família do Senhor, a Igreja (Hebreus 10:21; 1 Coríntios 3:16-17; Efésios 2:19-22; 1 Timóteo 3:15; 1 Pedro 2:5). No entanto, devemos notar o que o autor disse sobre a “*casa de Deus*” – “*Esta casa somos nós, se guardarmos firme a ousadia e a exultação da esperança.*” Os cristãos são a casa de Deus, mas essa comunhão especial com o Senhor depende da perseverança e fidelidade deles. O autor usa aqui uma palavra pequena, mas importante: “*se*”. Apenas aqueles que têm fidelidade a Jesus Cristo e que obedecem à sua Palavra são a casa dele. Sendo assim, os cristãos são a casa de Jesus se:

- Guardarem firmemente a ousadia da esperança (Hebreus 3:6,14) – a ousadia se refere ao fato do ser humano redimido ter a ousadia de se aproximar do trono do soberano do universo, sem medo de seu poder ou de seu julgamento, graças à esperança dada pelo sacrifício de Cristo, e não por mérito próprio;
- Ouvirem a voz de Deus nas Escrituras (Hebreus 3:7);
- Não endurecerem o coração (Hebreus 3:8-11), resistindo às tentações;
- Não tiverem um coração perverso de incredulidade (Hebreus 3:12,19);
- Não forem endurecidos pelo engano do pecado (Hebreus 3:13);

- Ouvirem e crerem (Hebreus 4:2).

CRISTO É SUPERIOR A MOISÉS – ADVERTÊNCIA CONTRA O DESCRENTE

Hebreus 3:7-11: “{3:7} Por isso, como diz o Espírito Santo: ‘Hoje, se ouvirem a sua voz, {3:8} não endureçam o coração como foi na rebelião, no dia da tentação no deserto, {3:9} onde os pais de vocês me tentaram, pondo-me à prova, e viram as minhas obras durante quarenta anos.’ {3:10} Por isso, me indignei contra essa geração e disse: ‘O coração deles sempre se afasta de mim; e eles não conheceram os meus caminhos.’ {3:11} Assim, jurei na minha ira: ‘Não entrarão no meu descanso.’”

3:7 – A partir de agora o autor, mais uma vez, se desviou temporariamente do assunto principal, aproveitando o ensinamento que tinha apresentado para exortar o leitor. Hebreus 3:7-4:13 compreende o “segundo desvio” do livro, sendo que Hebreus 3:7-11 corresponde à citação do Salmo 95:7-11 da Septuaginta. As diferenças entre o texto da Septuaginta e o original hebraico são de pouca importância. O autor afirmou que o salmo foi dito pelo Espírito Santo e, portanto, é mais uma evidência da inspiração do Antigo Testamento e, por conseguinte, de todas as Escrituras. O autor, portanto, exortou aos leitores que deem ouvidos ao que o Espírito Santo já disse anteriormente aos israelitas – uma lição a aprender com o passado.

A citação do Salmo 95:7-11 fez uma análise sintética da frustrante história de Israel no deserto sob a liderança de Moisés. O salmo foi utilizado para introduzir o tema da descrença e do fracasso do povo escolhido por Deus, no passado. É um salmo de convite ao louvor que alerta para o perigo de endurecer o coração e não chegar ao “descanso”, o qual é apresentado como figura da salvação. Da mesma forma que o autor do salmo usou esse fato histórico para advertir os israelitas do seu tempo contra a incredulidade e contra a desobediência à Palavra de Deus, o autor do Livro de Hebreus aplicou o mesmo princípio aos seus leitores.

3:8 – A expressão “como foi na rebelião, no dia da tentação no deserto” é como a Septuaginta, usada pelo autor, traduz, segundo seu significado, os nomes “Massá” e “Meribá” do Salmo 95:8: “não endureçam o coração, como em Meribá, como naquele dia em Massá, no deserto”, conforme Êxodo 17:1-7 e Números 20:1-13. O leitor é exortado a não endurecer o coração diante do que disse o Espírito Santo.

3:9 – Os israelitas que estavam sendo guiados por Moisés para a terra prometida tentaram a Deus e o colocaram à prova, duvidando dele e reclamando constantemente. Por isso, ao invés de completarem a jornada em um período de tempo que poderia ter sido bem menor, toda aquela geração incrédula passou quarenta anos no deserto, conforme Números 14:20-35. O autor de Hebreus alertou os leitores para que não sejam como os israelitas daquela época.

3:10 – A descrença dos israelitas que se dirigiram à terra prometida fez com que Deus se indignasse contra aquele povo. O coração deles era inclinado ao erro, ou seja, ao endurecimento e à desobediência para com o Senhor que os livrou da escravidão do Egito. Eles não quiseram conhecer os caminhos de Deus: a descrença leva ao endurecimento do coração e à desobediência, e esses, por fim, conduzem às más consequências. Ao contrário daqueles israelitas, o coração dos cristãos deve ser inclinado a aprender e seguir os caminhos do Altíssimo, dando ouvidos ao que disse o Espírito Santo.

3:11 – Deus se irou com a atitude do povo incrédulo e desobediente, de coração duro. Irado, jurou que eles jamais entrariam no “descanso”. A expressão “no meu descanso” significa a terra de Canaã, onde Deus daria aos israelitas paz e descanso, se permanecessem obedientes (Números 14:21-23). Com a citação do Salmo 95:7-11, o autor apresentou o tema do “descanso” como figura da salvação, desenvolvendo-o adiante.

Hebreus 3:12-15: “{3:12} Tenham cuidado, irmãos, para que nenhum de vocês tenha um coração mau e descrente, que se afaste do Deus vivo. {3:13} Pelo contrário, animem uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama ‘hoje’, a fim de que nenhum de vocês seja endurecido pelo engano do pecado. {3:14} Porque temos nos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até o fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos. {3:15} Como se diz: ‘Hoje, se ouvirem a sua voz, não endureçam o coração, como foi na rebelião.’”

3:12 – Aqueles que possuem um “coração mau e descrente” rejeitam as evidências e as palavras do Senhor. O autor se dirigiu aos “irmãos”, aos convertidos a Cristo, afirmando que, se eles desenvolverem esse “coração mau e

descrente”, se afastarão de Deus. Sendo assim, ao contrário do que certas doutrinas dos homens ensinam, de fato é possível que cristãos se afastem de Deus, conforme 2 Pedro 2:20-22 e Tiago 5:19-20. O que ameaça o cristão é o mesmo problema do povo de Israel do Antigo Testamento: a falta de fé, que também é o afastar-se do “*Deus vivo*”. “*Deus vivo*” é uma expressão que aparece várias vezes no Livro de Hebreus (Hebreus 9:14; 10:31; 12:22). O Deus vivo dá a vida a todos e deve ser levado a sério.

3:13 – Para evitar o afastamento de Deus, os cristãos devem exortar uns aos outros, evitando o perigo de algum deles ser “*endurecido pelo engano do pecado*”, conforme 1 Timóteo 4:2. O “*hoje*” tratado aqui é o mesmo tratado no Salmo 95:7 (Hebreus 3:7). 2 Coríntios 6:2 diz: “*Porque ele diz: ‘No tempo aceitável escutei você e no dia da salvação eu o socorri.’*” O “*hoje*” vai do presente momento até o dia da segunda vinda de Cristo (Hebreus 9:28) ou até a morte da pessoa.

Embora esta seja a “*época da graça*” divina em que todos têm à sua disposição o favor de Deus mediante o sacrifício de Cristo, a fim de se arrependem de seus pecados e terem acesso à plenitude da salvação, essa oportunidade única é garantida somente “*aqui e agora*” – amanhã pode ser tarde demais. Satanás é o mestre da mentira e tenta convencer que Deus não condenará ninguém, nem julgará com rigor, e que os erros das pessoas “*não são grandes pecados*”. Todos esses argumentos servem para endurecer os corações daqueles que os ouvem (Hebreus 2:8; Jeremias 17:9). Afastar-se de Deus com rebeldia (literalmente no grego, “*apostatar*”) é desviar-se do caminho da vida e preferir a morte, da mesma forma como agiram muitos dos israelitas que saíram do Egito a caminho de Canaã, os quais não depositaram confiança plena no Senhor.

3:14 – Os cristãos são participantes de Cristo se permanecerem guardando até o fim a confiança que tiveram desde o início da conversão. É fundamental que cada cristão verifique se permanece com a mesma fé do princípio.

3:15 – O autor repetiu o Salmo 95:7-8 citado anteriormente em Hebreus 3:7-8. O “*descanso*”, a salvação, é condicionado. Não se deve fazer como o Israel incrédulo fez no deserto “*na rebelião*”, ou seja, no dia que o povo endureceu o coração e desobedeceu a Deus, sofrendo as consequências. O “*hoje*”, a oportunidade da salvação, é única é garantida apenas “*aqui e agora*” – ela vai do presente momento até o dia da segunda vinda de Cristo (Hebreus 3:13) ou até a pessoa morrer. O amanhã pode ser tarde demais.

Hebreus 3:16-19: “*{3:16} E quem foram os que ouviram e, mesmo assim, se rebelaram? Não foram todos os que saíram do Egito por meio de Moisés? {3:17} E contra quem Deus se indignou durante quarenta anos? Não foi contra os que pecaram, cujos cadáveres caíram no deserto? {3:18} E a quem jurou que não entrariam no seu descanso, senão aos que foram desobedientes? {3:19} Assim, vemos que não puderam entrar por causa da incredulidade.*”

3:16 – Em Hebreus 3:16-18 o autor fez uso de uma série de perguntas retóricas. Uma pergunta retórica é aquela cujo objetivo não é obter uma resposta, mas estimular a reflexão sobre determinado assunto. Ele perguntou: quem eram aqueles que ouviram Deus e, mesmo assim, se rebelaram? A resposta está na próxima pergunta: não foram aqueles que deixaram o Egito guiados por Moisés? Assim, essas perguntas iniciam uma lição sobre a apostasia de Israel no deserto (Números 14:1-35; Deuteronômio 1:26). Aqueles que saíram do Egito, descendentes de Abraão, sob a liderança do fiel servo Moisés, presenciaram os sinais de Deus, mas não alcançaram o descanso, a terra prometida. É impressionante que os próprios israelitas escolhidos e salvos da escravidão se desviaram do Senhor, conforme 1 Coríntios 10:1-11.

3:17 – Seguem outras duas perguntas retóricas utilizadas para continuar a lição sobre a apostasia de Israel no deserto. A primeira pergunta é: contra quem Deus se indignou por quarenta anos? Como anteriormente, a resposta está na segunda pergunta: “*Não foi contra os que pecaram, cujos cadáveres caíram no deserto?*” De todas as pessoas que tinham mais de vinte anos de idade quando o povo saiu do Egito, somente Calebe e Josué entraram na terra de Canaã (Números 14:28-35). Os demais morreram no deserto, pois pecaram e não se arrependeram.

3:18 – Continuando a mesma linha de raciocínio, a última pergunta retórica foi: “*E a quem jurou que não entrariam no seu descanso, senão aos que foram desobedientes?*” A resposta está na própria pergunta: “*senão aos que foram desobedientes*” – os israelitas que pecaram e morreram no deserto (Hebreus 3:17). A expressão “*a quem jurou*” está conforme Hebreus 3:11 e o Salmo 95:11.

3:19 – A Israel foi prometido um descanso, mas aquelas pessoas não herdaram esse descanso. O autor afirmou que elas não puderam entrar no descanso prometido por causa da descrença. Os próprios israelitas escolhidos e salvos da escravidão tornaram-se incrédulos. A culpa não foi de Deus, foi deles. Eles pecaram. Não se arrependeram. Isaías 59:1-2 diz: *“Eis que a mão do SENHOR não está encolhida, para que não possa salvar; e o seu ouvido não está surdo, para não poder ouvir. Mas as iniquidades de vocês fazem separação entre vocês e o seu Deus; e os pecados que vocês cometem o levam a esconder o seu rosto de vocês, para não ouvir os seus pedidos.”*

A conclusão é que o povo que saiu livre do Egito não pôde completar a viagem por não ter crido de todo o coração nas promessas de Deus, o que fez com que ele “abrisse a guarda” e caísse em muitos pecados dos quais não se arrependeu. O Senhor, em sua ira e juízo, fechou a ele as portas de Canaã, a exemplo do que já havia feito com Adão e Eva em Gênesis 3:23-24, para que toda aquela geração de israelitas incrédulos perecesse sem chegar ao lugar do descanso (Números 14:21-35). Os leitores foram admoestados a terem muita cautela com os mesmos perigos no sentido espiritual.

Hebreus 4:1-2: *“{4:1} Portanto, visto que nos foi deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, tenhamos cuidado para não parecer que algum de vocês deixou de alcançá-la. {4:2} Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, exatamente como aconteceu com eles. Mas a palavra que eles ouviram não lhes trouxe proveito, porque não foram unidos por meio da fé com aqueles que a ouviram.”*

4:1 – Em Hebreus 4:1-13 o autor fez a aplicação da lição sobre a apostasia de Israel no deserto (Hebreus 3:16-19) aos cristãos. Ele observou que o descanso prometido (Hebreus 3:7-11), o “descanso de Deus”, ainda permanece, e a promessa desse descanso foi deixada para os cristãos. No entanto, eles devem ter cuidado, e até mesmo temor, para não perderem a promessa de entrar no descanso de Deus, isto é, terem cuidado para que não pareça que algum deles “deixou de alcançá-la.”

O “descanso de Deus” é uma figura para falar sobre a salvação por meio de Cristo, a qual também é ligada à promessa da eterna herança mencionada em Hebreus 9:15. É o mesmo que o reino dos céus (Mateus 4:17) ou a vida eterna (João 3:16). O autor fez a comparação da caminhada dos israelitas no deserto, abandonando a escravidão no Egito e peregrinando até o “descanso de Deus” (em hebraico *shabbāth*) na terra prometida, em relação à jornada do cristão rumo a seu pleno repouso espiritual no reino de Deus.

4:2 – Deus anunciou a Palavra aos leitores. Ele anunciou as “boas-novas” aos israelitas com essa Palavra. Porém, eles ouviram, mas não creram – o ouvir não veio acompanhado pela fé. Outra tradução possível para “não foram unidos por meio da fé com aqueles que a ouviram” é “porque não se uniram por fé aos que a haviam obedecido”.

O descanso dos israelitas, sob a liderança de Moisés e, mais tarde, de Josué, foi temporário e terrestre e prenunciava o descanso eterno dos cristãos em Cristo (Hebreus 4:8; Josué 1:13). A expressão grega traduzida por “unidos” de fato tem o significado literal de “unir”, enquanto se pode dizer também que “as boas-novas” foram literalmente “evangelizadas”. A fé compromete o ouvinte com a mensagem recebida. Se a mensagem ouvida não for acompanhada de fé, não há compromisso com ela (Romanos 10:16; Isaías 53:1).

Hebreus 4:3-5: *“{4:3} Nós, porém, que cremos, entramos no descanso, conforme Deus disse: ‘Assim, jurei na minha ira: ‘Não entrarão no meu descanso.’ Ele disse isso, mesmo que as obras já estivessem concluídas desde a fundação do mundo. {4:4} Porque, em certo lugar, assim disse a respeito do sétimo dia: ‘No sétimo dia, Deus descansou de todas as obras que tinha feito.’ {4:5} E, novamente, no mesmo lugar: ‘Não entrarão no meu descanso.’”*

4:3 – Ao contrário daqueles que tiveram uma atitude descrente em relação a Deus, aqueles que creem nele têm entrada no descanso. Crer verdadeiramente em Cristo envolve muito mais do que acreditar que ele existe e em fazer uma confissão de aceitá-lo como Senhor e salvador. Para a pessoa entrar no descanso, crer implica em obediência a Jesus, ou seja, a conversão nos termos que ele estabeleceu: (1) crer em Cristo como Senhor (Deus – ele manda e nós obedecemos, ainda que não gostemos de alguns de seus ensinamentos) e como salvador (João 6:29; 8:24,58; Atos 4:12); (2) confessar a fé do evangelho durante toda a vida, e não apenas no momento de conversão (Atos 2:29-33; 8:33-36; Romanos 10:9-10,13; 1 Coríntios 15:12-14; Apocalipse 2:10); (3) se arrepender, ou seja, desistir de pecar e se comprometer a seguir os ensinamentos de Cristo (Mateus 3:8; 7:20; Lucas 13:1-7; 1 João 1:8-2:2); (4) ser batizado (imerso em água) em nome do Pai, Filho e Espírito Santo/de Cristo com o objetivo de obter a remissão de pecados e o recebimento do dom do Espírito – a própria salvação e a capacitação para nela permanecer (Mateus

28:18-20; Marcos 16:15-16; João 3:5; Atos 2:38; 22:16; Romanos 6:3-4; Gálatas 3:26-27; Colossenses 2:12; 1 Pedro 3:21); e (5) perseverar na fé do evangelho, isto é, persistir em aplicá-la na vida prática até o fim (Mateus 10:22; Hebreus 10:26-31,35-36,39). Todos esses aspectos estão presentes na verdadeira crença em Deus. Se faltar algum, a pessoa ainda não se tornou cristã.

É interessante que o autor afirmou aqui que aqueles que creem já estão no descanso, porém, ao mesmo tempo, ainda estão para entrar nele e devem se esforçar para isso (Hebreus 4:11). O cristão já encontra o descanso em Cristo aqui mesmo na Terra, mas a plenitude desse descanso ainda está por vir e, por isso, ele deve perseverar no Senhor. A descrença resulta na ira do Senhor e na perda da entrada no descanso, conforme Hebreus 3:11 e Salmo 95:11. Do mesmo modo em que a fé nas promessas do Altíssimo era requerida para entrar no descanso de Canaã, também os cristãos só ingressarão no descanso pleno e eterno da salvação mediante uma fé sincera e obediente em Jesus Cristo.

O autor também afirmou que as obras de Deus estavam concluídas desde a fundação do mundo. Isso implica que Deus já planejou o descanso que cumpre seu plano eterno para os fiéis há muito tempo.

4:4 – O autor, quando disse: *“em certo lugar, assim disse a respeito do sétimo dia: ‘No sétimo dia, Deus descansou de todas as obras que tinha feito’*”, fez referência a Gênesis 2:2. Deus concluiu suas obras no sétimo dia da criação e descansou (Gênesis 2:1-3). Porém, o descanso dele em Gênesis 2:1-3 não é o descanso que cumpre seu plano eterno, pois ele prometeu um descanso mais tarde ao povo de Israel. O autor abordou o descanso de Deus mencionado em Gênesis 2:1-3 mais adiante, em Hebreus 4:10.

4:5 – Uma leitura superficial pode passar uma impressão um tanto confusa sobre ao que o autor se referiu quando disse *“E, novamente, no mesmo lugar”*. O *“mesmo lugar”* se refere à mesma passagem de *“Não entrarão no meu descanso”*, ou seja, o Salmo 95:11 (também citado em Hebreus 3:11). Por isso também ele disse *“E, novamente”* – ele estava repetindo a citação do Salmo 95:11 para enfatizar que apenas aqueles que creem compartilham do descanso (Hebreus 4:3). Aqueles que têm o mesmo tipo de atitude descrente dos israelitas no deserto não compartilham desse descanso.

O sábado dado como lei a Israel no Monte Sinai também não pode ser o descanso do plano eterno do Senhor, pois ele ainda falou de um descanso depois disso.

Hebreus 4:6-11: *“{4:6} Visto, portanto, que resta entrarem alguns naquele descanso e que, por causa da desobediência, não entraram aqueles aos quais anteriormente foram anunciadas as boas-novas, {4:7} de novo, determina certo dia, ‘hoje’, falando por Davi, muito tempo depois, segundo antes tinha sido declarado: ‘Hoje, se ouvirem a sua voz, não endureçam o coração.’ {4:8} Ora, se Josué lhes tivesse dado descanso, não falaria, posteriormente, a respeito de outro dia. {4:9} Portanto, resta um repouso sabático para o povo de Deus. {4:10} Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus descansou das suas. {4:11} Portanto, esforcemo-nos por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, segundo aquele exemplo de desobediência.”*

4:6 – A expressão *“resta entrarem alguns naquele descanso”* indica que ainda há lugar no descanso. Os israelitas que pereceram no deserto se revoltaram contra Deus e assim não entraram no descanso da terra prometida por causa da desobediência (Hebreus 4:2). Diante disso, há outros que vão receber o descanso. As *“boas-novas”* de Deus foram anunciadas para aqueles israelitas (Hebreus 4:2), mas a Palavra não foi de proveito para eles, uma vez que não estava unida à fé daqueles que a ouviram (Hebreus 4:2). Eis a importância da fé: sem fé é impossível agradar a Deus (Hebreus 11:6).

4:7 – Como ainda há lugar no descanso, e aqueles israelitas a quem foram dadas as *“boas-novas”* não entraram nele, Deus disse por meio de Davi, cerca de 400 anos depois da conquista da terra prometida, a mesma coisa que disse àqueles israelitas: *“Hoje, se ouvirem a sua voz, não endureçam o coração”* (Salmo 95:7-8). O alerta foi repetido para a geração de Davi.

4:8 – Não haveria necessidade de Davi falar novamente do descanso se ele fosse a terra de Canaã, pois Israel já havia tomado posse dela cerca de 400 anos antes, ou seja, Davi já estava nela. O Senhor ainda falou do

descanso depois de Josué conduzir o povo à terra prometida (Deuteronômio 31:8; Josué 22:4), alertando aos fiéis para que não endurecessem seus corações quando o ouvirem (Hebreus 4:7).

Uma coisa interessante é que o nome Jesus é a forma grega do nome hebraico Josué. Aqui também fica implícita a superioridade de Jesus Cristo em relação a Josué.

4:9 – Se o alerta feito pelo Senhor por meio de Davi, 400 anos depois da conquista da terra prometida, foi repetido (Hebreus 4:7), o descanso do plano eterno de Deus ainda permanece. Se ainda permanece, a terra de Canaã também não é o descanso que cumpre o plano eterno de Deus.

4:10 – Tendo em vista o que foi afirmado pelo autor em Hebreus 4:1-9, qual descanso cumpre o eterno plano de Deus? Seria o sábado do descanso de Deus em Gênesis 2:1-3 (Hebreus 4:4)? Não, porque Deus prometeu um descanso mais tarde ao povo de Israel. Seria então o sábado dado aos israelitas no Monte Sinai (Êxodo 31:12-17)? Também não, porque depois disso Deus ainda falou de um descanso. Até mesmo quando a nação de Israel entrou finalmente na terra de Canaã, o descanso ainda permaneceu (Hebreus 4:8), caso contrário Davi não teria escrito muitos anos depois da conquista de Canaã como se o descanso ainda permanecesse (Salmo 95:7; Hebreus 4:6-9). O descanso que agora permanece não é a terra física de Canaã, nem mesmo o dia de sábado: tal descanso é uma figura para falar sobre a salvação por meio de Cristo (Hebreus 4:1), a qual resulta na entrada dos fiéis no céu.

A expressão *“aquele que entrou no descanso de Deus”* refere-se a Jesus Cristo. Foi ele que entrou no céu, na presença celestial de Deus (Hebreus 1:3; 4:14; 9:12,24) e, da mesma forma que Deus Pai descansou da obra da criação (Gênesis 2:1-3), Deus o Filho também descansou de sua obra redentora.

Por meio da fé obediente em Jesus Cristo, os cristãos já são cidadãos do céu mesmo estando aqui na Terra e, nesse sentido, já entraram no *“descanso de Deus”* – estão dentro da salvação em Cristo (Hebreus 4:3). No entanto, devem permanecer nessa salvação para poderem chegar até o céu, onde encontrarão a maior concretização desse descanso. Assim como Deus descansou da obra da criação, e Cristo descansou de sua obra redentora, o cristão também descansará dos seus esforços empregados para alcançar a salvação. Esses esforços não compreendem a obtenção da salvação por obras de mérito próprio, mas a perseverança na fé, a obediência diária à Palavra de Deus. O cristão salvo repousará na obra consumada pelo Filho de Deus na cruz do Calvário – a obra que permitiu a condução ao descanso do plano eterno de Deus.

4:11 – Tomando como base o texto do Salmo 95, o autor advertiu contra a falta de fé (Hebreus 3:12,19) e estimulou aos cristãos que continuassem firmes até o fim (Hebreus 3:12). Os israelitas se revoltaram contra Deus e, assim, não entraram no descanso da terra prometida. Diante disso, outros vão receber o descanso (Hebreus 4:6) – ainda existe um descanso para o povo de Deus (Hebreus 4:9). O descanso é uma figura para falar sobre a salvação por meio de Cristo (Hebreus 4:1), a qual conduz os fiéis ao céu, a habitação celestial de Deus. Portanto, conclui o autor, cada cristão deve se esforçar para permanecer no caminho do Senhor e não perder o acesso a esse descanso, diferentemente do exemplo dos israelitas incrédulos e desobedientes que caíram mortos no deserto. Esse esforço significa perseverar na doutrina do evangelho, e não se trata de tentar *“comprar a salvação”* com obras de mérito. O descanso é condicionado e de fato é possível que um cristão perca a salvação ao se desviar do caminho do Senhor. Jesus afirmou em Lucas 13:24-25: *“Esforcem-se por entrar pela porta estreita! Pois eu afirmo a vocês que muitos procurarão entrar, mas não conseguirão. Quando o dono da casa se tiver levantado e fechado a porta, e vocês, do lado de fora, começarem a bater, dizendo: ‘Senhor, abra a porta para nós’, ele responderá: ‘Não sei de onde vocês são.’”*

Há uma boa lição para aprender aqui. As pessoas devem obedecer a Deus ou aos homens? Ora, Deus disse para que elas se esforcem para entrar no descanso no céu. Em contraste, alguns homens dizem para as pessoas se esforcem para guardar o descanso do sábado, ou para se esforcem para entrar no descanso em um paraíso terrestre. Deve-se lembrar do perigo de seguir o exemplo da desobediência dos israelitas.

Hebreus 4:12-13: *“{4:12} Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para julgar os pensamentos e propósitos do coração. {4:13} E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e expostas aos olhos daquele a quem temos de prestar contas.”*

4:12 – A expressão “*palavra de Deus*” tem na Bíblia diversos significados e inclui toda a revelação divina e o poder criador e salvador de Deus, conforme Hebreus 1:13; Isaías 49:2; João 1:1-18; Efésios 6:17; 1 Pedro 1:23-25. O que Deus diz (como em Hebreus 1:1-2) é sempre poderoso e eficaz (Isaías 49:2; 55:11; Jeremias 23:20; Efésios 6:17; Apocalipse 1:16; 2:12). A Palavra de Deus é:

- Viva: a Palavra é viva como assim como o Deus vivo. A Palavra dele deve ser respeitada e aplicada nos dias de hoje;
- Eficaz: poderosa, capaz de efetuar o que Deus quer, conforme Hebreus 1:3; Romanos 1:16; Isaías 55:11;
- Cortante e penetrante: penetra no íntimo do ser humano e corta coisas aparentemente inseparáveis a fim de fazer distinções difíceis e exatas;
- Apta para julgar: julga os verdadeiros motivos e pensamentos dos seres humanos. A reação de cada pessoa à Palavra revelada revela seu “tipo de coração”, conforme Lucas 8:4-15 e Tiago 1:23-25.

A alma é sensível e o ser humano a tem em comum com os animais, sendo ela o centro dos “desejos terrenos”. O espírito é racional e é a parte espiritual mais elevada e receptiva ao Espírito de Deus, a qual coloca o ser humano a par com seres celestiais. A alma é associada mais comumente com a vida física (a força animadora, a própria pessoa, o aspecto caracterizado pela personalidade e emocionalidade, o componente formado à imagem de Deus) enquanto o espírito se relaciona mais com a mente e o aspecto espiritual do homem. Às vezes alma e espírito são intercambiáveis nas Escrituras. A Palavra de Deus é capaz de separar coisas aparentemente indivisíveis, tais como a parte espiritual e a parte física de alguém, de modo a manifestar sua verdadeira intenção.

A expressão total de Deus foi revelada aos seres humanos por meio da pessoa de Jesus Cristo, a Palavra encarnada (João 1:1,14). Da mesma forma, a Palavra de Deus foi confiada verbalmente às pessoas. Essa Palavra dinâmica e ativa de Deus, no cumprimento de todos os seus planos, aparece claramente tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento (Salmo 107:20; 147:18; Isaías 40:8; 55:11; Gálatas 3:8; Efésios 5:26; Tiago 1:18; 1 Pedro 1:23). Tanto a onipotente e onisciente presença do Senhor quanto o poder de discernimento de sua Palavra revelam os sentimentos e intenções mais íntimas, trazendo-os à tona da consciência das pessoas, para que possam ser julgadas (1 Coríntios 4:5).

Em Efésios 6:17, Paulo falou sobre a “espada do Espírito”, a qual é a Palavra de Deus. Naquele contexto, o cristão foi comparado a um soldado romano, com armadura, escudo e espada. A Palavra de Deus foi o único equipamento ofensivo mencionado – é a arma do cristão para vencer os inimigos espirituais e salvar as pessoas. A figura de soldados em guerra é comum nas Escrituras, especialmente no Novo Testamento, para enfatizar a natureza do conflito entre o certo e o errado, a verdade e o erro, a vida e a morte. A espada romana era comumente de dois gumes, tornando-a melhor para perfurar e cortar em duas direções. Assim, a ideia da Palavra de Deus como sendo penetrante e cortante significa que ela atinge o “centro de ação” do ser humano e traz à tona os motivos e sentimentos daqueles atingidos por ela.

4:13 – A expressão “*todas as coisas estão descobertas e expostas aos olhos daquele a quem temos de prestar contas*” significa que tudo é visível ao Senhor, nada é oculto a ele (Jeremias 11:20; Romanos 8:27; 1 Coríntios 4:5). As pessoas serão julgadas pelo Deus que tudo vê, conforme 2 Coríntios 5:10.

CRISTO É SUPERIOR AOS SACERDOTES ARÔNICOS – ACESSO AO TRONO DA GRAÇA POR MEIO DO SUMO SACERDOTE SUPERIOR

Hebreus 4:14-16: “*{4:14} Tendo, pois, Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que adentrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. {4:15} Porque não temos sumo sacerdote que não possa se compadecer das nossas fraquezas; pelo contrário, ele foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. {4:16} Portanto, aproximemo-nos do trono da graça com confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça para ajuda em momento oportuno.*”

4:14 – Depois do “desvio” de Hebreus 3:7-4:13, o autor retornou ao tema do sacerdócio de Jesus. O papel dele como sumo sacerdote foi introduzido em Hebreus 2:17 e Hebreus 3:1. A seguir, o autor demonstrou o

significado do sacerdócio de Cristo. Ele já penetrou os céus, conforme Hebreus 1:3; 4:10; 9:12,24. A posição do Filho de Deus como sumo sacerdote na presença do Pai é a base da confiança dos cristãos, conforme Hebreus 3:6,14. Por isso, os cristãos podem manter com firmeza sua declaração pública de fé.

O autor de Hebreus começou aqui uma longa exposição em relação à superioridade do sacerdócio de Cristo sobre Arão e o ministério da tradição sacerdotal do Antigo Testamento. Para os cristãos de hoje, isso pode ser um tema de entendimento tranquilo. No entanto, para os judeus de todos os tempos, especialmente no primeiro século, essas conclusões são tão chocantes quanto reveladoras e salvadoras (Salmo 110:4). Assim como o sumo sacerdote arônico, no dia da expiação, passava por entre os olhares expectativos do povo em direção ao Santo dos Santos, assim também Jesus passou para além da vista dos discípulos que o observavam atentamente, elevando-se e atravessando pelos céus até adentrar o santuário celestial, ocupando sua suprema transcendência e autoridade, e cumprindo plenamente sua obra expiatória (Hebreus 7:26; Atos 1:9-11; Efésios 4:10; Filipenses 2:9-11).

4:15 – Cristo conviveu com os seres humanos e, por isso, compadece-se das fraquezas e dificuldades deles (Hebreus 2:14-18). Um sacerdote representa os humanos diante de Deus, papel para o qual Jesus se qualificou por ter vivido como homem, conforme Hebreus 2:17. Além de ser o criador, ele foi tentado em todas as coisas como qualquer pessoa (Mateus 4:1-11; Lucas 4:1-13) e, por isso, compreende plenamente a batalha humana contra os desejos carnis. No entanto, há uma grande diferença: Jesus não é um sacerdote igual aos humanos que ele representa, pois ele nunca pecou (Hebreus 7:26; João 8:46; 2 Coríntios 5:21; 1 Pedro 2:21-22).

Jesus é um sumo sacerdote que não se mantém distante nem alienado do ser humano e de suas aflições, como ocorria com muitos sacerdotes judaicos e, ainda hoje, acontece com muitos “líderes espirituais”. Deus se fez carne em Cristo e sentiu na pele as fraquezas e sofrimentos que acometem às pessoas. Entretanto, ele jamais pecou, o que significa que ele obteve vitória sobre todos os desafios da carne e do espírito. Portanto, Jesus pode sentir o que sentimos e oferecer a sua ajuda compassiva.

4:16 – Graças à atuação de Jesus Cristo como sumo sacerdote, os cristãos têm acesso a se aproximarem do trono de Deus, o “trono da graça”, com confiança. Não se trata da confiança baseada na própria justiça do ser humano – trata-se da confiança na misericórdia, graça e socorro que Cristo oferece.

Por meio de Jesus, o trono divino não é mais um lugar que assusta, assim como Moisés teve medo quando viu as manifestações de Deus no Monte Sinai (Hebreus 12:18-21). As pessoas podem também vir a temer aquele que se assenta ao trono por causa de seu julgamento (Apocalipse 20:11-15). Porém, para os cristãos, a aproximação de Deus em seu trono é um lugar para encontrar-se graça, em qualquer ocasião em que o cristão precise da ajuda do Senhor (“em momento oportuno”).

CRISTO É SUPERIOR AOS SACERDOTES ARÔNICOS – AS QUALIFICAÇÕES SACERDOTAIS DE JESUS

Hebreus 5:1-3: “{5:1} Cada sumo sacerdote, sendo escolhido dentre os homens, é constituído nas coisas relacionadas com Deus, a favor dos homens, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados. {5:2} Ele é capaz de se compadecer dos ignorantes e dos que se desviam do caminho, pois também ele mesmo está rodeado de fraquezas. {5:3} Por esta razão, deve oferecer sacrifícios pelos pecados, tanto do povo como de si mesmo.”

5:1 – O sumo sacerdote tinha que ter algumas características específicas. Para alguém ser um sumo sacerdote, primeiramente tinha que ser “escolhido dentre os homens”, ou seja, Deus determina um dentre o povo para ser sumo sacerdote (Hebreus 5:4) – não eram os homens que se ofereciam ao cargo. Ele também deveria ser “constituído nas coisas relacionadas com Deus, a favor dos homens, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados”, ou seja, dedicar sua vida ao Senhor e servir a favor das pessoas diante dele, intercedendo por elas com ofertas pelos pecados (Levítico 9:7; 16:6) e de comunhão. A expressão “oferecer dons e sacrifícios pelos pecados” denota que o sumo sacerdote não oferecia apenas os sacrifícios de animais para expiar os pecados do povo – nem todo sacrifício era para expiar pecados. Muitos dos sacrifícios rituais, os “dons” aqui mencionados, foram concebidos como simples “presentes” a Deus, expressando agradecimento e o desejo de ter e manter comunhão com ele.

É interessante que Jó clamou em seu desespero: “Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós dois” (Jó 9:33). Ele percebeu que não era capaz de falar diretamente com Deus por causa de sua majestade e sentiu

agudamente a falta de um mediador ou árbitro. O autor de Hebreus observou que há um mediador entre os humanos e Deus: o sumo sacerdote Jesus Cristo.

5:2 – O sumo sacerdote também é capaz de se compadecer dos pecadores, seja aqueles que pecam por ignorância, seja aqueles que erram. O sumo sacerdote humano estava rodeado de fraquezas, ou seja, as pessoas ao seu redor eram todas passíveis de cometerem pecado, assim como ele mesmo.

De fato, o sumo sacerdote levítico poderia verdadeiramente simpatizar com a situação difícil dos pecadores, porque todo sacerdote era, ele mesmo, culpado de pecado. Assim, ele tinha que primeiro oferecer sacrifício por seus próprios pecados e, então, podia fazer intercessão pelo restante do povo (Levítico 16).

5:3 – Por causa da tendência pecaminosa do ser humano, o sumo sacerdote tem como parte de seu ofício a realização de expiação por pecados, sejam pecados do povo, sejam pecados dele mesmo (Levítico 16:6). No caso do sumo sacerdote Jesus, não há a necessidade de que ele ofereça sacrifícios todos os dias, pois ele fez isso de uma vez por todas, conforme Hebreus 7:27. Ele nem sequer precisa oferecer sacrifícios por si mesmo, uma vez que ele não tem pecado (Hebreus 4:15).

Hebreus 5:4-6: *"{5:4} E ninguém toma esta honra para si mesmo, a não ser quando chamado por Deus, como aconteceu com Arão. {5:5} Assim, também Cristo não glorificou a si mesmo para se tornar sumo sacerdote, mas quem o glorificou foi aquele que lhe disse: 'Você é meu Filho, hoje eu gerei você.' {5:6} E em outro lugar também diz: 'Você é sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.'"*

5:4 – O autor afirmou que o ofício de sumo sacerdote é uma honra. No entanto, não é uma honra que alguém pode tomar para si mesmo sem que tenha sido chamado por Deus. Arão foi um exemplo de um homem que Deus escolheu para o sacerdócio (Êxodo 28:1-3; Levítico 8:1-9).

5:5 – Assim como não foi Arão que, por si mesmo, tomou a honra de ser sumo sacerdote, mas foi chamado por Deus, Jesus também não tomou essa honra para si mesmo – foi Deus que o escolheu para ser sumo sacerdote, glorificando-o e dizendo a ele *"Você é meu Filho, hoje eu gerei você"* (Hebreus 1:5; Salmo 2:7). Jesus, o Filho, foi designado por Deus de acordo com declarações proféticas (Salmo 2:7; 110:4).

O autor, assim como em Hebreus 1:5, citou o Salmo 2:7: *"O rei diz: 'Proclamarei o decreto do SENHOR. Ele me disse: 'Você é meu Filho, hoje eu gerei você.'"* Essa citação originalmente se referia à coroação de um rei israelita sucessor de Davi. No Novo Testamento é uma citação aplicada ao Messias, conforme Atos 13:33: *"como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando Jesus, como também está escrito no Salmo número dois: 'Você é meu Filho; hoje eu gerei você'"* – o que demonstra o cumprimento perfeito da vontade de Deus na ressurreição de Jesus Cristo. O referido Salmo denota uma fórmula de adoção em que o rei, ao ser coroado, era reconhecido como filho de Deus (2 Samuel 7:14; 1 Crônicas 17:13) e, portanto, *"Você é meu Filho, hoje eu gerei você"* não é uma expressão que indica que Jesus foi criado, mas demonstra que ele foi coroado como rei diretamente por Deus Pai. Assim, Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, sumo sacerdote e rei.

5:6 – Foi citado o Salmo 110:4, *"Você é sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque."* Essa é a primeira de oito vezes em que o nome de Melquisedeque aparece no Livro de Hebreus (Hebreus 5:10; 6:20; 7:1,10-11,15,17). O tema do sacerdócio segundo a *"ordem de Melquisedeque"* é um tema importante do Salmo 110, sendo que a importância dessa profecia foi explicada mais adiante em Hebreus 6:20-7:17.

Melquisedeque (Gênesis 14:17-20) é *"um tipo de Cristo"*. O sacerdócio de Jesus não era conforme a ordem de Arão, mas segundo a *"ordem de Melquisedeque"* (Hebreus 1:5; Salmo 2:7-9; Romanos 1:4), ou seja, assim como Melquisedeque era, ao mesmo tempo, rei e sacerdote, assim também ocorre com Jesus Cristo.

Hebreus 5:7-8: *"{5:7} Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte, foi ouvido por causa da sua reverência. {5:8} Embora fosse Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu"*

5:7 – O autor se referiu à agonia de Cristo no Getsêmani (Mateus 26:36-46; Marcos 14:32-42; Lucas 22:39-46). Jesus orou a Deus *"com forte clamor e lágrimas"* para que, se fosse da vontade do Pai, ele fosse poupado da morte.

Jesus, em seu ministério terrestre, também era humano. Deus é todo-poderoso e poderia tê-lo livrado da morte, mas sua vontade foi que Jesus morresse na cruz.

A existência da preposição “ek” no manuscrito original grego deixa claro que Cristo pediu ao Pai que o livrasse da morte, mas em um sentido mais amplo de morte, não apenas a morte física. Ele não recuou, em momento algum, diante dos sofrimentos e das aflições físicas mais extremas. Todavia, ficou horrorizado com o pecado da humanidade com que haveria de arcar – o pecado da humanidade seria imputado nele e ele estaria temporariamente afastado da comunhão com o Pai (Mateus 26:36; 27:46). Enquanto estava na cruz, Jesus estava na posição de maldito (Deuteronômio 21:22-23; Gálatas 3:13; 1 Pedro 2:24) por estar com o pecado de toda a humanidade imputado sobre si (Isaías 53:4). O vínculo de comunhão entre ele e o Pai foi temporariamente cortado enquanto ele estava nessa posição. Para Jesus, que nunca tinha se separado do Pai, foi uma experiência horrível, além de ter que suportar todo o sofrimento físico, mental e emocional cumulativo da crucificação. Jesus chegou a clamar “*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*” citando o Salmo 22:1.

A afirmação “*foi ouvido por causa da sua reverência*” denota que o Altíssimo ouviu a oração de Jesus por causa da sua submissão reverente ao Senhor – a expressão grega *eulabeia* significa “reverente temor a Deus” e também pode ser traduzida como “piedade” ou “reverência”. Certamente não deve ter sido nem um pouco agradável para Deus ouvir seu Filho clamar por livramento e ter que encaminhá-lo para a cruz. No entanto, foi sua vontade soberana e, no fim das contas, foi o melhor. A oração de Jesus foi de fato ouvida: é notável como, após a oração, ele enfrentou os acontecimentos que se seguiram com coragem, indo até o fim – a oração o fortaleceu no momento de angústia. O relato de Lucas sobre a agonia de Jesus no Getsêmani informa que um anjo foi enviado para consolá-lo (Lucas 22:43). Jesus esteve temporariamente afastado do Pai enquanto tinha o pecado da humanidade imputado sobre si, mas Deus o salvou da morte eterna por meio da ressurreição, a mesma ressurreição que os cristãos herdarão graças ao sacrifício vicário de Jesus. Deus ouviu o forte clamor e lágrimas da oração de Jesus no Getsêmani e não o deixou afastado dele por muito tempo.

5:8 – Apesar de ser o Filho de Deus, Cristo se fez humano e passou pelo aprendizado que todos os humanos estão sujeitos, ou seja, ele literalmente “sentiu na carne como é ser humano”.

As lutas, tentações e vitórias de Jesus foram reais e, ao contrário de Adão, o qual relativizou a Palavra de Deus e fracassou e caiu, Jesus permaneceu fiel e prevaleceu (Romanos 5:19; Gálatas 1:4). Ele foi submisso e obediente, consumando toda a vontade de Deus (Hebreus 10:5-10; 12:1-11), assim como Paulo afirmou em Filipenses 2:8: “*ele se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz.*”

Hebreus 5:9-10: “*{5:9} e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem. {5:10} E Deus o nomeou sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque.*”

5:9 – Jesus cumpriu sua missão e foi “*aperfeiçoado*” pela sua experiência enquanto viveu como humano, ou seja, ele foi completamente equipado para seu papel. Ele foi obediente ao Pai (Hebreus 5:8) e assim se tornou “*o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem.*” A palavra “*Autor*” significa que Jesus se tornou a “*fonte da eterna redenção*” ou a “*fonte da salvação eterna*” (Hebreus 2:10; 9:12; 12:2; Romanos 4:25; 10:9; Tiago 2:14-26), mas apenas para os obedientes – o próprio Jesus teve que se mostrar obediente (Hebreus 5:8) para assumir seu papel na casa de Deus.

Foi por meio dos sofrimentos que Jesus foi “*aperfeiçoado*”. Ao contrário do que uma leitura superficial pode dar a entender, o fato de Jesus ter sido aperfeiçoado não implica em alguma falha ou imperfeição nele. O sentido do “*aperfeiçoamento*” é de ser “*equipado*”, “*qualificado*” ou “*capacitado*” para uma determinada função, para cumprir um determinado propósito. Jesus não cometeu pecado (Hebreus 4:15), sendo, portanto, perfeito. O ponto é que Cristo teve que passar por sofrimento como ser humano para ser qualificado como “*Autor da salvação*” – ele completou a missão que Deus deu a ele: ser a fonte da salvação eterna. Se Jesus permanecesse apenas em seu estado divino e não tivesse se tornado humano, não estaria capacitado para ser o salvador da humanidade, pois não poderia ter sofrido e morrido.

Os cristãos têm que ser obedientes para alcançarem o descanso celestial (Hebreus 3:18; 4:11). A obediência faz parte da perseverança na sã doutrina de Cristo. Ajuntando-se informações bíblicas sobre a salvação, conclui-se que o ser humano não pode se salvar por suas próprias obras, as “*obras de mérito*” (Efésios 2:8-9). No entanto,

doutrinas bastante difundidas que excluem do plano da salvação a obediência do ser humano estão completamente equivocadas – essas doutrinas dizem que, para ser salvo, basta “crer e confessar”, sem a necessidade de arrependimento e batismo (Atos 2:38; 22:16). Cristo fez tudo que o Pai determinou, sem omitir nada, e os cristãos devem seguir seu exemplo.

5:10 – Cristo foi nomeado pelo Pai como sumo sacerdote, cumprindo as exigências de Deus (o “aperfeiçoamento”) antes de ser nomeado. Ele não tomou essa honra para si (Hebreus 5:4). O sacerdócio de Jesus é segundo a “*ordem de Melquisedeque*” (Hebreus 1:5; Salmo 2:7-9; Romanos 1:4), ou seja, ele é tanto rei quanto sacerdote.

CRISTO É SUPERIOR AOS SACERDOTES ARÔNICOS – EXORTAÇÃO A TORNAR-SE ESPIRITUALMENTE MADURO

Hebreus 5:11-14: *“{5:11} A esse respeito temos muitas coisas a dizer, coisas difíceis de explicar, porque vocês ficaram com preguiça de ouvir. {5:12} Pois, quando já deviam ser mestres, levando em conta o tempo decorrido, vocês têm, novamente, necessidade de alguém que lhes ensine quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus. Passaram a ter necessidade de leite e não de alimento sólido. {5:13} Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança. {5:14} Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.”*

5:11 – A partir daqui temos o “terceiro desvio” do assunto principal do livro (Hebreus 5:11-6:12). O autor quis falar muito mais sobre o sacerdócio de Jesus segundo a ordem de Melquisedeque e com o que ele se relaciona (e ele voltou ao assunto no fim do capítulo 6), mas os leitores não estavam bem preparados espiritualmente para receberem o ensinamento (Hebreus 4:2; Tiago 1:21-25) – eles tiveram “*preguiça de ouvir*”. Uma vez que as informações que ele quis falar eram “*muitas coisas*” e eram “*difíceis de explicar*” para esses leitores, o autor de Hebreus desviou temporariamente do assunto principal para exortar contra o perigo da estagnação espiritual, o que pode fazer com que as pessoas abandonem a fé e se percam.

5:12 – Os leitores tinham sido cristãos por tempo suficiente para que fossem espiritualmente maduros, isto é, capazes de ensinar a Palavra de Deus a outros. No entanto, em vez disso, deixaram de crescer em conhecimento e experiência. Eles não haviam crescido espiritualmente como o autor esperava.

Uma vez que os leitores ainda necessitavam que alguém os ensinasse, novamente, as coisas básicas da Palavra de Deus – “*os princípios elementares dos oráculos de Deus*” – o autor usou uma comparação também utilizada anteriormente pelo apóstolo Paulo aos cristãos coríntios: eles eram como crianças necessitadas de “*leite*” (ensino básico, conforme 1 Coríntios 3:1-2) e que não poderiam comer “*alimento sólido*” (ensino mais avançado, conforme 1 Coríntios 3:1-2).

5:13 – Se os cristãos permanecerem apenas com o ensino básico da Palavra de Deus, permanecem inexperientes “*na palavra da justiça*”, isto é, permanecem incapazes de julgarem retamente, discernindo o bem do mal, não podendo prestar serviço adequado ao Senhor. O autor fez a comparação de um cristão nessa situação com uma criança, a qual não tem ainda um discernimento adequado das coisas.

5:14 – Em contraste com o apresentado no versículo anterior, o cristão que cresce espiritualmente, aprendendo e exercendo constantemente a Palavra de Deus em sua vida, torna-se apto cada vez mais para discernir entre o bem e o mal, ou seja, julgar retamente. Nessa situação, ele é comparado a um adulto que se alimenta de alimento sólido. Os cristãos certamente devem desejar a Palavra de Deus como um recém-nascido deseja o leite materno (1 Pedro 2:2), mas não devem se contentar com “*leite*” (1 Coríntios 3:1-3), isto é, com o básico. Eles não devem permanecer como “*crianças em Cristo*” para sempre – precisam crescer, conhecendo e aplicando a Palavra do Senhor.

Hebreus 6:1-3: *“{6:1} Por isso, deixando os princípios elementares da doutrina de Cristo, avancemos para o que é perfeito, não lançando de novo a base do arrependimento de obras mortas e da fé em Deus, {6:2} o ensino de batismos e da imposição de mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno. {6:3} Isso faremos, se Deus o permitir.”*

6:1 – Os ensinamentos básicos da doutrina de Cristo já deveriam ser conhecidos e deveriam estar em plena prática entre os leitores (1 Coríntios 15:3-4) – cristãos começam suas vidas espirituais como “bebês” em Cristo, mas precisam crescer para amadurecerem. Era chegada a hora de progredir, e não mais se contentar apenas com os assuntos básicos do evangelho, como o “*arrepentimento de obras mortas*”, ou seja, a necessidade de se arrepender de más obras que ficaram no passado e que são praticadas por aqueles que estão mortos em seus pecados, e da “*fé em Deus*”. O autor não estava dizendo que essas coisas não são importantes – de fato, elas são as bases da doutrina de Cristo. Ele disse para que os cristãos não se contentem em apenas conhecerem o básico.

6:2 – Foram citados outros quatro exemplos dos “*princípios elementares da doutrina de Cristo*”: “*batismos*”, “*imposição de mãos*”, “*ressurreição dos mortos*” e “*juízo eterno*”. Assim como o arrependimento e a fé, o autor alertou aos cristãos hebreus que eles não deveriam se contentar em apenas conhecerem essas coisas básicas.

Há dúvida em relação ao que o autor quis dizer com a expressão “*ensino de batismos*”, pois “*batismos*” aparece no plural e, na doutrina cristã, há apenas um batismo (Efésios 4:5), o qual é o batismo para remissão de pecados e recebimento do dom do Espírito (Mateus 28:19; Marcos 16:16; Atos 2:38; 22:16). Entre as possíveis referências aos “*batismos*” que os leitores judeus estavam familiarizados estão: o batismo judaico de prosélitos (o qual era tradição judaica e não mandamento da Lei de Moisés); as várias “*cerimônias de purificação*” dos judeus com suas “*lavagens*” (Marcos 7:3-4); o batismo de arrependimento pregado por João Batista (Marcos 1:4); o batismo realizado por Jesus antes de sua morte e ressurreição (João 4:1-2); o batismo em água ordenado por Jesus para remissão de pecados e recebimento da salvação (Mateus 28:19; Marcos 16:16; Atos 2:38; 22:16); e o batismo com o Espírito Santo (Atos 2:3-4; 10:44-46).

Uma vez que o “*ensino de batismos*” era algo considerado como coisa básica para qualquer cristão, provavelmente o autor estava se referindo à compreensão do propósito de todos esses batismos, isto é: a constante purificação; a santificação; o arrependimento; a conversão a Deus com a remissão de pecados, o recebimento da salvação e a habitação do Espírito Santo no cristão; e a distribuição dos dons espirituais milagrosos da parte do Espírito. Novamente, desses batismos, o único que permanece para os cristãos (Efésios 4:5) é o batismo para remissão de pecados e recebimento do dom do Espírito (Mateus 28:19; Marcos 16:16; Atos 2:38; 22:16), ou seja, para salvação.

A “*imposição de mãos*” era usada no período do Antigo Testamento para outorgar bênçãos (Gênesis 48:13-20), para transferir a culpa do pecador para o sacrifício (Levítico 1:4) e para comissionar uma pessoa a nova responsabilidade (Números 27:23). No período do Novo Testamento, a imposição de mãos era praticada na cura (Marcos 1:41; Atos 28:8), no ato de abençoar (Marcos 10:16; Atos 6:6; 13:3; 1 Timóteo 5:22) e na transmissão de dons espirituais milagrosos da parte dos apóstolos (Atos 8:17; 19:6; 1 Timóteo 4:14; 2 Timóteo 1:6).

6:3 – “*Isso faremos, se Deus o permitir*” é uma expressão que se tornou popular entre os cristãos e que comunica o desejo de crescimento espiritual em dependência da soberania do Senhor. Ninguém deve ser presunçoso e afirmar que conseguirá fazer qualquer coisa no futuro sem a permissão do Senhor, conforme Tiago 4:15: “*Em vez disso, deveriam dizer: ‘Se Deus quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo.’*”

Hebreus 6:4-8: “*{6:4} É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, provaram o dom celestial, se tornaram participantes do Espírito Santo, {6:5} provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro {6:6} e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à zombaria. {6:7} Porque a terra que absorve a chuva que frequentemente cai sobre ela e produz plantas úteis para aqueles que a cultivam recebe bênção da parte de Deus; {6:8} mas, se produz espinhos e ervas daninhas, é rejeitada e está perto da maldição; e o seu fim é ser queimada.*”

6:4 – O autor fez um alerta sobre o perigo de cair. De momento, ele falou que algo é impossível para aqueles que “*uma vez foram iluminados*”, “*provaram o dom celestial*” e “*se tornaram participantes do Espírito Santo*”. A expressão “*foram iluminados*” é uma alusão à fé no evangelho, a qual ilumina as pessoas que estão sem Deus e, assim, andam na escuridão – João afirmou que Deus é luz (1 João 1:5). Provar o “*dom celestial*” significa que as pessoas batizadas para a remissão dos pecados recebem o dom do Espírito Santo (Atos 2:38), isto é, a própria salvação e a capacitação de permanecer nela, além da comunhão com Deus. O Espírito Santo passa a habitar nessas pessoas (1 Coríntios 6:19) – elas se tornam “*participantes do Espírito Santo*”, participantes da obra redentora de Cristo e do povo de Deus.

6:5 – Continuando o alerta iniciado no versículo anterior, no qual o autor afirmou que algo é impossível para aqueles que, além de uma vez terem sido “*iluminados*”, terem provado “*o dom celestial*” e terem se tornado “*participantes do Espírito Santo*” (Hebreus 6:4), “*provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro*”. Essa expressão se refere àqueles que já constataram, por experiência própria, que a Palavra de Deus é boa por ser luz num mundo de trevas. Além disso, pelo envolvimento com a Palavra de Deus, o cristão experimenta os poderes do reino de Deus, poderes capazes de transformar e salvar, tornando pecadores em filhos de Deus e herdeiros junto com Cristo de um mundo novo e perfeito.

6:6 – O alerta iniciado em Hebreus 6:4 é para aqueles que aqueles uma vez “*foram iluminados*”, “*provaram o dom celestial*”, “*se tornaram participantes do Espírito Santo*” e que “*provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro*” (Hebreus 6:5), e “*caíram*”. Pelo contexto de Hebreus 6:4-6, e até mesmo dos alertas do autor ao longo do livro todo para que os leitores não se desviem do Senhor (como, por exemplo, fizeram os israelitas), é evidente que o autor está falando de cristãos que se desviaram do caminho do evangelho – apenas um cristão teria participado de todas essas coisas. A chave para o entendimento da passagem está na palavra “*caíram*” – “*cair*” pode ser entendido como “*apostasia deliberada*”. Ou seja, o cristão que passou a rejeitar Jesus está, na realidade, agindo justamente como aqueles que o crucificaram: crucificando-o novamente e envergonhando-o abertamente. Se um cristão repudiar completa e deliberadamente o Filho de Deus, e permanecer com essa atitude, o evangelho não pode oferecer nada mais para levá-lo ao arrependimento. O autor explicou novamente esse ponto em Hebreus 10:26-31.

A rejeição persistente do evangelho é o pecado imperdoável citado por Jesus em Mateus 12:31-32, a “*blasfêmia contra o Espírito Santo*”. A rejeição do evangelho revelado pelo Espírito Santo, centrado no ato redentor de Jesus Cristo, implica em condenação sem escapatória, uma vez que o evangelho é o poder de Deus para salvar todo aquele que nele crê (Romanos 1:16). Ao contrário do que certas doutrinas dos homens ensinam, Hebreus 6:4-6 deixa evidente que é possível que até mesmo cristãos percam a salvação, conforme 2 Pedro 2:20-22 e Tiago 5:19-20.

É importante dizer que a possibilidade de um cristão perder a salvação não nega a possibilidade de que uma pessoa convertida que caiu no pecado se arrependa e seja perdoada (Tiago 5:19-20; Atos 8:22-23; Gálatas 6:1). O contexto e o argumento dessa passagem do Livro de Hebreus tratam da suficiência de Jesus como sacerdote – ele cumpriu sua missão e entrou uma vez por todas no Santo dos Santos. Se alguém rejeitar total e finalmente a obra de Jesus, não há nem outro sacrifício, nem outro sacerdote (Hebreus 10:26). Deve-se lembrar do que Cristo já fez e perseverar na confiança nele (Hebreus 10:32,36).

No caso de um cristão que se desviou e se arrependeu, não se deve fazer um segundo batismo, pois Cristo morreu pelas pessoas uma única vez (Hebreus 9:26; Gálatas 2:19), e o batismo é um paralelo com a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo (Romanos 6:1-8). Como Cristo morreu e ressuscitou uma só vez, assim é com o batismo bíblico. O cristão que pecou deve se arrepender, confessar seus pecados e pedir perdão a Deus em oração (1 João 1:8-2:2). O Senhor pode transformar a vida de um apóstata por meio de sua graça e misericórdia. O batismo só é aplicável ao se concluir que a pessoa não era verdadeiramente convertida a Cristo por não ter compreendido antes a fé que Deus quer, a confissão dessa fé, o verdadeiro arrependimento para salvação, e que é no batismo acompanhado dessas coisas que ela será salva (Mateus 28:19; Marcos 16:16; João 3:5; Atos 2:38; 22:16; Romanos 6:3-8; 10:9-10; Colossenses 2:12; 1 Pedro 3:21). Nesse caso, o batismo bíblico para remissão de pecados e recebimento do dom do Espírito, o qual não foi verdadeiramente realizado antes, será o primeiro e definitivo batismo válido (Efésios 4:5), mesmo que a pessoa já tenha se banhado em água (Atos 19:1-5).

6:7 – O autor utilizou uma parábola para ilustrar seu argumento. A mesma chuva que cai frequentemente sobre a terra produz dois resultados diferentes – o resultado depende da terra que receber a chuva. A chuva é a mesma, mas uma porção de terra pode produzir resultado diferente de outra porção.

Se certa porção de terra produzir “*plantas úteis*” para aqueles que a cultivam, será uma terra abençoada. Assim também é com o Filho de Deus pregado frequentemente na Terra: a pregação do evangelho é a mesma, mas as pessoas reagem a ela de maneiras diferentes. Se ouvirem e obedecerem, serão abençoadas – são análogas à terra que produziu “*plantas úteis*”.

6:8 – Continuando com a ideia da parábola iniciada no versículo anterior, embora seja a mesma chuva que caia sobre a terra, certa porção dela pode produzir “*espinhos e ervas daninhas*” (uma referência à terra amaldiçoada em Gênesis 3:17-18). Essa terra então “*é rejeitada e está perto da maldição*” e “*o seu fim é ser queimada*”.

Da mesma forma, ao ser pregado o Filho de Deus na Terra, aqueles que o rejeitam estão próximos da maldição e o fim será o “fogo eterno”. Quem rejeita o evangelho é como a terra ruim que produziu “*espinhos e ervas daninhas*”, ainda que tenha recebido a mesma chuva que caiu na outra terra que produziu “*plantas úteis*” (Hebreus 6:7).

Hebreus 6:9-12: “{6:9} Quanto a vocês, meus amados, ainda que falemos desta maneira, estamos certos de que coisas melhores os esperam, coisas relacionadas com a salvação. {6:10} Porque Deus não é injusto para se esquecer do trabalho que vocês fizeram e do amor que mostraram para com o seu nome, pois vocês serviram e ainda estão servindo aos santos. {6:11} Desejamos que cada um de vocês continue mostrando, até o fim, o mesmo empenho para a plena certeza da esperança, {6:12} para que não se tornem preguiçosos, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela paciência, herdaram as promessas.”

6:9 – Embora tenha alertado de forma dura aos leitores sobre o perigo de abandonar a Cristo e cair na incredulidade, o autor os encorajou a continuarem fiéis. Ele não estava julgando que seus leitores fossem apóstatas, ele apenas os advertiu sobre os perigos da apostasia.

6:10 – Todo trabalho sincero e abnegado em prol do reino de Deus constrói um tesouro que é de valor eterno. O Senhor não é injusto para não considerar o trabalho e amor que aqueles cristãos hebreus evidenciaram para ele (embora isso não seja garantia de salvação, pois de nada adiantaria se ocorresse apostasia).

O autor afirmou que os cristãos hebreus serviram, e ainda estavam servindo, aos “*santos*”, isto é, aqueles que foram remidos pelo evangelho. Portanto, não os considerou como apóstatas. Ele mais adiante os lembrou sobre o bom testemunho que demonstraram em Hebreus 10:32-34.

6:11 – Cada um dos leitores foi encorajado a continuar no trabalho que tinha iniciado, demonstrando a mesma diligência até o fim. A perseverança estabelece a plena certeza da esperança em herdar as promessas de Deus.

6:12 – O autor não desejou que os cristãos hebreus se tornassem indiferentes e apáticos em relação ao evangelho. Rejeitar Cristo não exige uma atitude de rebeldia total – basta a perda do zelo e tornar-se negligente. Ele incentivou os cristãos a seguirem os bons exemplos de fiéis que demonstraram fé e a longanimidade/paciência (conforme Hebreus 13:7; 1 Coríntios 4:16; 11:1), pois os fiéis são herdeiros das promessas.

CRISTO É SUPERIOR AOS SACERDOTES ARÔNICOS – ESPERANÇA CONFIANTE COMO ÂNCORA PARA A ALMA

Hebreus 6:13-20: “{6:13} Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo, {6:14} dizendo: ‘Certamente eu o abençoarei e multiplicarei os seus descendentes.’ {6:15} E assim, depois de esperar com paciência, Abraão obteve a promessa. {6:16} Porque as pessoas juram pelo que lhes é superior, e o juramento, servindo de garantia, põe fim a toda discussão. {6:17} Por isso, Deus, quando quis mostrar com mais clareza aos herdeiros da promessa que o seu propósito era imutável, confirmou-o com um juramento. {6:18} Ele fez isso para que, mediante duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, nós, que já corremos para o refúgio, tenhamos forte alento, para tomar posse da esperança que nos foi proposta. {6:19} Temos esta esperança por âncora da alma, segura e firme e que entra no santuário que fica atrás do véu, {6:20} onde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.”

6:13 – Antes de fazer o terceiro “desvio” de sua mensagem principal (Hebreus 5:11-6:12), o autor disse que ainda tinha muitas coisas que explicar sobre o sacerdócio de Jesus (Hebreus 5:11). Ele voltou ao assunto para mostrar a posição do Filho de Deus como o perfeito e eterno sumo sacerdote mais adiante. Porém, antes, ele falou do exemplo de Abraão – ele desejou que os leitores sejam como aqueles que creem e têm paciência, para que recebam o que Deus prometeu. Que garantia têm os cristãos de que, depois que tiverem trabalhado diligentemente

e suportado as tribulações pacientemente, serão, de fato, salvos da eterna destruição? A promessa de Deus a Abraão é utilizada aqui como resposta (Gênesis 22:16-17). A confiança vem da fé em Deus, pois ele fez promessas – ele jurou por si mesmo.

É próprio dos seres humanos fazerem juramentos, sendo isso devido à situação decaída da humanidade na qual a palavra das pessoas nem sempre é fiel e suficiente. Deus, ao fazer um juramento, demonstra que não há ninguém, além dele mesmo, cujo nome possa autenticar sua Palavra. Ele se “humanizou” mediante uma característica cultural, moral e ética de grande valor entre as pessoas: a prática de fazer juramentos. Ele ofereceu garantia máxima quanto ao cumprimento cabal da sua promessa (Gênesis 22:16-17).

6:14 – A expressão idiomática hebraica literal usada por Deus com Abraão, registrada nos manuscritos originais, é “abençoando te abençoarei”, o que indica um juramento ou promessa incondicional e permanente. Deus prometeu a Abraão que certamente o abençoaria e que o multiplicaria.

6:15 – Abraão teve que esperar, com paciência, cerca de 25 anos até o nascimento de Isaque, o filho pelo qual sua descendência seria multiplicada de acordo com a promessa de Deus (Gênesis 12:3-4; 17:2; 18:10; 21:5; 22:16). No contexto de Gênesis 22, Deus provou Abraão e deu a ele a ordem de sacrificar seu filho. Abraão obedeceu e, pouco antes de imolar o filho, o anjo do Senhor o impediu. As ações de obediência de Abraão demonstraram como ele confiava em Deus e, a seguir, o Senhor reafirmou sua promessa para com ele (Gênesis 22:1-18). Os cristãos deveriam se perguntar se têm a mesma fé de Abraão. Ele confiou em Deus (conforme Hebreus 11:19).

Abraão obteve o cumprimento da promessa porque esperou pacientemente, fundamentando-se na fé para com Deus. O exemplo dele é um forte encorajamento para aqueles que confiam que Deus dará a eles a vida eterna, como ele prometeu àqueles que o obedecem (Hebreus 5:9).

A palavra grega original usada para descrever aqui a “paciência” de Abraão é *makrothumia*, que significa “longanimidade”, em contraste com os sentimentos de indignação e revolta. Refere-se, portanto, ao fato de Abraão ter esperado com paciência e fé por cerca de 25 anos pelo nascimento de Isaque e, mais tarde, pela entrega e restauração do seu filho.

6:16 – Quando as pessoas fazem juramentos, elas têm que jurar por algo que seja superior a elas mesmas para que tal juramento seja aceito como garantia para pôr fim em uma contenda.

6:17 – No contexto do versículo anterior, o Senhor, para transmitir a ideia de garantia máxima do cumprimento da sua promessa, também fez um juramento. No entanto, ele é tão superior a tudo e a todos que não pode jurar por nada nem ninguém acima dele – por isso, jurou por si mesmo.

6:18 – As duas afirmações imutáveis do Senhor são sua promessa, que por si só é absolutamente fidedigna, e o juramento de Deus concedido aos homens, o qual confirma essa promessa (Hebreus 6:17; 7:20-21,28; Números 23:19; 1 Samuel 15:29). Hoje, os cristãos podem contemplar a promessa que Abraão, no seu tempo, podia apenas antever (Hebreus 11:13; João 8:56). Eles podem ter o ânimo de correrem para Deus, que é o melhor refúgio (Salmo 62:1-2) – a confiança nele e em suas promessas é o que leva os cristãos alcançarem as suas esperanças.

6:19 – A esperança tratada em Hebreus 6:18 é a “âncora da alma”: assim como uma forte âncora que mantém um navio em posição a salvo das forças das marés e das correntes marítimas, a esperança firme em Cristo é a garantia de completa salvação e segurança. Essa esperança também “entra no santuário que fica atrás do véu” para alcançar o descanso prometido e esperado (Hebreus 3:6; 4:11). A expressão “atrás do véu” se refere ao Lugar Santíssimo ou Santo dos Santos, o lugar da presença de Deus na Antiga Aliança– somente o sumo sacerdote podia pisar atrás do véu, no tabernáculo e no templo, sendo que o véu separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo – e isso ocorria apenas uma vez por ano, no dia da expiação. A divisória representada pelo véu foi rasgada na Nova Aliança (Mateus 27:51). Se a esperança “entra no santuário que fica atrás do véu”, ela chega até Deus. Jesus penetrou os céus (Hebreus 4:14) e a fé dos cristãos nas promessas de Deus também penetra os céus.

6:20 – O Lugar Santíssimo ou Santo dos Santos ou santuário era uma figura do templo celestial onde Jesus entrou como sumo sacerdote para permitir aos cristãos o livre acesso a Deus (Hebreus 9:7; Mateus 27:51). Jesus foi

o precursor que já entrou “atrás do véu” e trabalha agora como sumo sacerdote. Novamente foi citado o Salmo 110:4, sendo que o autor voltou para o assunto do sacerdócio eterno de Jesus segundo a ordem de Melquisedeque (Hebreus 5:6) a seguir, no capítulo 7.

CRISTO É SUPERIOR AOS SACERDOTES ARÔNICOS – CRISTO E MELQUISEDEQUE

Hebreus 7:1-3: “{7:1} Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, foi ao encontro de Abraão, quando este voltava da matança dos reis, e o abençoou. {7:2} Foi para ele que Abraão separou o dízimo de tudo. Primeiramente o nome dele significa “rei da justiça”; depois também é “rei de Salém”, ou seja, “rei da paz”. {7:3} Sem pai, sem mãe, sem genealogia, ele não teve princípio de dias nem fim de existência, mas, feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre.”

7:1 – O autor voltou à profecia de Salmo 110:4 e usou esse texto como mais uma prova da superioridade de Jesus. Ele passou a falar de Melquisedeque, de cuja ordem de sacerdócio faz parte o sumo sacerdote Jesus (Hebreus 5:6,10), baseando-se no relato de Gênesis 14:17-20: Abraão estava retornando da guerra bem sucedida contra Quedorlaomer e os reis que estavam com ele, resgatando Ló, o filho do seu irmão. Então, Melquisedeque, identificado como sendo tanto o “rei de Salém” como “sacerdote do Deus Altíssimo” (Gênesis 14:18), se dirigiu até Abraão e “o abençoou”. Ele aparece na história bíblica durante apenas um curto período. Melquisedeque era sacerdote de Deus, o que deixa implícito que ele era escolhido e aprovado por Deus (Hebreus 5:4).

Nos tempos antigos, a deidade cananea principal era chamada “altíssimo”, “senhor do céu” e “criador da terra”. A terminologia e a localização (Jerusalém estava na Canaã central) fazem supor, portanto, que Melquisedeque era um rei-sacerdote cananeu. Abraão, no entanto, ao identificar o “Deus Altíssimo” de Melquisedeque como o Senhor (conforme Gênesis 14:22), deu testemunho do Deus único e verdadeiro, a quem Melquisedeque tinha conhecido.

7:2 – Melquisedeque recebeu o dízimo de Abraão. Isso indica ele era superior a Abraão, uma vez que o maior recebe o dízimo do menor (Hebreus 7:4-5).

A interpretação do significado do nome Melquisedeque é “rei de justiça”, pois, na língua hebraica, “rei” é *meleq*, ou seja, “Melqui”, e “justiça” é *tsedeq*, ou seja, “sedeque”. O nome “Salém” vem do hebraico antigo *Yerushalm*, cujo sentido primitivo teria sido “capital da guerra e da paz”. Mais tarde, essa expressão passou para o idioma aramaico como “cidade da paz” (Gênesis 14:18-20; Isaías 23:5-6; 33:15-16). Salém era algum povoado de Canaã e vários textos a identificam com Jerusalém. O seu nome se assemelha à palavra hebraica que significa paz (*shalom*) – Salém parece ser a forma grega da palavra hebraica *shalom*. Josefo observou que os escritores judaicos consideravam Salém sinônimo de Jerusalém, o que parece ser confirmado no Salmo 76:2. Dessa forma, o autor afirmou a interpretação de que Melquisedeque é também “rei de paz”.

7:3 – A expressão “Sem pai, sem mãe, sem genealogia, ele não teve princípio de dias nem fim de existência” não indica que literalmente Melquisedeque não teve pais humanos e nem que literalmente não teve dia de nascimento nem dia de morte – indica que não há registro escrito dessas coisas em relação a Melquisedeque. Por isso, o autor viu nele um tipo do Messias: assim como o Filho de Deus não tem início nem fim (é eterno), de maneira análoga, não há registro do nascimento (início) e nem da morte de Melquisedeque. Deus escolheu um sacerdote sem registrar sua genealogia justamente para ser um tipo do Messias – “feito semelhante ao Filho de Deus”.

Embora o autor não tenha afirmado que Melquisedeque foi uma cristofania (um termo utilizado para designar aparições de Jesus Cristo no Antigo Testamento), é revelador o fato de ele não ter origem (genealogia) e ocupar simultaneamente duas posições de grande poder: rei e sacerdote. São elementos indicam que o Antigo Testamento apontava para Jesus Cristo.

Hebreus 7:4-10: “{7:4} Vejam como era grande esse a quem Abraão, o patriarca, pagou o dízimo tirado dos melhores despojos. {7:5} Ora, os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm ordem, de acordo com a lei, de recolher os dízimos do povo, ou seja, dos seus irmãos, embora estes sejam descendentes de Abraão. {7:6} Entretanto, aquele cuja genealogia não se inclui entre os filhos de Levi recebeu dízimos de Abraão e abençoou aquele que havia recebido as promessas. {7:7} Evidentemente, não há dúvida de que o inferior é abençoado pelo superior. {7:8} Aliás, aqui os que recebem dízimos são homens mortais, porém ali o dízimo foi recebido por aquele

de quem se testifica que vive. {7:9} E, por assim dizer, também Levi, que recebe dízimos, pagou-os na pessoa de Abraão. {7:10} Porque Levi, por assim dizer, já estava no corpo de seu pai Abraão, quando Melquisedeque foi ao encontro deste.”

7:4 – Abraão, o patriarca que tinha as promessas, pagou dízimo (10%) dos melhores despojos da guerra a Melquisedeque (Gênesis 14:20). Se até mesmo Abraão pagou dízimo a Melquisedeque, esse rei-sacerdote era um homem muito importante. Logo, Melquisedeque era superior a Abraão: o maior recebe o dízimo do menor. O ponto do autor não é afirmar a importância da oferta de dízimo, mas apenas demonstrar que Melquisedeque era superior a Abraão por receber o dízimo dele.

É importante observar que esse dízimo pago por Abraão a Melquisedeque foi voluntário – não foi uma ordem de Deus. Não se pode defender a cobrança de dízimos nas igrejas, as quais estão sujeitas à Nova Aliança, com o exemplo de Abraão dando dízimo a Melquisedeque. Na Nova Aliança, as ofertas são voluntárias e conforme a prosperidade e o coração de cada cristão (1 Coríntios 16:1-2; 2 Coríntios 8:8-15; 9:7). Dízimos eram mandamentos apenas para o sistema judaico. Os cristãos não estão sujeitos a esse sistema.

7:5 – Os levitas, a quem Deus atribuiu o sacerdócio na Antiga Aliança, deviam recolher dízimos do povo, ou seja, das outras tribos, dos seus irmãos, por mandamento de lei que veio de Deus (Números 18:21-32). Os levitas e as demais tribos eram iguais, todos eram descendentes de Abraão. Mas o mandamento de lei veio do Senhor, que é superior (Números 18:21). Importante lembrar que apenas os levitas, os quais estavam sob o sistema judaico, tinham o mandamento de recolher dízimos – isso não se aplica para as igrejas, as quais estão sob a Nova Aliança em Cristo.

Levi era um dos filhos de Jacó e bisneto de Abraão, um dos doze patriarcas (Gênesis 29:34). Arão e os sacerdotes israelitas pertenciam à tribo de Levi.

7:6 – Melquisedeque, que não era da família de Abraão, e nem sequer tinha genealogia registrada, recebeu o dízimo de Abraão (Hebreus 7:4; Gênesis 14:20). Ele também abençoou o patriarca, o qual era quem tinha as promessas de Deus.

7:7 – É evidente que o maior abençoa o menor. Portanto, Melquisedeque era superior a Abraão. Melquisedeque é um “tipo de Cristo”, portanto, Cristo é superior a Abraão.

7:8 – Quando o autor disse “*aqui*”, se referiu ao sistema judaico. Quando ele disse “*ali*”, se referiu a Gênesis 14, o relato sobre Melquisedeque. A expressão “*aqui os que recebem dízimos são homens mortais*” exprime a ideia que os sacerdotes levitas que recebiam dízimos, naturalmente, morriam (Hebreus 7:23). A expressão “*ali o dízimo foi recebido por aquele de quem se testifica que vive*” exprime a ideia que as Escrituras (Gênesis 14) não registram o fim de Melquisedeque, o qual recebeu dízimo de Abraão. As Escrituras apenas registram Melquisedeque durante sua vida, não registram sua morte ou seu nascimento (Hebreus 7:3). A ausência de registro da morte de Melquisedeque, um “tipo de Cristo”, alude para a eternidade do sumo sacerdote Jesus Cristo, ao contrário dos sacerdotes levitas, os quais são mortais.

7:9 – Em um sentido figurado, pode-se dizer que Levi, descendente de Abraão, também pagou dízimo a Melquisedeque, por meio de Abraão. Em outras palavras, o ponto do autor é que Levi recebeu dízimos segundo a Lei de Moisés por meio de seus descendentes, os levitas.

7:10 – Levi nasceu a mais de 150 anos depois do encontro de Melquisedeque com Abraão. Ele foi representado, naquela ocasião, pelo seu bisavô. É nesse sentido que se diz que Levi pagou o dízimo a Melquisedeque. Segundo o pensamento hebraico, um homem levava no seu corpo, em germe, os seus descendentes. Portanto, Melquisedeque era superior aos levitas.

Conclui-se então que Melquisedeque era um “tipo de Cristo”. Abraão era antepassado de Levi e Melquisedeque era superior a Abraão – logo, Cristo é superior a Levi, e conseqüentemente superior aos sacerdotes levitas. Pode-se pensar em Melquisedeque como o “precursor” de Jesus Cristo e em Levi como o “precursor” dos sacerdotes da Antiga Aliança. Sendo assim, Jesus é maior do que o sacerdócio levítico.

Alguns persistem em afirmar que, uma vez que Abraão pagou dízimo a Melquisedeque, deve-se pagar dízimos hoje, já que a prática do dízimo era anterior à Lei de Moisés. Porém, em Hebreus 7:4-10, o dízimo não é o ponto principal: o ponto é a superioridade de Cristo sobre Abraão e Levi (de quem descendem os sacerdotes levitas). O autor apenas usou a ilustração do dízimo para demonstrar seu ponto de que o menor paga dízimo ao maior.

A oferta de Abraão a Melquisedeque foi voluntária – assim como Melquisedeque abençoou Abraão depois do seu retorno bem sucedido da batalha, ele quis honrar o rei-sacerdote do Altíssimo e deu a ele 10% dos melhores despojos (Hebreus 7:4). Melquisedeque simplesmente não cobrou dízimo de Abraão, e nem Deus mandou pagar o dízimo.

O dízimo foi colocado na posição de obrigação apenas na Lei de Moisés, sendo que os levitas recebiam dízimos das outras tribos especificamente por força do mandamento dessa lei de Deus dada aos israelitas (conforme Hebreus 7:5: “os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm ordem, de acordo com a lei, de recolher os dízimos do povo”). Como a Lei de Moisés foi removida (conforme Hebreus 7:12,18-19) para que fosse inaugurada a Nova Aliança de Cristo, cujas contribuições são voluntárias segundo a generosidade e prosperidade de cada um (1 Coríntios 16:1-2; 2 Coríntios 8:8-15; 9:7), as pessoas não estão sujeitas à prática do dízimo atualmente.

Hebreus 7:11-14: “{7:11} Portanto, se a perfeição fosse possível por meio do sacerdócio levítico – pois foi com base nele que o povo recebeu a lei –, que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, e não segundo a ordem de Arão? {7:12} Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente muda também a lei. {7:13} Porque aquele de quem são ditas estas coisas pertence a outra tribo, da qual ninguém prestou serviço diante do altar. {7:14} Pois é evidente que nosso Senhor procedeu de Judá, tribo à qual Moisés nunca falou nada a respeito de sacerdócio.”

7:11 – O autor voltou a falar sobre a superioridade da Nova Aliança, conforme Hebreus 1:1-2; 2:1-4. São dois sacerdócios e duas alianças: o “sacerdócio levítico” ou sistema judaico que foi segundo “a ordem de Arão”, o qual é a Antiga Aliança dada aos israelitas pela qual “o povo recebeu a lei”, e o sacerdócio de Cristo segundo a ordem de Melquisedeque, o qual é a Nova Aliança, a qual foi dada a todos por meio de Jesus. A diferença está na autoridade do mensageiro, pois as duas alianças vieram de Deus: a Antiga Aliança veio por intermédio de Moisés e dos anjos, sendo a lei entregue no Monte Sinai; a Nova Aliança foi entregue por ninguém menos do que o próprio Filho de Deus.

Se a perfeição já estivesse no sacerdócio levítico, por que foi escolhido “outro sacerdote” que nem sequer era da ordem de Arão, mas de Melquisedeque? A resposta é que o sacerdócio levítico/sistema judaico/Lai de Moisés (a Antiga Aliança) era imperfeito. A Antiga Aliança diagnosticava o pecado, mas não resolvia o problema do pecado.

A lei entregue a Moisés e ao povo, bem como o sacerdócio e os sacrifícios, faziam parte do mesmo sistema que contemplava o fato de todas as pessoas nascerem sobre as influências pecaminosas do mundo e estarem sujeitas a continuarem a pecar. Por esse motivo, as pessoas necessitavam de um mediador legal e idôneo para representá-las diante de Deus. No entanto, o autor esclareceu que o sacerdócio da descendência de Arão era imperfeito, mas o sacerdócio de Melquisedeque é ideal e perfeito. A proclamação daquele que viria a ser sacerdote para sempre, o Messias, foi escrita profeticamente (Salmo 110:4), mostrando que o sacerdócio levítico deu lugar a um sistema melhor.

7:12 – Uma vez que o sacerdócio levítico e a Lei de Moisés estavam intimamente ligados, se o sacerdócio foi mudado, então a lei também precisou ser mudada. Como ela foi mudada, era uma instituição provisória – era “perpétua” apenas enquanto durassem as gerações de Israel – o Israel físico – até que a lei fosse cumprida por Cristo e substituída pela Nova Aliança (Mateus 5:15-19; Colossenses 2:14). Na Nova Aliança, os cristãos são o Israel espiritual e povo de Deus (Romanos 9:6-7; 1 Pedro 2:9).

Em Gálatas 3:23-25, Paulo escreveu: “Mas, antes que viesse a fé, estávamos sob a tutela da lei e nela encerrados, para essa fé que, no futuro, haveria de ser revelada. De maneira que a lei se tornou nosso guardião para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados pela fé. Mas, agora que veio a fé, já não permanecemos subordinados ao guardião.” A palavra “guardião” vem de uma palavra grega que quer dizer, literalmente, “uma pessoa que conduz uma criança”. Os “guardiões” na época de Paulo foram servos responsáveis pela proteção dos filhos de seus senhores, levando-os

para a escola, corrigindo-os, etc. Não foram os professores, nem os pais, mas serviram para cuidarem da criança. No entanto, tinham uma função temporária: quando o filho chegava à maioridade, ele não estava mais sujeito ao guardião. O guardião representa a Lei de Moisés. A fé representa o evangelho de Jesus Cristo. As boas novas de salvação em Cristo já foram reveladas, e ninguém precisa guardar as leis da Antiga Aliança.

7:13 – Para que Jesus fosse um sacerdote, o sacerdócio teve que ser mudado. No sacerdócio levítico, os levitas foram consagrados para o serviço do tabernáculo (Números 8:22) e, especificamente, a família de Arão foi consagrada para o sacerdócio (Números 3:3). No entanto, Jesus pertence a outra tribo (Judá), uma tribo *“da qual ninguém prestou serviço diante do altar”*, ou seja, ninguém dessa tribo tinha qualquer função sacerdotal.

7:14 – Jesus, o Senhor, veio da tribo de Judá, como descendente do rei Davi (Mateus 1:1; Lucas 1:32; Romanos 1:3; 2 Timóteo 2:8; Apocalipse 22:16). A lei dada por meio de Moisés não atribuiu sacerdotes à tribo de Judá. Portanto, Jesus não podia ser sacerdote na Terra sob o sistema judaico (conforme Hebreus 8:4). Tendo isso em mente, é importante ressaltar que aqueles que querem viver sob a Lei de Moisés hoje em dia desligam-se do sacerdócio de Jesus, uma vez que ele não pode ser sacerdote sob essa lei. A Lei de Moisés nada dizia sobre homens de Judá se tornarem sacerdotes e, assim, isso era proibido.

O ser humano não deve ir além do que Deus autorizou (1 Coríntios 4:6). Há uma aplicação importante do princípio encontrado em Hebreus 7:11-14: ir além do que foi revelado nas Escrituras, ou seja, fazer o que Deus não autorizou, é igual a mudar a lei. Deus não precisa proibir, pois ele não permitiu, ou autorizou, sacerdotes de Judá na Terra.

É importante entender que o Novo Testamento ensina, principalmente, por meio de permissão, e não proibição. Qual seria o tamanho da Bíblia se Deus tivesse dado uma lista completa de todas as coisas proibidas? Hebreus 7:11-14 mostra que Deus revela o que é permitido. A Bíblia não é um livro de proibições das coisas que Deus não autorizou. O argumento do autor se baseia no sistema de sacerdotes do Antigo Testamento: Moisés nunca atribuiu sacerdotes à tribo de Judá. O fato de ele autorizar sacerdotes levíticos automaticamente excluiu sacerdotes de outras tribos. Quando Jesus, sendo da tribo de Judá, se tornou sacerdote, a Antiga Aliança (Lei de Moisés) foi removida para ser inaugurada a Nova Aliança. Portanto, os cristãos devem praticar apenas o que Deus autorizou para eles.

“Mudança” significa “remoção” (conforme a mesma raiz em grego de Hebreus 12:27). Jesus cumpriu a Lei de Moisés (Mateus 5:17-18). Ele recebeu autoridade para mudá-la (Mateus 28:18), já que ele cumpriu essa lei. Aqueles que agem sem a autorização de Deus estão mudando a Palavra de Cristo (conforme 1 Coríntios 4:6; Colossenses 3:17; 2 João 9), e com qual autoridade? Os limites da permissão dada por Deus devem ser respeitados.

Hebreus 7:15-17: *“{7:15} E isto é ainda muito mais evidente, quando, à semelhança de Melquisedeque, surge outro sacerdote, {7:16} constituído não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida que não tem fim. {7:17} Porque dele se testifica: ‘Você é sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.’”*

7:15 – A expressão *“E isto”* se refere ao que o autor disse a respeito do *“outro sacerdote”* em Hebreus 7:11-14, sendo que isso se torna ainda mais evidente porque Jesus Cristo é esse outro sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque.

7:16 – A expressão *“a lei de mandamento carnal”* significa que a Lei de Moisés estabeleceu a família a que deveriam pertencer os sacerdotes (Êxodo 28:1), ou seja, a família de Arão, da tribo de Levi.

A Lei de Moisés também estabeleceu outros requisitos corporais para que se exercesse o ofício sacerdotal (Levítico 21). No entanto, Jesus Cristo não foi constituído sacerdote por essa lei da Antiga Aliança. A expressão *“mas segundo o poder de vida que não tem fim”* é uma referência à ressurreição de Jesus, a qual cumpre o *“para sempre”* do Salmo 110:4.

Jesus é um sumo sacerdote superior. Ele foi feito sacerdote pelo poder de uma vida infindável, e não por meio de um mandamento carnal (a Lei de Moisés). Diferentemente dos sacerdotes levíticos, os quais eram incapazes de continuarem a servir porque morriam, Jesus vive sempre para fazer interceder pelos seres humanos. Ele foi feito sacerdote por meio do imutável juramento de Deus.

7:17 – Melquisedeque era um “tipo de Cristo”: não tem início registrado (genealogia) – Jesus não tem início, ele sempre existiu; Melquisedeque não tem seu fim registrado (a sua morte não é registrada) – Jesus vive eternamente, não tem fim; Melquisedeque foi rei e sacerdote – Jesus é rei e sacerdote; Melquisedeque não foi sacerdote segundo a lei da Antiga Aliança – Jesus não é sacerdote da ordem de Arão. Portanto, o Salmo 110:4 testifica de Cristo: “*Você é sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.*”

Hebreus 7:18-19: “*{7:18} Portanto, por um lado, se revoga a ordenança anterior, por causa de sua fraqueza e inutilidade, {7:19} pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma; e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.*”

7:18 – A “ordenança anterior”, a Antiga Aliança, foi revogada, mas apenas depois de Cristo cumpri-la – os céus e a Terra poderiam passar, mas nem um “i” ou um “til” da Lei de Moisés passaria, até que tudo se cumprisse em Jesus (Mateus 5:17-18). Comparativamente à Nova Aliança, a antiga lei é referida como “fraca e inútil”: os sacerdotes levíticos eram fracos porque pecavam, assim como os homens pelos quais eles faziam intercessão. Eles morriam. A antiga lei é “inútil” no sentido de não resolver o problema do pecado.

Como defendeu o apóstolo Paulo, a Lei de Moisés é santa e justa (Romanos 7:12), todavia não é capaz de transformar em justos aqueles que violaram seus mandamentos, ou seja, aqueles que pecaram. Ela nem ao menos pode oferecer à humanidade o necessário para vencer o mal e o pecado. A antiga lei foi um sistema preparativo para a definitiva “lei da salvação em Cristo” (Gálatas 3:23-25; Mateus 5:17). A Antiga Aliança se cumpre plenamente na Nova Aliança da perfeita redenção, a qual capacita as pessoas a se achegarem à presença íntima de Deus (Colossenses 1:5).

7:19 – A antiga lei “nunca aperfeiçoou coisa alguma” pois apenas dava o diagnóstico do pecado e a condenação – ela não solucionava o problema do pecado, nem capacitava as pessoas para vencerem o mal e o pecado. Paulo escreveu em Romanos 3:20: “*Porque ninguém será justificado diante de Deus por obras da lei, pois pela lei vem o pleno conhecimento do pecado.*” Ao contrário dos sacerdotes levíticos, Jesus é santo, imaculado e separado dos pecadores. Ele é imortal. Ele não tem que fazer oferta por si mesmo, como os sacerdotes levíticos tinham que fazer. Cristo introduziu a Nova Aliança, a “esperança superior” que leva os remidos pelo evangelho a Deus (conforme Romanos 1:16), pois, ao contrário da Lei de Moisés, ela aperfeiçoa as pessoas (Hebreus 10:14; 12:23; 13:20-21). Esse aperfeiçoamento pode ser entendido como o aprendizado contínuo do cristão em aplicar o evangelho em sua vida, até ser como Cristo, como Paulo escreveu em Efésios 4:13: “*até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de pessoa madura, à medida da estatura da plenitude de Cristo.*”

Hebreus 7:20-22: “*{7:20} E isto não se deu sem juramento. Porque os outros são feitos sacerdotes sem juramento, {7:21} mas este foi feito sacerdote com juramento, por aquele que lhe disse: ‘O Senhor jurou e não se arrepende: ‘Você é sacerdote para sempre.’ {7:22} Por isso mesmo, Jesus se tornou fiador de superior aliança.*”

7:20 – A palavra “juramento” refere-se ao juramento citado pelo autor em Hebreus 6:17, onde Deus, para transmitir a ideia de garantia máxima do cumprimento da sua promessa, fez um juramento. No entanto, ele é tão superior a tudo e a todos que não pode jurar por nada nem ninguém acima dele – por isso, jurou por si mesmo. É o mesmo juramento do Salmo 110:4: “*O SENHOR jurou e não voltará atrás: ‘Você é sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.*”

A expressão “os outros” refere-se aos sacerdotes que são da descendência de Levi, os quais são constituídos em seus ofícios sem juramento.

7:21 – Sabendo que o juramento de Deus é imutável (Hebreus 6:17-18) e que os sacerdotes levíticos foram ordenados sem juramento, vemos uma diferença no sacerdócio de Jesus: ele foi feito com o juramento de Deus. Por isso o autor destacou a parte do Salmo 110:4, “*O SENHOR jurou e não voltará atrás*”, e também destacou a ideia de “sacerdote para sempre”. Em diversos manuscritos aparece o complemento “segundo a ordem de Melquisedeque”.

7:22 – O juramento de Deus confirma a superioridade da aliança de Jesus, que é superior à antiga. Portanto, o sacerdócio de Jesus é uma garantia de que uma lei (ou aliança) melhor foi estabelecida. É por isso que Cristo se tornou “fiador” dessa “superior aliança”. Um fiador é uma pessoa que se obriga a pagar uma dívida fixada, no caso

de outra pessoa não poder pagar. Jesus “pagou” com sua vida a “dívida” que o ser humano não podia pagar por causa do pecado.

Hebreus 7:23-25: “{7:23} Ora, os outros são feitos sacerdotes em maior número, porque a morte os impede de continuar; {7:24} Jesus, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável. {7:25} Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se aproximam de Deus, vivendo sempre para interceder por eles.”

7:23 – A expressão “os outros” refere-se aos sacerdotes da Antiga Aliança, assim como em Hebreus 7:20. Os sacerdotes levíticos morriam e, por esse motivo, não podiam continuar a servir por mais do que o tempo de vida de um ser humano. Naturalmente, isso também significa que deve haver um maior número de sacerdotes, uma vez que quando um morre outro deve tomar seu lugar.

7:24 – Jesus é o sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque que vive eternamente e, por isso, tem seu sacerdócio imutável. Essa é outra razão da Nova Aliança ser melhor do que a Antiga Aliança.

7:25 – Tendo um sacerdócio imutável que continua para sempre, Cristo pode “salvar totalmente” aqueles que, por intermédio dele, achegam-se a Deus. De fato, é apenas por ele os seres humanos chegam a Deus, conforme Atos 4:12: “E não há salvação em nenhum outro, porque debaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos.” Jesus vive sempre intercedendo pelos seus irmãos (Hebreus 9:24; Romanos 8:34; 1 João 1:7-2:3). Ainda que um cristão peque, pode retornar à comunhão com o Senhor confessando seu pecado, se arrependendo e pedindo perdão ao Pai em oração, uma vez que Jesus é o advogado e a propiciação pelos pecados (1 João 2:1-2) – assim, ele “pode salvar totalmente os que por ele se aproximam de Deus” quantas vezes forem necessárias, pois seu sacerdócio é eterno.

Hebreus 7:26-28: “{7:26} Porque nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e exaltado acima dos céus, {7:27} que não tem necessidade, como os outros sumos sacerdotes, de oferecer sacrifícios todos os dias, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo ofereceu. {7:28} Porque a lei constitui homens sujeitos a fraquezas como sumos sacerdotes, mas a palavra do juramento, que foi posterior à lei, constitui o Filho, perfeito para sempre.”

7:26 – Convinha ao ser humano ter um sumo sacerdote superior como Jesus Cristo: “santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores”. A expressão “exaltado acima dos céus” se refere ao fato de que Cristo penetrou os céus (Hebreus 4:14) e está na presença de Deus.

7:27 – Os sumos sacerdotes da Antiga Aliança, antes de intercederem pelos pecados do povo, tinham que expiar os próprios pecados (Hebreus 5:3; Levítico 9:7; 16:6,15). Ao contrário deles, Cristo não precisa fazer sacrifícios pelos seus próprios pecados, pois ele não tem pecado (Hebreus 4:15) – ele é santo, imaculado e separado dos pecadores (Hebreus 7:26). Ele não precisa fazer sacrifícios repetidos pelos pecados do povo, uma vez que fez um sacrifício perfeito – ele mesmo, na cruz. Sacerdotes oferecem sacrifícios (Hebreus 5:1) – Jesus é sacerdote e foi o próprio sacrifício (Hebreus 9:12,25-28; 10:10; Romanos 6:10; 1 Pedro 3:18).

A cruz de Cristo marca definitivamente na história o ponto central do plano redentor de Deus para toda a humanidade. Toda a certeza de salvação e esperança (fé) no estabelecimento completo do reino de Deus emana do sacrifício vicário de Jesus Cristo oferecido uma única vez para sempre (Isaías 53:6,10).

7:28 – A Lei de Moisés teve sacerdotes humanos, sujeitos à fraqueza, mortais. Cristo foi estabelecido como sumo sacerdote por juramento (Salmo 110:4), não por lei. Esse juramento constituiu um sacerdote divino, perfeito e eterno. O juramento veio depois da Lei de Moisés – o Salmo 110 foi escrito cerca de 400 anos depois.

A Lei de Moisés foi superada de duas formas: (1) o autor de Hebreus afirmou que o juramento posterior à lei (Salmo 110:4) é superior à própria lei; (2) Paulo argumentou que a promessa anterior, a aliança confirmada, é superior à lei (Gálatas 3:15-22).

Os sumos sacerdotes humanos, por mais dedicados que fossem, não eram capazes de viver sem cometerem algum pecado. Eram mortais e, portanto, temporários. Segundo a Lei de Moisés, somente podiam oferecer

sacrifícios de animais, os quais jamais serviriam de substitutos suficientes para o ser humano, o qual é criado à imagem e semelhança de Deus. Cristo, entretanto, foi “aperfeiçoado” (a ideia de ser “equipado”, “qualificado” ou “capacitado” para cumprir um determinado propósito) ao enfrentar e vencer as tentações, jamais tendo sucumbido a pecado algum.

A OBRA SACRIFICIAL SUPERIOR DO SUMO SACERDOTE SUPERIOR – UMA ALIANÇA SUPERIOR

Hebreus 8:1-5: “{8:1} Ora, o essencial das coisas que estamos dizendo é que temos tal sumo sacerdote, que se assentou à direita do trono da Majestade nos céus, {8:2} como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, e não o homem. {8:3} Pois todo sumo sacerdote é constituído para oferecer dons e sacrifícios; por isso, era necessário que também esse sumo sacerdote tivesse o que oferecer. {8:4} Se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria, visto existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei. {8:5} Estes ministram em figura e sombra das coisas celestiais, assim como Moisés foi divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo. Pois Deus disse: ‘Tenha cuidado para fazer tudo de acordo com o modelo que foi mostrado a você no monte.’”

8:1 – O capítulo 8 apresenta um resumo dos argumentos sobre o sacerdócio de Jesus e as implicações da superioridade dele em relação às alianças. Os seres humanos têm um sumo sacerdote que está reinando com o Pai no céu – ele está assentado à destra de Deus (Hebreus 1:3, Salmo 110:1).

Ambos os aspectos são encontrados no Salmo 110: rei, pois Cristo se “assentou à direita do trono da Majestade nos céus” (Salmo 110:1), e sumo sacerdote (Salmo 110:4).

A expressão “o essencial das coisas”, no original grego, tem o sentido de “resumo essencial”. O argumento desenvolvido pelo autor de Hebreus tem como base escritural o antigo texto de Jeremias 31:31-34 e serve para demonstrar que Jesus Cristo, o Messias, é o verdadeiro e único mediador da excelente Nova Aliança (Hebreus 7:22).

8:2 – Como sumo sacerdote celestial, Jesus também serve em um santuário, mas é um santuário que não foi feito por mãos humanas, como o foi o tabernáculo (literalmente “tenda”) dos israelitas. Jesus não é somente superior aos profetas do Antigo Testamento, aos anjos, a Moisés e a Arão, mas é também um melhor sumo sacerdote que ministra em um santuário melhor.

O “verdadeiro tabernáculo” (em grego *tn hagin alethines*) expressa o contraste que há entre o tabernáculo construído por Moisés (mais tarde colocado no templo de Jerusalém por Salomão, veja 1 Reis 8:4) e o tabernáculo celestial, que não foi erigido por meio do homem. O santuário de Deus corresponde ao Santo dos Santos, o qual foi um espaço absolutamente sagrado, localizado no interior do tabernáculo de Moisés, no qual o sumo sacerdote entrava, somente uma vez por ano e por um breve momento, levando consigo o sangue da expiação (Levítico 16:13-15,34). Jesus Cristo habita eternamente no tabernáculo celestial e intercede pelos cristãos continuamente.

8:3 – O trabalho do sumo sacerdote era oferecer “dons e sacrifícios”. Os “dons” foram sacrifícios rituais concebidos como simples “presentes” a Deus, expressando agradecimento e o desejo de ter e manter comunhão com ele. Sendo Cristo sumo sacerdote, ele tinha que fazer oferendas pelos pecados dos outros (“era necessário que também esse sumo sacerdote tivesse o que oferecer”). Portanto, ele fez o sacrifício perfeito, o qual foi ele mesmo na cruz – ele é sacerdote e foi o próprio sacrifício (Hebreus 7:27). Os cristãos têm sido santificados mediante a oferta do corpo e sangue de Jesus Cristo, oferta que foi feita uma vez por todas (Hebreus 10:10).

8:4 – Cristo não ministra no tabernáculo na Terra. O tabernáculo fazia parte da Lei de Moisés, e Jesus não podia ser sacerdote na Terra, tendo em vista que o ofício nesse tabernáculo terrestre exige sacerdotes da ordem de Arão, da tribo de Levi (Hebreus 7:12-14; Êxodo 25:40). Mas Deus escolheu uma família de judeus muito simples (José e Maria) e fez que Jesus nascesse em uma tribo não sacerdotal (Judá). Jesus não pode ser sacerdote na Terra por não ser da tribo de Levi (Hebreus 7:13).

A expressão “Se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria” traz uma aplicação importante. Jesus se tornou sacerdote logo depois de terminar seu trabalho na Terra, quando subiu ao céu e entrou na presença do Pai (Hebreus 9:12). Porém, algumas pessoas ensinam que ele ainda voltará para reinar aqui na Terra durante 1.000

anos em um reino com regras de sacerdócio da Antiga Aliança. No entanto, se ele pisar novamente na Terra para reinar dessa forma, o que aconteceria com o sacerdócio dele? A resposta é simples: *“Se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria”* – ele não poderia manter seu sacerdócio sob o regime da antiga lei e nem se dedicar ao reinado. Cristo não pode perder seu sacerdócio por causa da promessa do Salmo 110:4: *“Você é sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.”* Cristo tem que ser sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque, não segundo a ordem de Arão. Cristo também não pode ser apenas um monarca e negligenciar seu sacerdócio. Assim, não é possível que a doutrina dos mil anos de reinado de Cristo na Terra com as regras do sacerdócio da Antiga Aliança seja bíblicamente correta. Embora a Lei de Moisés tenha sido cumprida em Cristo e revogada, o autor de Hebreus ensinou que Jesus teria que ser da tribo de Levi para poder ministrar como sacerdote na Terra, porém isso invalidaria a promessa do Salmo 110:4.

A expressão *“visto existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei”* aparece no texto no tempo presente, o que atesta que o sacerdócio levítico ainda era praticado no momento em que o autor escreveu o livro. Em outras palavras, o templo ainda estava em funcionamento e ostentação. É uma indicação de que o Livro de Hebreus foi escrito antes da destruição do templo no ano 70 d.C. Em outros textos do livro, da mesma forma, o verbo *“oferecer”* (ou *“apresentar”*) está no tempo presente.

8:5 – A expressão *“Tenha cuidado para fazer tudo de acordo com o modelo que foi mostrado a você no monte”* se refere a Êxodo 25:9,40, onde Deus ordenou a Moisés a construção de um tabernáculo segundo um modelo. Assim, o ministério sacerdotal levítico e o tabernáculo eram *“figura e sombra das coisas celestiais”* (Hebreus 9:11,23-24; 10:1). Jesus Cristo e o *“verdadeiro tabernáculo”* (Hebreus 8:2) são as realidades invisíveis prefiguradas pelos sacerdotes e o santuário físico do Antigo Testamento – a Nova Aliança é a realidade prefigurada pela Antiga Aliança.

Hebreus 8:6: *“{8:6} Mas agora Jesus obteve um ministério tanto mais excelente, quanto é também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.”*

8:6 – O autor continuou a mostrar que Jesus é diferente dos outros sacerdotes – seu serviço sacerdotal é *“mais excelente”* (Hebreus 7:19); além disso, ele *“é também Mediador de superior aliança”* (Hebreus 7:22; 9:15; 12:24; 1 Timóteo 2:5). A Nova Aliança, da qual ele é o mediador, é superior à aliança que Deus fez com o povo de Israel, por meio de Moisés, no deserto do Sinai. Assim, acentua-se a superioridade de Jesus Cristo, uma vez que ele é o mediador de uma aliança melhor, a qual é estabelecida sobre melhores promessas: a entrada no *“descanso de Deus”* (Hebreus 4:3), que é uma figura para falar sobre a salvação por meio de Cristo, a qual também é ligada à promessa da eterna herança (Hebreus 9:15) – o reino dos céus (Mateus 4:17) ou a vida eterna (João 3:16).

O termo *“Mediador”* (no original grego *mesites*) transmite a ideia de alguém que fica no meio, unindo duas pessoas com mãos fortes. Jesus Cristo é o único e suficiente mediador da aliança superior.

Hebreus 8:7: *“{8:7} Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda aliança.”*

8:7 – Deus preparou a segunda aliança porque a primeira, a aliança feita no Monte Sinai (Hebreus 8:9; Êxodo 19-20; 24:3-8), não foi perfeita – ela tinha um propósito limitado e temporário. Ela não foi feita para tirar pecados. Além disso, o povo violava constantemente essa aliança (Hebreus 8:9; Jeremias 31:31-34).

Embora o Antigo Testamento se refira à aliança feita com os israelitas como *“perpétua”*, esse termo não significa *“para sempre”*. A Lei de Moisés seria *“perpétua”* enquanto durasse o judaísmo, ou seja, até que a lei fosse cumprida em Cristo (Mateus 5:18). A *“perpetuidade”* da lei se refere que ela haveria de durar por um período de tempo indefinido: a duração de uma era. O contexto de Êxodo 31:13,16 define isso melhor, significando *“nas gerações de Israel”*. Essa expressão foi também utilizada para muitas outras práticas que cessaram porque as gerações de Israel, como nação física escolhida por Deus, cessaram. Enfim, a Lei de Moisés era *“perpétua”* no sentido que jamais seria mudada/anulada/removida até que seu cumprimento se efetuassem em Jesus.

O que estava errado com a aliança feita com Israel no Monte Sinai? Realmente, nada havia de errado com a aliança em si, ela cumpria as funções que Deus pretendia. A Lei de Moisés identificava o pecado, encorajava a santidade entre o povo escolhido de Deus, e apontava aos homens a direção a Cristo e à graça de Deus. O problema era o povo que era incapaz de plenamente obedecer a lei.

É bem possível que alguns dos destinatários originais do Livro de Hebreus estivessem pensando em retornarem ao judaísmo, a “primeira aliança”. Seria tolice deixar uma aliança melhor para retornar a uma aliança imperfeita. Se a primeira aliança feita no Monte Sinai (Hebreus 8:9; Êxodo 19-20; 24:3-8) tivesse sido perfeita, não teria havido necessidade de outra. Até mesmo o santuário associado com a Lei de Moisés era apenas uma cópia e uma sombra do santuário celestial (Hebreus 8:5).

Hebreus 8:8-12: “{8:8} E, de fato, repreendendo-os, diz: ‘Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá, {8:9} não segundo a aliança que fiz com os seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; pois eles não continuaram na minha aliança, e eu não dei atenção a eles’, diz o Senhor. {8:10} Porque esta é a aliança que farei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: ‘Imprimirei as minhas leis na mente deles e as inscreverei sobre o seu coração; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. {8:11} E não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: ‘Conheça o Senhor’; porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles. {8:12} Pois, para com as suas iniquidades, usarei de misericórdia e dos seus pecados jamais me lembrarei.’”

8:8 – A primeira aliança não foi perfeita e, por isso, Deus, por meio do profeta Jeremias, tinha anunciado que faria uma nova aliança já na época do Antigo Testamento (cerca de 600 a.C.), juntamente com uma repreensão ao povo. O autor citou Jeremias 31:31-34 na versão da Septuaginta, conforme Hebreus 10:16-17. Essa citação de Jeremias 31 em Hebreus 8:8-12 é a mais longa passagem do Antigo Testamento citada no Novo Testamento. A Nova Aliança foi, primeiramente, com “a casa de Israel e com a casa de Judá”, ou seja, primeiramente ela veio aos israelitas/judeus e seus descendentes que moravam na Palestina (Jesus operou seu ministério nessa área). Os gentios (não judeus) também se beneficiam da Nova Aliança, mas isso ocorreu depois – primeiramente, ela foi concedida aos descendentes físicos de Abraão.

8:9 – A segunda aliança não é segundo a primeira aliança, a qual foi feita com os israelitas que deixaram o Egito pela mão poderosa do Senhor. O povo continuamente quebrou a aliança com Deus, e ele se afastou daqueles que a violaram. Onde aparece a expressão “pois eles não continuaram na minha aliança, e eu não dei atenção a eles, diz o Senhor”, o texto original hebraico diz: “Embora eu fosse o Deus deles, eles quebraram a minha aliança”. A falha estava realmente no povo de Deus, e não na aliança. Um homem poderia ser declarado justo sob a antiga lei se a guardasse perfeitamente, nunca violando um único preceito (Levítico 18:4-5). Mas o povo de Israel não guardava a lei de Deus e, assim, ela se tornou como se fosse um instrumento de morte espiritual para o povo (Romanos 7:10-13).

8:10 – Deus deu esperança ao seu povo, e à humanidade como um todo, prometendo por meio do profeta Jeremias que faria a Nova Aliança. A expressão “depois daqueles dias” provavelmente se refere aos dias do exílio dos judeus na Babilônia, ou seja, a Nova Aliança só viria após aquele período de tribulação.

As características destacadas da Nova Aliança aqui são as leis impressas na mente e no coração (2 Coríntios 3:7) e a comunhão de Deus com o povo. A Lei de Moisés foi escrita em tábuas de pedra, mas muitos israelitas não escreveram a lei de Deus em seus corações. A comunhão com seu povo sempre foi a vontade de Deus, mas o pecado das pessoas impedia a comunhão verdadeira (Isaías 59:1-2; 2 Coríntios 6:16-7:1).

8:11 – Todos que participam da Nova Aliança já conhecem o Senhor. Na Antiga Aliança, crianças foram incluídas e, depois, ensinadas – um indivíduo se tornava parte do povo de Israel pelo nascimento físico e era circuncidado no oitavo dia como sinal da aliança. Mais tarde, quando a criança tinha idade bastante para entender, a lei era ensinada para ela com a esperança de que ela decidisse obedecê-la. Na Nova Aliança, apenas pessoas que ouvem, creem e obedecem entram em comunhão com Deus. Primeiro ensina-se as pessoas, as quais somente se tornam parte da nação escolhida de Deus depois de aceitarem as condições para se tornarem parte dessa nação. Elas serão verdadeiramente o povo de Deus porque sua lei estará escrita em seus corações – cristãos verdadeiros têm um compromisso sério para conhecerem e aplicarem os preceitos de Cristo. Todos na casa espiritual de Israel (a Igreja) conhecem o Senhor porque ninguém pode se tornar cristão sem primeiro conhecê-lo.

8:12 – A Nova Aliança é diferente de outra maneira também: a misericórdia de Deus possibilitou que o perdão dos pecados esteja disponível por meio do sacrifício de Jesus Cristo na cruz. A primeira aliança não trouxe perdão total. Não haveria mais necessidade de sacrifícios anuais no dia da expiação como a Lei de Moisés exigia (Levítico 16). Jesus, o sacrifício perfeito, precisou oferecer a si mesmo somente uma vez.

Tendo em vista essas coisas, não há razão para querer voltar ao velho e imperfeito, quando Deus providenciou uma aliança nova e melhor, com um melhor sumo sacerdote. É impossível aceitar o ensinamento de Hebreus e ainda defender a ideia de que a lei dada por Deus no Monte Sinai continue em vigor hoje. Aqueles que usam o Antigo Testamento como base de suas doutrinas e regras acabam negando a Palavra de Jesus e a posição dele como sumo sacerdote para sempre.

Hebreus 8:13: *“{8:13} Quando ele diz ‘nova aliança’, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer.”*

8:13 – O autor explicou que quando Deus diz “nova aliança”, a primeira aliança se torna “antiquada”. O que se torna “antiquado e envelhecido” não permanece – desaparece para que algo melhor tome seu lugar. Pode-se dizer que a expressão “aquilo que se torna antiquado e envelhecido” não se refere apenas à idade da Antiga Aliança, mas também à sua utilidade: depois do seu cumprimento no Messias, ela não serve mais (Romanos 10:4). A conclusão é inevitável: entra a Nova Aliança e sai a Antiga Aliança.

A expressão “está prestes a desaparecer” indica que as práticas do Antigo Testamento ainda estavam sendo efetuadas na época em que o autor escreveu o texto, mas que estavam prestes a acabar. Esse é mais um indício de que o Livro de Hebreus não pode ter sido escrito depois de 70 d.C., pois nesse ano o templo de Jerusalém foi destruído. Sem o templo, não há como continuar com as práticas da antiga lei.

A OBRA SACRIFICIAL SUPERIOR DO SUMO SACERDOTE ETERNO – UM SANTUÁRIO SUPERIOR

Hebreus 9:1-5: *“{9:1} Ora, a primeira aliança também tinha preceitos de culto divino e o seu santuário terrestre. {9:2} Porque foi edificado um tabernáculo, cuja parte da frente, onde estavam o candelabro, a mesa e os pães da proposição, se chama o Santo Lugar. {9:3} Por trás do segundo véu se encontrava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos, {9:4} ao qual pertencia um altar de ouro para o incenso e a arca da aliança totalmente coberta de ouro, na qual estava uma urna de ouro contendo o maná, o bordão de Arão, que floresceu, e as tábuas da aliança. {9:5} Sobre a arca estavam os querubins de glória, que, com a sua sombra, cobriam o propiciatório. Mas dessas coisas não falaremos, agora, com mais detalhes.”*

9:1 – O texto não está falando aqui sobre o templo construído em Jerusalém, mas sobre a tenda sagrada que serviu de santuário para o povo de Israel (Hebreus 8:2) até a inauguração do templo (1 Reis 8:3-4). A “primeira aliança” se refere à aliança estabelecida no Sinai.

Sob a Lei de Moisés, o povo de Israel tinha um santuário (o tabernáculo) e um sumo sacerdote que servia como um intercessor pelo povo diante de Deus. O autor de Hebreus já identificou Jesus Cristo como sumo sacerdote, ministro do tabernáculo verdadeiro (Hebreus 4:14; 8:1-2). No capítulo nove, o autor discutiu o serviço de Jesus no tabernáculo verdadeiro, que é superior.

9:2 – O Livro de Êxodo registra a construção do “tabernáculo” (Êxodo 26:1-30). Era basicamente uma tenda elaborada e dividida em duas salas por um véu. A sala maior era chamada Santo Lugar e a menor era chamada Santo dos Santos. A “parte anterior” é uma referência ao Santo Lugar, separado do Santo dos Santos por um véu. Cada sala tinha seus próprios móveis.

O autor mencionou aqui dois dos móveis do tabernáculo, falando do “candelabro” (Êxodo 25:31-40) e da “mesa e os pães da proposição” (Êxodo 25:23-30). O “candelabro” era feito de ouro batido e colocado no lado sul do Santo Lugar (Êxodo 40:24), tendo sete lâmpadas que eram mantidas acesas todas as noites. A mesa da proposição, construída com madeira de acácia e revestida com ouro puro, ficava no lado norte do Santo Lugar (Êxodo 40:22). Sobre ela se depositavam doze pães, substituídos aos sábados e cuidadosamente dispostos em duas fileiras de seis (Levítico 24:5-6).

9:3 – O “segundo véu” refere-se ao véu que separava o Santo Lugar do Santo dos Santos, semelhantemente a uma cortina. O primeiro véu apenas guardava a entrada do tabernáculo (Êxodo 26:31-33; 35:12). O Santo dos Santos também é chamado de tabernáculo (tenda), pois era ali que a presença de Deus se encontrava.

9:4 – Ao Santo dos Santos pertencia o “*altar de ouro para o incenso*” (Êxodo 30:1-6) e a “*arca da aliança totalmente coberta de ouro*” (Êxodo 25:10-16).

Embora o altar de incenso se posicionasse no Santo Lugar, o autor de Hebreus o apresentou como pertencente ao Santo dos Santos. O autor não disse que o altar estava dentro do Santo dos Santos, mas que pertencia a ele. É como uma placa de uma loja que fica fora dela, mas ainda assim pertence à loja. Seu propósito é demonstrar seu estreito relacionamento com o santuário interior e com a arca da aliança (Êxodo 40:5; 1 Reis 6:22). Pode-se dizer que o altar de incenso pertencia ao Santo dos Santos em função, conforme Salmo 141:2 e Apocalipse 5:8, mesmo que não ficasse exatamente dentro do Santo dos Santos. Além disso, no dia da expiação, esse altar ficava diante do Santo dos Santos por conta da retirada momentânea do véu, e o sumo sacerdote levava incenso desse altar, juntamente com o sangue da oferta pelo pecado, para dentro do Santo dos Santos (Levítico 16:12-14).

A arca da aliança era uma caixa de madeira de acácia revestida de ouro por dentro e por fora (Êxodo 25:10-16). Dentro dela era guardada a “*urna de ouro contendo o maná*” (Êxodo 16:33), o “*bordão de Arão, que floresceu*” (Números 17:8-10) e as “*tábuas da aliança*” (Êxodo 25:16; Deuteronômio 10:3-5; 1 Reis 8:9). A urna contendo o maná representava que Deus provia as necessidades do povo. O bordão de Arão representava que Deus resolveu questões de autoridade entre o povo, sendo o bordão guardado como testemunho (Números 16-17). As tábuas da aliança eram pedras lavradas onde estavam escritos os dez mandamentos, pedras que representavam que Deus revelou sua Palavra.

Essa passagem declara que a arca da aliança tinha dentro de si a urna de ouro contendo o maná, a vara de Arão que floresceu, e as tábuas da aliança. Porém, em outros lugares como Êxodo 40:20, Deuteronômio 10:5 e 1 Reis 8:9, é dito que apenas as tábuas de pedra lá estavam. Qual é o certo? Lembremos que as duas “*tábuas de pedra*” (os dez mandamentos) não são o “*livro da lei*”. Esse livro não foi posto dentro da arca, mas do lado dela (Deuteronômio 31:26). Originalmente, todos os três itens (as tábuas de pedra, a urna do maná e a vara de Arão) estavam na arca, assim como o autor de Hebreus disse, porém, posteriormente, a urna e a vara foram removidas dali (Êxodo 40:20).

9:5 – Também pertencentes ao Santo dos Santos eram os “*querubins de glória*” e o “*propiciatório*”. O autor também afirmou que não falaria sobre os pormenores do santuário terreno.

Os “*querubins de glória*” eram duas figuras aladas de ouro puro que formavam uma só peça com a tampa da arca da aliança (o “*propiciatório*”), de pé em cada extremidade. Eles representavam dois anjos da “*presença*” divina que exaltam e zelam pela reverência e santidade diante de Deus. Podiam ter representado, também, a ideia de seres celestiais que “*carregam o trono de Deus*”, uma vez que o próprio “*propiciatório*” representava o trono dele (Ezequiel 1:4-28). Era entre eles que aparecia a glória da presença de Deus (Êxodo 25:17-22; Levítico 16:2; Números 7:89).

O “*propiciatório*”, isto é, “*o lugar da expiação*” ou “*o lugar do perdão*” (Êxodo 25:17-22; Romanos 3:25), era a tampa da arca da aliança. Era uma placa de ouro puro que se encaixava perfeitamente por cima da arca. Uma vez por ano, exatamente no décimo dia do sétimo mês, quando a congregação de Israel celebrava o dia da expiação (guardado até hoje pelos judeus como *yom kippur*), o sumo sacerdote aspergia sobre o povo, no tabernáculo e sobre a arca, o sangue como oferta pelo pecado (Levítico 16:14-15,19,34).

Hebreus 9:6-10: “{9:6} *Ora, depois que foram feitos todos esses preparativos, os sacerdotes entram continuamente no primeiro tabernáculo para realizar os serviços sagrados. {9:7} Mas, no segundo, o sumo sacerdote entra sozinho uma vez por ano, não sem sangue, que oferece por si e pelos pecados de ignorância do povo. {9:8} Com isto o Espírito Santo quer dar a entender que o caminho do Santuário ainda não se manifestou, enquanto o primeiro tabernáculo continua erguido. {9:9} Isso é uma parábola para a época presente, na qual se oferecem dons e sacrifícios, embora estes, no que diz respeito à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto, {9:10} pois não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, bebidas e diversas cerimônias de purificação, impostas até o tempo oportuno de reforma.*”

9:6 – A expressão “*Ora, depois que foram feitos todos esses preparativos*” se refere ao tabernáculo depois de montado e pronto para os serviços sacerdotais. Quando o povo peregrinava, o tabernáculo tinha que ser

desmontado e transportado. O “*primeiro tabernáculo*” refere-se ao Santo Lugar, onde os sacerdotes do Antigo Testamento entravam diariamente para ministrar (Números 18:1-6).

9:7 – Somente o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos, o “*segundo*” tabernáculo. Uma vez por ano, no dia da expiação, o décimo dia do sétimo mês, o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos com o sangue de um animal como oferta por seus próprios pecados e, novamente, com o sangue de outro animal como oferta pelos pecados “*de ignorância*” do povo. Ele aspergia esse sangue sobre o propiciatório. Era no Santo dos Santos que um homem podia chegar à presença de Deus, mas somente o sumo sacerdote era capaz de entrar e, ainda assim, antes da entrada, era exigido que a sala fosse preenchida com incenso (Levítico 16).

Os pecados “*de ignorância*” podem ser entendidos como “pecados que o povo cometeu sem saber que estava pecando” (Levítico 4:1-35). O sumo sacerdote intercedia também por esse tipo de pecado.

9:8 – O véu que separava o Santo Lugar do Santo dos Santos simbolizava o fato de que o caminho à presença de Deus ainda não estava aberto para a humanidade. Por isso o autor afirmou que o Espírito Santo deu a entender que, enquanto o “*primeiro tabernáculo continua erguido*”, ainda não era manifesto “*o caminho do Santuário*”. Enquanto vigorava a lei do Antigo Testamento, a qual requeria um santuário terrestre e o véu para separar o local da habitação de Deus (Santo dos Santos), o ser humano não tinha o caminho manifesto ao Senhor, ou seja, o caminho ao verdadeiro Santo dos Santos.

9:9 – O autor declarou que aquilo que afirmou em Hebreus 9:8 é “*uma parábola para a época presente*”: o acesso ao verdadeiro santuário não foi possível pelo tabernáculo terrestre. No entanto, quando Jesus morreu na cruz, o véu entre o Santo Lugar e o Santo dos Santos foi rasgado (Mateus 27:51) – esse foi o modo de Deus demonstrar que o acesso para a sua presença estava agora disponível a todos por meio do sacrifício de Jesus (Hebreus 6:19-20; 10:19-22). Segundo a “*parábola*”, ou seja, o serviço sacerdotal do Antigo Testamento, as oferendas não podiam dar ao adorador uma consciência perfeitamente limpa – elas não aperfeiçoavam os adoradores. Tal aperfeiçoamento pode ser entendido como o aprendizado contínuo do cristão em aplicar o evangelho em sua vida, até ser como Cristo, como Paulo escreveu em Efésios 4:13: “*até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo.*”

Desde a expulsão do primeiro casal do Éden por causa do pecado de desobediência, Deus tem mostrado o triste resultado das transgressões dos homens. O pecado cria uma barreira entre Deus e as pessoas, e o véu do tabernáculo e do templo do Antigo Testamento foi uma das maneiras em que Deus ensinou a respeito dessa separação. No entanto, quando Jesus morreu, os evangelhos relatam que o véu foi rasgado. É interessante que foi rasgado de alto a baixo, o que demonstra que foi pela intervenção divina (de Deus nas alturas à terra) que a barreira foi removida. As pessoas não podem resolver o problema do pecado por mérito próprio e, assim, não havia como o véu ser rasgado de baixo para cima. Foi Deus que, pela morte de Cristo na cruz, rasgou o véu.

9:10 – As oferendas do Antigo Testamento eram mandamentos exteriores que tratavam de “*comidas, bebidas e diversas cerimônias de purificação*” com água (Levítico 11; 15:1-33; Números 19:1-22) – nada disso purificava o espírito. Essas ordenanças foram dadas temporariamente até o “*tempo oportuno de reforma*” – o tempo da inauguração da Nova Aliança por Jesus Cristo.

Hebreus 9:11-12: “*{9:11} Quando, porém, Cristo veio como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos humanas, quer dizer, não desta criação, {9:12} e não pelo sangue de bodes e de bezerras, mas pelo seu próprio sangue, ele entrou no Santuário, uma vez por todas, e obteve uma eterna redenção.*”

9:11 – Quando Jesus veio, cumpriu os pré-requisitos dados por Deus para ser salvador e sumo sacerdote perfeito. Alguns manuscritos, onde aparece a expressão “*bens já realizados*”, dizem “*bens porvir*” ou “*que ainda virão*” ou “*que ainda estavam por vir*” ou (Hebreus 10:1). Há duas formas de entender essa expressão: ela pode se referir às coisas realizadas na Antiga Aliança que apontavam para Cristo e foram cumpridas por ele (os “*bens já realizados*”) ou para os benefícios que vieram na Nova Aliança por causa de seu sacerdócio (os “*benefícios que hão de vir*”, conforme Hebreus 10:1).

Cristo ministra em um tabernáculo superior, o qual não foi criado por mãos “desta criação” – é o verdadeiro Santo dos Santos, o “verdadeiro tabernáculo” (Hebreus 8:2), o céu.

Há algumas pessoas que ensinam que Jesus entrou no Santo dos Santos por volta de 1844. Mas a Bíblia diz que ele entrou nele logo após ter subido ao céu depois da ressurreição. Quando alguém traz tal doutrina obviamente errada, ela deve ser rejeitada (Gálatas 1:6-9).

9:12 – Jesus levou seu próprio sangue como expiação pelos pecados, e não o sangue “de bodes e de bezerras”, os quais eram também uma figura do Antigo Testamento que apontava para seu sacrifício. Jesus entrou no Santo dos Santos uma vez por todas (Hebreus 4:14), trazendo redenção eterna aos homens (conforme Hebreus 1:3; 9:13; Atos 2:33) – seu sacrifício foi único e suficiente para a “eterna redenção” de todos os que nele creem.

Apesar de o tabernáculo mosaico estar ultrapassado, continuava a simbolizar (inutilmente, depois da morte de Cristo) uma volta à velha forma da lei, uma vez que ela não podia livrar o ser humano da condenação do pecado. Os sumos sacerdotes levíticos tinham que repetir todos os anos as cerimônias de purificação, mas Cristo ofereceu o sacrifício eficaz, pleno, único e eterno. Depois de obter a “eterna redenção”, subiu e adentrou o perfeito santuário celestial. O modelo do Antigo Testamento, no entanto, não durou por muito mais tempo: após a queda do templo em 70 d.C., esse sistema sacrificial cessou – foi a rejeição final de Deus para ele.

A OBRA SACRIFICIAL SUPERIOR DO SUMO SACERDOTE ETERNO – UM SACRIFÍCIO SUPERIOR

Hebreus 9:13-14: “{9:13} Ora, se o sangue de bodes e touros e as cinzas de uma novilha espalhadas sobre os que estão cerimonialmente impuros os santificam, de forma que se tornam exteriormente puros, {9:14} quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu de forma imaculada a Deus, purificará a nossa consciência de atos que levam à morte, para que sirvamos ao Deus vivo!”

9:13 – Na Antiga Aliança, o “sangue de bodes e touros” (Levítico 16:15-16) e “as cinzas de uma novilha” (Números 19:1-9,17-19) eram considerados capazes de santificar os “cerimonialmente impuros” (ou “os contaminados”) tornando-os “exteriormente puros” (ou seja, em relação à purificação da carne).

9:14 – Se o “sangue de bodes e touros e as cinzas de uma novilha” eram considerados como capazes de santificar aqueles que estavam cerimonialmente impuros tornando-os exteriormente puros, quanto mais pode realizar o sangue do Filho de Deus? A superioridade do sacrifício de Jesus é evidente. Ele se ofereceu a Deus como sacrifício de propiciação de pecados de forma totalmente “imaculada” (Números 28:3; 1 Pedro 1:18-19), por ter vivido uma vida perfeita.

O sangue de animais foi usado para purificar coisas contaminadas (Hebreus 9:22), mas o sangue de Cristo purifica a consciência do homem de comportamentos ou obras que levam à morte. Essas obras ou comportamentos também podem ser consideradas mortas uma vez que a redenção pelo sangue de Cristo é obtida. Com uma consciência purificada, os humanos podem servir “ao Deus vivo”.

A expressão “pelo Espírito eterno” também pode ser traduzida como “por meio do seu espírito”. A ideia do sangue de Jesus ser capaz de purificar encontra-se também em Hebreus 9:22, 1 João 1:7, 1 Pedro 1:2 e Apocalipse 7:14.

Esse é um versículo chave do Livro de Hebreus. Jesus Cristo foi ao mesmo tempo sumo sacerdote e sacrifício imaculado na inteireza da sua pessoa, e não apenas de forma exterior, superficial e incompleta. O Espírito de Cristo que habita no coração (tabernáculo) dos cristãos removerá totalmente a profunda e mortal “marca do pecado” gravada no âmago do ser humano. É impossível servir ao Senhor de forma aceitável com uma consciência maculada.

Hebreus 9:15: “{9:15} Por essa razão, Cristo é o mediador de uma nova aliança para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança.”

9:15 – O autor de Hebreus já havia identificado Jesus como “*Mediador*” de uma aliança melhor (Hebreus 8:6) – ele é o mediador porque se ofereceu a Deus como sacrifício sem defeito (Hebreus 9:14). Agora, o autor explicou que o sangue de Jesus alcança até mesmo os pecados sob a primeira aliança, a Lei de Moisés – a morte de Cristo interviu para “*resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança*”. O perdão oferecido antes da morte de Jesus, seja por meio de sacrifícios de animais ou por meio do batismo de João, dependia do sacrifício de Jesus para ser concretizado.

As palavras “aliança” e “testamento” (Hebreus 9:16) são traduções da mesma palavra grega (*diatheke*), a qual significa ambas as coisas. Em Hebreus 9:15-20, o autor se valeu desse duplo significado para indicar que a salvação – a “*promessa da herança eterna*” descrita como “*descanso*” em Hebreus 4:1-11 – é agora possível graças à morte de Jesus Cristo (1 Timóteo 2:6) para “*os que são chamados*” – uma expressão que se refere àqueles que foram chamados por Deus por meio do evangelho para serem santificados e que o aceitaram e o praticam (Romanos 1:6; 1 Coríntios 1:2; Judas 1).

Cristo é o único e suficiente mediador da Nova Aliança entre Deus e a humanidade, cuja promessa é a herança eterna como filhos do Altíssimo (Hebreus 7:22; 8:6,13; 12:24; 1 Timóteo 2:5; conforme Jeremias 31:31-34). Não há outros mediadores para que alguém se achegue a Deus, seja Maria, os anjos, ou espíritos. Por causa da morte expiatória de Cristo, essa herança tornou-se uma realidade para todas as pessoas que ouvem a Palavra de Deus. Ao entregar-se como sacrifício e ao oferecer seu sangue, perante a lei, Jesus “pagou” totalmente o “preço” necessário para libertar o ser humano de todos os pecados cometidos, inclusive pecados sob a primeira aliança (Marcos 10:45).

Antes de Jesus, houve pecado e condenação. Todos pecaram (Romanos 3:23) e mereceram a morte espiritual (Romanos 6:23). A lei do Antigo Testamento mostrou o problema (Romanos 3:20; Gálatas 3:22) e a fé em Jesus Cristo é a solução (Gálatas 3:23-27; Romanos 3:24-26). É necessário o sangue de Jesus para fazer propiciação pelos pecados do ser humano.

No entanto, quando Moisés revelou as instruções sobre holocaustos e outros sacrifícios, ele disse que os pecados do povo seriam perdoados por meio dessas ofertas (Levítico 4:20,26,31,35; 5:10,13,16,18; 6:7; etc.). João Batista, alguns anos antes do derramamento do sangue de Jesus, pregou um “*batismo de arrependimento para perdão de pecados*” (Marcos 1:4). Como, então, se pode falar de perdão antes da morte de Jesus? Se já existiam meios para perdoar pecados, por que Jesus se sacrificou na cruz?

Na verdade, os sacrifícios anteriores não foram suficientes para perdoar pecados: “*Contudo, esses sacrifícios são uma recordação anual dos pecados, pois é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados*” (Hebreus 10:3-4). Os pecados cometidos sob o Antigo Testamento foram perdoados pela morte de Jesus: “*Por essa razão, Cristo é o mediador de uma nova aliança para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança.*”

Para ilustrar o significado dessas passagens, podemos usar a prática comum de pagar dívidas com cheques pré-datados. Os sacrifícios do Antigo Testamento e o batismo de João foram como cheques pré-datados assinados com a confiança de que o sangue de Jesus seria “depositado na conta” na data certa. Foram condicionados no sacrifício futuro de Jesus. Mas hoje é diferente. Quando alguém demonstra a fé no evangelho, confessa essa fé, chega ao arrependimento e recebe o batismo para remissão de pecados e recebimento do dom do Espírito (Atos 2:38; 22:16), confia no depósito que já foi feito no Calvário, com a morte de Cristo. Então, recebe o perdão dos pecados.

Hebreus 9:16-22: “{9:16} *Porque, onde há um testamento, é necessário constatar a morte de quem o fez.* {9:17} *Sim, porque um testamento só é confirmado depois da morte de quem o fez, pois de maneira nenhuma um testamento tem força de lei enquanto ainda vive quem o fez.* {9:18} *Por isso, nem a primeira aliança foi estabelecida sem sangue.* {9:19} *Porque, havendo Moisés proclamado a todo o povo todos os mandamentos conforme a lei, pegou o sangue dos bezerras e dos bodes, com água, lã tingida de escarlata e hissopo e aspergiu não só o próprio livro, como também todo o povo,* {9:20} *dizendo: ‘Este é o sangue da aliança que Deus ordenou para vocês.’* {9:21} *Igualmente também aspergiu com sangue o tabernáculo e todos os utensílios do serviço sagrado.* {9:22} *De fato, segundo a lei, quase todas as coisas são purificadas com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão.*”

9:16 – Onde há um testamento, é necessária a morte do testador para que o testamento entre em vigor. No caso, a Nova Aliança é o testamento de Jesus.

O termo grego para “*testamento*” pode ser traduzido por “*aliança*” na maioria das vezes. Entretanto, aqui e em Hebreus 9:17, o vocábulo foi usado especificamente no sentido de comunicar as últimas vontades de uma pessoa sobre a partilha da sua herança.

O testamento pode ser oral ou escrito e é levado a um tribunal de justiça, por meio do qual uma propriedade pode ser transmitida após a morte de quem o fez. Os contratos podem ser bilaterais, em que cada parte faz promessas, ou unilaterais, um acordo proposto por apenas uma das partes, que a outra pode aceitar ou rejeitar, mas não alterar. Em tempos antigos, entre os hebreus e os outros povos, uma propriedade passava a uma pessoa de acordo com as leis de herança, sem testamentos. A única referência clara na Bíblia a um testamento está no Livro de Hebreus.

9:17 – Um testamento só passa a valer quando o testador morre. Enquanto ele viver, seu testamento não pode entrar em vigor. Sendo assim, quando Jesus morreu na cruz, o seu testamento, a Nova Aliança, passou a vigorar. Os beneficiários do testamento não têm direito legal à herança determinada antes da morte do testador. Nesse sentido, como ocorreu a morte de Jesus Cristo, a promessa da herança eterna já pode ser usufruída por seus beneficiários de acordo com a vontade expressa do Senhor.

9:18 – Assim como a Nova Aliança foi sancionada com o sangue de Cristo, a Antiga Aliança também tinha sido sancionada com sangue – mas era o sangue de animais sacrificados. Pode-se entender que o sangue de Jesus era como uma prova da morte do testador para que seu testamento entrasse em vigor.

9:19 – Antes que a aliança com os israelitas tivesse entrado em vigor, Moisés tinha lido todas as palavras da lei ao povo. O povo concordou e, então, Moisés tomou o sangue “*dos bezerras e dos bodes*” e o aspergiu sobre o livro da lei, o altar, e o povo, sancionando a aliança (Êxodo 24:1-8). A expressão “*com água, lã tingida de escarlate e hissopo*” menciona materiais usados nas cerimônias de aspersão da Antiga Aliança (Êxodo 12:22; Levítico 14:2-6; 14:49-52; Números 19:6,18).

O hissopo é uma planta aromática da família da menta. Apresenta uma haste reta e flores brancas. A superfície pilosa de suas folhas e galhos liberava um líquido agradável que fazia dela o dispositivo perfeito para aspersões em purificações rituais.

9:20 – Após aspergir o sangue que sancionou a Antiga Aliança, Moisés declarou: “*Este é o sangue da aliança que Deus ordenou para vocês*” (Êxodo 24:6-8). É importante notar que Moisés estava se referindo apenas ao povo de Israel – a Antiga Aliança foi dada apenas aos israelitas. Suas práticas não devem mais ser usadas como regra para justificação diante de Deus, pois tiveram seus propósitos cumpridos em Cristo. Da mesma forma, a Antiga Aliança jamais foi dada aos gentios.

9:21 – Moisés “*também aspergiu com sangue o tabernáculo e todos os utensílios do serviço sagrado*” (Êxodo 29:12; Levítico 8:15,19). O sangue que sancionou a aliança com os israelitas foi aspergido sobre tudo relacionado àquela aliança: o livro da lei, o povo, o tabernáculo e seus utensílios.

9:22 – Moisés aspergiu sangue sobre o livro da lei, o povo, o tabernáculo e seus utensílios, para dedicar a Antiga Aliança. Jesus deu seu sangue para introduzir a Nova Aliança. Comparemos Êxodo 24:8, “*Então Moisés pegou aquele sangue, e o aspergiu sobre o povo, e disse: ‘Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor fez com vocês de acordo com todas estas palavras’*”, com Mateus 26:28: “*porque isto é o meu sangue, o sangue da aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados.*” Quase todas as coisas na Antiga Aliança eram purificadas com sangue (Hebreus 9:20; Levítico 5:8-9,18; 17:11; Efésios 1:7; 1 Pedro 1:2), e isso serviu de figura para o que havia de vir na Nova Aliança. O sangue, portanto, foi necessário para a realização das alianças de Deus. Foi necessário para que o testamento de Cristo (a Nova Aliança) entrasse em vigor. O sangue de Cristo foi necessário para que haja perdão dos pecados. Assim, “*sem derramamento de sangue não há remissão.*”

Hebreus 9:23-28: “*{9:23} Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que estão nos céus fossem purificadas com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais requerem sacrifícios superiores àqueles. {9:24} Porque Cristo*

não entrou em santuário feito por mãos humanas, figura do verdadeiro Santuário, porém no próprio céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus. {9:25} Ele não entrou para oferecer a si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote entra todos os anos no Santo dos Santos com sangue alheio. {9:26} Se fosse assim, ele precisaria ter sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo; agora, porém, ao chegar o fim dos tempos, ele se manifestou uma vez por todas, para aniquilar o pecado por meio do sacrifício de si mesmo. {9:27} E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disso, o juízo, {9:28} assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez por todas para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, não para tirar pecados, mas para salvar aqueles que esperam por ele.”

9:23 – Os sacerdotes oferecem sacrifícios (Hebreus 5:1, conforme 1 Pedro 2:5). O texto anteriormente deu ênfase no sacerdócio de Jesus, e sabe-se que ele entrou no verdadeiro Santo dos Santos com seu sacrifício (Hebreus 9:12). A partir daqui foi dada uma maior ênfase nas características e no valor do sacrifício de Jesus.

O sangue de animais servia para purificar as coisas materiais que eram cópias simbólicas, ou figuras, das “coisas que estão nos céus” (Hebreus 8:3-5; 9:11; 10:1). No entanto, a purificação de “coisas celestiais” exige um sacrifício superior, trazendo uma esperança superior (Hebreus 7:19).

As “coisas celestiais” purificadas pelo sangue de Jesus, provavelmente, são os próprios salvos, os irmãos santificados pelo sangue dele (conforme Hebreus 2:11; 10:14) para habitarem no céu. Paulo descreveu os cristãos como utensílios santificados na casa de Deus em 2 Timóteo 2:20-21: “Ora, numa grande casa não há somente utensílios de ouro e de prata; há também de madeira e de barro. Alguns, para honra; outros, porém, para desonra. Assim, pois, se alguém se purificar destes erros, será utensílio para honra, santificado e útil ao seu senhor, estando preparado para toda boa obra.”

Há outra forma de entender a purificação das “próprias coisas celestiais”. Após o sacrifício de Cristo, Satanás não tem mais como acusar as pessoas como estando perdidas e tendo que ser condenadas diante de Deus, implicando que o plano da salvação falhou. Em Jó capítulo 2 é descrito que Satanás vinha na presença do Senhor juntamente com os “filhos de Deus”. Ele tinha acesso ao céu e fazia seu papel de acusador, maculando as coisas celestiais tanto com sua presença quanto com seus desafios a Deus. Em Apocalipse capítulo 12 é descrito que ele foi expulso do céu por não se achar mais lugar para ele. Quando Cristo se sacrificou na cruz, seu sangue derramado acabou com a base de acusações de Satanás, uma vez que possibilita a salvação e justificação de todas as pessoas. Assim, após Cristo morrer e ressuscitar, não há mais lugar para as acusações e a presença de Satanás no céu e, nesse sentido, as coisas celestiais são purificadas.

De qualquer forma, as “próprias coisas celestiais” acabaram sendo purificadas e santificadas pelo sangue de Cristo, uma vez que ele estava penetrando o verdadeiro santuário com a oferta de seu próprio sangue, à maneira do sumo sacerdote no dia da expiação.

9:24 – Cristo não entrou em um santuário feito por mãos humanas que figurava o “verdadeiro Santuário” – o Santo dos Santos terreno era uma figura do “próprio céu” onde Jesus entrou, como sumo sacerdote, para permitir aos cristãos o livre acesso a Deus (Hebreus 9:7; Mateus 27:51). Portanto, Cristo penetrou aos céus, no verdadeiro Santo dos Santos (Hebreus 1:3; 4:10,14; 6:20; 9:12), para interceder pelos seus irmãos (Romanos 8:34; 1 João 1:7-2:3) que são santificados pelo seu sangue (Hebreus 2:11; 10:14) e para representá-los diante de Deus.

9:25 – O sumo sacerdote da antiga lei, uma vez por ano, no dia da expiação, entrava no Santo dos Santos com o sangue de animais como oferta por seus próprios pecados e como oferta pelos pecados do povo (Hebreus 9:7). Cristo entrou uma única vez no santuário celestial, mas não para se oferecer repetidamente.

9:26 – Ainda que os sumos sacerdotes do Antigo Testamento oferecessem sangue todos os anos pelos pecados do ano anterior, Jesus entrou no céu, na presença de Deus, uma vez por todas. Se Jesus procedesse como o sumo sacerdote da antiga lei, teria que sofrer muitas vezes desde o início do mundo. Mas Cristo não precisou repetir seu sacrifício mais do que uma vez, pois uma única vez era mais do que suficiente para permitir a remissão dos pecados de todos aqueles que se convertem pelo evangelho. Cristo fez um sacrifício, uma vez por todas, para vencer o pecado.

A expressão “*agora, porém, ao chegar o fim dos tempos*” se refere ao fato de que os últimos tempos já estavam presentes no primeiro século. Deus falou por meio de seu Filho, e essa é a palavra final e definitiva que Deus dirige aos seres humanos (Hebreus 1:2). Por ser Filho e herdeiro, ele herda do Pai tudo que o pertence (Romanos 8:17).

Alguns acreditam que, aqui na Terra, existirá um novo templo judaico no qual serão oferecidos sacrifícios de animais. Essa ideia simplesmente não está conforme o ensinamento do Livro de Hebreus sobre a ineficácia de sacrifícios de animais e a perfeição do único sacrifício de Jesus.

9:27 – Os homens morrem apenas uma vez e, depois, serão julgados. No fim da vida física, Eclesiastes 12:7 afirma: “*e o pó volte à terra, de onde veio, e o espírito volte a Deus, que o deu.*” Quando uma pessoa morre fisicamente, sua parte espiritual volta até Deus a fim de receber um julgamento, isto é, a pessoa é encaminhada para consolo ou tormento (Lucas 16:19-31). A morte em termos físicos é o fim das oportunidades de um pecador se reconciliar com Deus. Não há outra chance. Não existe reencarnação, nem purgatório, nem qualquer outra segunda chance após a morte física – apenas juízo.

A morte sempre significa uma separação. Em termos físicos, a morte ocorre quando o corpo se separa do espírito, conforme Tiago 2:26: “*Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta.*” Assim, a morte, no sentido físico, é a separação do corpo e do espírito.

No entanto, a Bíblia ensina que a morte no sentido físico não é o pior que se pode acontecer a uma pessoa. Há morte no sentido espiritual, ou seja, o estado de estar banido da presença de Deus – e é esse o pior destino que alguém pode ter. Nesse sentido, alguém pode estar vivo na Terra (ainda ter seu espírito), mas morto espiritualmente (separado de Deus). Em Isaías 59:2, constata-se que os pecados separam as pessoas de Deus: “*Mas as iniquidades de vocês fazem separação entre vocês e o seu Deus; e os pecados que vocês cometem o levam a esconder o seu rosto de vocês, para não ouvir os seus pedidos.*”

9:28 – Assim como os seres humanos morrem apenas uma vez, no sentido físico, Jesus morreu uma vez, sendo isso o bastante para “*tirar os pecados de muitos*” (Isaías 53:12; 1 Pedro 2:14). A palavra “*muitos*” (Isaías 53:12; Marcos 10:45; Romanos 5:19) tem o sentido de “*muitos, mas não todos*” – não são todos os seres humanos que serão salvos pelo sacrifício de Cristo, embora seu sangue tenha poder para remir todos os pecados de todos eles. A questão é que somente serão salvos aqueles que têm a fé que Deus quer. Desde a morte de Cristo, isso significa aceitar e viver de acordo com a doutrina dele – seu testamento, a Nova Aliança (Hebreus 9:17).

Cristo ainda aparecerá outra vez aos fiéis que esperam a salvação, mas não será para remir pecados (Marcos 13:24-27; Atos 1:10-11; 1 Coríntios 15:23-24; Apocalipse 1:7). Ele aparecerá segunda vez “*não para tirar pecados*”, mas para executar o juízo final. Daqui vem a expressão “*segunda vinda de Cristo*”. Cristo não tem mais o pecado da humanidade imputado sobre si como quando estava pregado na cruz – o “*saldo devedor*” do pecado já foi “*pago*” na cruz com sua morte. Resta agora o retorno de Cristo para dar a recompensa aos fiéis e a punição aos infiéis.

Assim como os antigos israelitas aguardavam com expectativa e ansiedade a volta do sumo sacerdote que estava no Santo dos Santos intercedendo pelo povo no dia da expiação, da mesma maneira, os cristãos devem viver e esperar com fé, na expectativa da volta do sumo sacerdote perfeito, Jesus Cristo (2 Timóteo 4:8; Tito 2:13; Romanos 8:29-30; Filipenses 3:20-21; 1 João 3:2-3).

Muitas pessoas estão fascinadas pela ideia da reencarnação, cuja base é que a alma voltará à Terra, possivelmente centenas de vezes, para viver novamente e para ser aperfeiçoada em consecutivas vidas. A Bíblia ensina que a morte no sentido físico ocorre apenas uma vez, vindo depois disso o juízo, conforme Hebreus 9:27-28: “*E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disso, o juízo, assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez por todas para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, não para tirar pecados, mas para salvar aqueles que esperam por ele.*” O significado dessa afirmação é importante. Se uma pessoa precisa morrer muitas vezes, qual é o valor do sacrifício de Jesus? Teria ele também que morrer muitas vezes? Essa passagem mostra que ele morreu uma única vez para “*pagar o preço*” dos pecados. Paulo afirmou em 2 Coríntios 5:10 que cada pessoa será julgada “*segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo.*” Ele não falou de corpos, no plural, mas de um corpo só, no singular. O espírito não voltará para ser aperfeiçoado em outros corpos, pois, quando pessoas morrem, o espírito volta para Deus (Eclesiastes 12:7). Além disso, a ideia de que almas são aperfeiçoadas por meio

da reencarnação é absolutamente oposta à doutrina bíblica de que as pessoas são salvas pela graça de Deus (Efésios 2:8-9).

Hebreus 10:1-4: *“{10:1} Ora, visto que a lei é apenas uma sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca consegue aperfeiçoar aqueles que se aproximam de Deus com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, continuamente, eles oferecem. {10:2} Se isto fosse possível, será que os sacrifícios não teriam deixado de ser oferecidos? Porque os que prestam culto, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais teriam consciência de pecados! {10:3} Entretanto, nesses sacrifícios ocorre recordação de pecados todos os anos, {10:4} porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados.”*

10:1 – A Antiga Aliança era uma representação do que estava por vir na Nova Aliança. A Lei de Moisés era uma sombra imperfeita, não a coisa real. Seus sacrifícios não eram capazes de aperfeiçoar os ofertantes (Hebreus 7:19). Esses sacrifícios, ano após ano, constituíam em uma grande ilustração e antevisão (literalmente no grego: uma “sombra” – veja Hebreus 8:3-5, conforme Colossenses 2:17) do poderoso e derradeiro sacrifício vicário de Cristo. O alvo da fé cristã é tornar as pessoas em “cópias fiéis” de Cristo, ou seja, discípulos dele, cristãos (Romanos 8:29; 2 Coríntios 4:4; Colossenses 2:17).

10:2 – Se os sacrifícios fossem eficazes, não teriam sido repetidos: a própria repetição constante deles já era uma lembrança contínua de que não eram adequados à remissão de pecados. Ofertas e sacrifícios não têm o poder de perdoar, limpar e renovar a consciência humana (Hebreus 10:4; Salmo 51:10,16; Salmo 66:18). Se os adoradores tivessem sido purificados de uma vez por todas por meio de ofertas e sacrifícios, não mais se sentiriam culpados de seus pecados.

A consciência que aflige uma pessoa em relação aos pecados cometidos, e que não pode aceitar humilde e alegremente o perdão de Deus, ainda não conheceu a salvação à disposição de todos mediante a fé em Cristo (João 1:12).

10:3 – Os sacrifícios faziam recordação anual dos pecados, mas não os removiam da consciência – as pessoas eram lembradas dos pecados que cometeram e, assim, poderiam ficar com a consciência pesada. Se esses sacrifícios realmente pudessem remover pecados, não haveria necessidade de serem lembrados os pecados todos os anos. A necessidade de um pecador é ser perdoado e purificado da culpa por seus pecados, mas o perdão requer um sacrifício que seja capaz de satisfazer as exigências da justiça de Deus.

10:4 – A Lei de Moisés não podia prover um sacrifício que verdadeiramente satisfizesse as exigências da justiça de Deus. O “*sangue de touros e de bodes*”, por si mesmo, não pode remover pecados – apenas apontou para o sacrifício de Cristo na cruz.

Hebreus 10:5-10: *“{10:5} Por isso, ao entrar no mundo, Cristo disse: ‘Sacrifício e oferta não quiseste, mas preparaste um corpo para mim; {10:6} não te agradaste de holocaustos e ofertas pelo pecado. {10:7} Então eu disse: ‘Eis aqui estou! No rolo do livro está escrito a meu respeito. Estou aqui para fazer, ó Deus, a tua vontade.’ {10:8} Depois de dizer, como acima: ‘Sacrifícios, ofertas, holocaustos e ofertas pelo pecado não quiseste, nem deles te agradaste’ — coisas que se oferecem segundo a lei —, {10:9} num segundo momento acrescentou: ‘Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade.’ Ele remove o primeiro para estabelecer o segundo. {10:10} Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.”*

10:5 – O autor citou o Salmo 40:6-8 da Septuaginta. A expressão “*Por isso, ao entrar no mundo*” foi aplicada a Cristo, e a expressão “*mas preparaste um corpo para mim*” é uma frase que concorda com o Salmo 40:6 e que aqui serve para fundamentar o que o autor disse em Hebreus 10:10: “*Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.*” Deus não estava interessado nos sacrifícios em si (1 Samuel 15:22; Salmo 50:7-15; Salmo 51:16-17; Isaías 1:10-17; Jeremias 7:21-26; Oseias 6:6; Amós 5:21-25; Miqueias 6:6-8), mas estava apontando para o corpo de Cristo.

A citação do Salmo 40 parece ser feita de forma diferente em Hebreus 10:5. O Salmo 40:6 citou o Messias dizendo “*abriste os meus ouvidos*” ou “*furaste os meus ouvidos*”, mas o autor de Hebreus citou-o como “*preparaste um corpo para mim*” em Hebreus 10:5. Não há aparente semelhança entre essas citações. Em uma leitura superficial, parece que esse texto do Novo Testamento muda a passagem do Antigo Testamento.

Parte da dificuldade provém de que o autor de Hebreus citou a versão grega do Antigo Testamento (Septuaginta), ao passo que o Salmo 40 originalmente foi escrito em hebraico. Entretanto, isso não resolve a dificuldade para todo aquele que crê na inspiração da Bíblia, uma vez que, quando uma passagem do Antigo Testamento é citada no Novo Testamento, tem-se a garantia de sua veracidade. Como, então, esse aparente “erro de citação” pode ser explicado?

A solução parece recair no fato de que o Livro de Hebreus fez uma “citação livre” da expressão “*abriste os meus ouvidos*”/“*furaste os meus ouvidos*” do Salmo 40:6. Essa expressão do salmo parece ter o significado de “Tu me tens preparado para um serviço obediente”, ou seja, parece ser uma figura de linguagem que se refere ao ato de abrir ou furar a orelha de um escravo como sinal de submissão ao seu senhor. Nesse caso, o Livro de Hebreus, na verdade, tornou mais claro o sentido dessa obscura figura de linguagem com sua citação de forma mais “livre”. Em outras palavras, o Messias, para ser submisso a Deus de forma a cumprir a ordem de ser um sacrifício pelo pecado, precisou de um corpo preparado para ser o sacrifício.

Outros declaram que se trata de uma sinédoque. Sinédoque é uma figura de linguagem que se caracteriza pela substituição de um termo por outro e indica a parte mais restrita pela mais extensa, ou o todo pela parte. Por exemplo, na expressão “Nunca tive um teto para me abrigar”, a palavra “teto” foi usada como representação de uma casa. Ou seja, se Deus está para “abrir as orelhas” de forma que o Messias obedeça a Deus e se torne um sacrifício pelo pecado, então ele tem que “preparar um corpo” para si, um corpo no qual possa entrar no mundo e realizar a sua divina missão. Isso implica em ser necessário “abrir os ouvidos” para ouvir as ordens de Deus e ter um corpo obediente – um corpo oferecido para fazer a vontade de Deus, uma oferta do próprio ser a ele, o que enfatiza a obediência ao invés de sacrifícios.

De qualquer modo, tem-se uma solução satisfatória para essa dificuldade, atentando-se também ao princípio de que as citações do Novo Testamento não precisam ser referências exatas, contanto que sejam fiéis à verdade contida no texto do Antigo Testamento.

10:6 – Continuando com a citação do Salmo 40:6, o autor afirmou que não era dos “*holocaustos e ofertas pelo pecado*” que Deus se agradava (1 Samuel 15:22; Salmo 50:7-15; Salmo 51:16-17; Isaías 1:10-17; Jeremias 7:21-26; Oseias 6:6; Amós 5:21-25; Miqueias 6:6-8). O versículo a seguir demonstrou o que o Senhor realmente queria: obediência (Hebreus 10:7). Deus não se alegrava com os sacrifícios oferecidos sob a Lei de Moisés no sentido de que eles eram inadequados para pagar a pena pelos pecados cometidos.

10:7 – A expressão, “*Então, eu disse*” foi aplicada a Jesus Cristo. Ele veio para satisfazer a vontade do Pai no seu sacrifício perfeito. Isso envolve o significado de propiciação (Hebreus 4:10; 1 João 2:2), misericórdia (Hebreus 2:17; 8:12; 9:5), e o fato de Deus ser justo e justificador (Romanos 3:25-26). A expressão “*No rolo do livro está escrito a meu respeito*” demonstra que as próprias Escrituras testificam de Jesus. Portanto, Deus não se agradava das ofertas e sacrifícios da antiga lei, mas que seja feita sua vontade – ele se agrada da obediência à Palavra dele (1 Samuel 15:22; Hebreus 10:5-9; conforme Salmo 40:6-8), sendo que Cristo fez exatamente isso (Lucas 22:42; João 4:34). Diferentemente dos animais sacrificados que não tinham entendimento, embora cumprissem o propósito do Senhor para a antiga lei, Jesus foi um sacrifício obediente e voluntário.

Era um antigo entendimento pagão que sacrifícios eram “comida e bebida” para os deuses. No entanto, para o Deus verdadeiro, sacrifícios serviram, principalmente, para demonstrarem a ideia de expiação de pecados. Alguns tipos de oferendas traziam a ideia de agradecimento a Deus por ele ter auxiliado em algum aspecto na vida, ou a ideia de manter a comunhão com ele (algo como “estar junto à mesa de Deus para comer junto com ele”) e agradecer por essa comunhão.

10:8 – O autor, como citou há pouco, explicou que o salmista (Salmo 40:6-8), cujas palavras foram aplicadas a Cristo, disse que Deus não quis “*Sacrifícios, ofertas*”, nem “*holocaustos e ofertas pelo pecado*”, e que ele também não se agradou com essas coisas. Elas “*se oferecem segundo a lei*”, ou seja, são ordenanças da antiga lei.

10:9 – Além do fato de que Deus não quis “*Sacrifícios, ofertas*”, nem “*holocaustos e ofertas pelo pecado*”, e que ele também não se agradou com essas coisas (Hebreus 10:8), foi adicionada a expressão “*Estou aqui para fazer, ó Deus, a tua vontade*” – Cristo estava disposto a fazer a vontade de Deus (Mateus 26:39,42). Sendo assim, ele cumpriu a vontade do Pai e “*remove o primeiro*”, ou seja, o “*sistema antigo*” (a antiga lei, os sacrifícios de animais, o

sacerdócio levítico, o sistema judaico) para “estabelecer o segundo”, ou seja, o “sistema novo” (o sacerdócio segundo Melquisedeque, o sacrifício de Cristo, a Nova Aliança).

Para os leitores originais, a mensagem é clara: eles não devem voltar atrás, pois a Antiga Aliança não consegue estabelecer verdadeiro perdão de pecados, ainda que com sacrifícios (Hebreus 10:5,8). Assim, os preceitos da Antiga Aliança não trazem verdadeiramente a salvação da pessoa (Hebreus 10:4).

10:10 – A vontade de Deus, cumprida pelo oferecimento do corpo Jesus na cruz, permite que cristãos sejam santificados – o corpo de Jesus sacrificado uma única vez por todas é o meio da santificação daqueles que se tornam cristãos. A expressão “*mas preparaste um corpo para mim*” de Hebreus 10:5 concordou com o Salmo 40:6 e fundamentou o que o autor afirmou: Deus não quer os sacrifícios da Antiga Aliança porque o Messias fez um sacrifício do seu próprio corpo para remir os pecados, e Deus não se alegrou com aqueles sacrifícios – ele se alegra pela obediência à sua Palavra.

Hebreus 10:11-18: “{10:11} *Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, para exercer o serviço sagrado e oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados. {10:12} Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus, {10:13} aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés. {10:14} Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados. {10:15} E disto nos dá testemunho também o Espírito Santo. Porque, após ter dito: {10:16} ‘Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: ‘Imprimirei as minhas leis no coração deles e as inscreverei sobre a sua mente’, {10:17} acrescenta: ‘Também dos seus pecados e das suas iniquidades jamais me lembrarei.’ {10:18} Ora, onde há remissão de pecados, não existe mais necessidade de sacrifício pelo pecado.’”*

10:11 – Em Hebreus 10:11-18 o autor concluiu e resumiu os argumentos principais do livro, os quais enfatizam o sacrifício superior da aliança superior. Aqui ele afirmou que o serviço sagrado executado pelo sacerdote da Antiga Aliança era realizado todos os dias, com a oferta dos mesmos tipos de sacrifícios (Êxodo 29:38-42). Esses sacrifícios não podem verdadeiramente remover pecados (Hebreus 10:4).

10:12 – Observa-se o contraste entre os muitos sacrifícios repetidos na Antiga Aliança, os quais não removiam pecados, e o sacrifício superior de Cristo, um sacrifício para remissão de pecados único, oferecido para sempre. Em outras palavras, diferentemente dos sacrifícios do Antigo Testamento, Jesus ofereceu a si mesmo uma única vez, pois seu sacrifício garante a remissão dos pecados.

Após oferecer a si mesmo como sacrifício, Cristo está à destra de Deus. Portanto, observa-se a superioridade do seu sacerdócio: na Antiga Aliança, sacerdotes dia após dia ofereciam sacrifícios; Cristo entrou no verdadeiro Santo dos Santos e assentou-se à destra de Deus. Assim, aqui, Jesus Cristo é contemplado no seu ofício de sacerdote e rei (Hebreus 1:3, conforme Salmo 110:4).

Outra tradução possível para a expressão “*para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus*” é “*para sempre, um único sacrifício pelos pecados, logo se assentou para sempre à destra de Deus*”.

10:13 – Cristo, estando assentado à destra de Deus, reina até que seus inimigos sejam derrotados e, então, entregará o reino novamente ao Pai e também se sujeitará a ele. Então, o reino será governado por Deus Pai, com Jesus e os remidos correinando com ele (2 Timóteo 2:12). Deus disse ao Cristo para que se assente à sua direita. Conforme Hebreus 1:3, somente podia sentar-se ao lado do rei alguém por ele determinado e investido da sua autoridade, pois esse ato normalmente indicava seu sucessor ao trono – tradicionalmente seu filho escolhido. Cristo tem essa posição de autoridade do rei (Deus) até que todos os seus inimigos estejam derrotados e humilhados. O último inimigo a ser vencido é a morte (1 Coríntios 15:26).

Sobre “*os seus inimigos*”, Paulo afirmou em 1 Coríntios 15:25-28: “*Porque é necessário que ele reine até que tenha posto todos os inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. Porque ‘ele sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés’. E, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, certamente exclui aquele que tudo lhe sujeitou. Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos.*”

A expressão *“os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés”* é uma figura de derrota e humilhação aplicada aos inimigos de Cristo – e os inimigos de Cristo também são inimigos do próprio Deus.

10:14 – Diferentemente dos sacrifícios do Antigo Testamento, Jesus ofereceu a si mesmo uma única vez, porque seu sacrifício garantiu a remissão dos pecados. Ele fez o que os sacrifícios oferecidos pelos sacerdotes levíticos não podiam fazer – conseguir o perdão de pecados (Hebreus 7:19; 9:9; 10:1). A antiga lei *“nunca aperfeiçoou coisa alguma”* (Hebreus 7:19), uma vez que apenas dava o diagnóstico do pecado e a condenação – não solucionava o problema do pecado e também não capacitava as pessoas para vencerem o mal e o pecado, além de não purificar a consciência delas. Com seu sacrifício único, Cristo introduziu a Nova Aliança, a esperança superior que leva os remidos pelo evangelho a Deus (conforme Romanos 1:16), pois, ao contrário da Lei de Moisés, ela aperfeiçoa as pessoas (Hebreus 10:14; 12:23; 13:20-21), ou seja, permite o aprendizado contínuo do cristão em aplicar o evangelho em sua vida, até ser como Cristo, como Paulo escreveu em Efésios 4:13: *“até que todos chegemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo.”*

10:15 – Quando o autor afirmou *“E disto nos dá testemunho também o Espírito Santo. Porque, após ter dito:”*, ele se refere ao fato de o Espírito Santo ser o autor das Escrituras. O próprio Espírito Santo dá testemunho da esperança superior da Nova Aliança, obtida pelo sacrifício único e superior de Jesus Cristo, assim como que ele está assentado à destra de Deus, reinando e ainda intercedendo pelas pessoas como sumo sacerdote perfeito. Em Hebreus 10:16-17, o autor citou partes de Jeremias 31:33-34 (assim como em Hebreus 8:8-12), afirmando que essas palavras também são do Espírito Santo.

10:16 – Como em Hebreus 8:8-12, o autor citou Jeremias 31:33-34, palavras que ele afirmou serem do Espírito Santo, as quais concederam esperança às pessoas ao dizerem, por meio do profeta Jeremias, que o Senhor estabelecerá a Nova Aliança. Como a expressão *“depois daqueles dias”* provavelmente se refere aos dias do exílio dos judeus na Babilônia, a Nova Aliança viria apenas após aquele período de tribulação. São duas as características destacadas dessa aliança: as leis impressas na mente e no coração (2 Coríntios 3:7), e a comunhão de Deus com o povo.

10:17 – Ainda citando Jeremias 31:33-34, o autor afirmou que o Espírito Santo revelou que Deus não se lembraria dos pecados e iniquidades do povo. Isso deixa clara a ideia de perdão total de pecados. Foi a misericórdia de Deus que possibilitou que o perdão de pecados esteja disponível por meio do sacrifício de Jesus Cristo na cruz. Essa é uma característica crucial da Nova Aliança estabelecida pelo Senhor – ela salva as pessoas.

10:18 – O autor concluiu a argumentação iniciada em Hebreus 10:11 afirmando: *“Ora, onde há remissão de pecados, não existe mais necessidade de sacrifício pelo pecado.”* Quando as pessoas estão em Cristo, onde todas as transgressões são perdoadas, não existe mais qualquer necessidade de oferta de sacrifício pelo pecado.

É uma prova de incredulidade e insulto contra Deus oferecer qualquer tipo de sacrifício por pecados já remidos em Cristo. O verdadeiro caminho para Deus não é mais pavimentado por ofertas ou cerimônias sacrificiais, mas exclusivamente pela fé obediente no Cristo ressurreto (Hebreus 9:12; Romanos 4:25; 5:19). Na Nova Aliança, todos os pecados podem ser perdoados de maneira eficaz, completa e perpétua, dispensando todo e qualquer sacrifício adicional ao sacrifício já consumado por Cristo. Apenas a persistente rejeição do evangelho gera o pecado imperdoável mencionado por Jesus em Mateus 12:31, Marcos 3:29 e Lucas 12:10 conhecido como *“blasfêmia contra o Espírito Santo”*.

A OBRA SACRIFICIAL SUPERIOR DO SUMO SACERDOTE ETERNO – EXORTAÇÕES

Hebreus 10:19-25: *“{10:19} Portanto, meus irmãos, tendo ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus, {10:20} pelo novo e vivo caminho que ele nos abriu por meio do véu, isto é, pela sua carne, {10:21} e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, {10:22} aproximemo-nos com um coração sincero, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e o corpo lavado com água pura. {10:23} Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel. {10:24} Cuidemos também de nos animar uns aos outros no amor e na prática de boas obras. {10:25} Não deixemos de nos congregar, como é costume de alguns. Pelo contrário, façamos admoestações, ainda mais agora que vocês veem que o Dia se aproxima.”*

10:19 – A exortação que se segue em Hebreus 10:19-39 extraiu do ensinamento anterior uma série de aplicações práticas. O autor estimulou seus leitores que apliquem na vida deles tudo o que ele os ensinou, em especial que continuem firmes na fé.

A *“ousadia”* a que o autor se referiu significa que, graças à atuação de Jesus Cristo como oferta pelo pecado e graças a seu ofício como sumo sacerdote, os cristãos têm acesso para se aproximarem do trono de Deus com confiança (Hebreus 4:16). Não é uma confiança baseada na própria justiça do ser humano, e sim confiança baseada na misericórdia, graça e socorro que Cristo oferece. Por meio de Jesus, o trono divino não é mais um lugar para temer aquele que se nele se assenta e julga (Apocalipse 20:11-15). Para os cristãos, a aproximação de Deus em seu trono equivale a *“entrar no Santuário”*, um lugar para ser encontrada graça. Outra tradução para a expressão *“meus irmãos, tendo ousadia”* (Hebreus 4:16; Efésios 3:12) seria *“tendo, pois, irmãos, liberdade”*, em contraste com o acesso ao santuário terreno, o qual era muito limitado (Hebreus 9:7-9).

Sob a Lei de Moisés, somente ao sumo sacerdote era permitida entrada na parte do tabernáculo conhecida como o Santo dos Santos ou Lugar Santíssimo. O sumo sacerdote tinha que ser cerimonialmente purificado antes que pudesse entrar na presença de Deus naquele local. Em contraste, o sacrifício de Jesus tornou possível para os cristãos se aproximarem de Deus e entrarem *“ousadamente”* no próprio céu, purificados de todos os pecados pelo sangue dele (Hebreus 9:12; 13:12). Uma vez que Jesus possibilitou o acesso ao céu (o verdadeiro Santo dos Santos/santuário) para o benefício dos cristãos, eles devem aproveitar esse acesso. Assim, para que o caminho do céu se abrisse e para que as pessoas pudessem ser purificadas dos pecados, foi necessário o derramamento do próprio sangue de Cristo na cruz.

10:20 – Assim como o sumo sacerdote passava através do véu para entrar no Santo dos Santos (Hebreus 4:14), também Cristo abriu um caminho novo e vivo *“por meio do véu, isto é, pela sua carne”*, ou seja, sua vida e seu corpo dado em sacrifício pelos pecadores. O véu do santuário é apresentado como símbolo do próprio corpo de Cristo (*“sua carne”*) que, com sua morte, possibilitou o acesso à presença de Deus. No momento exato da morte de Cristo na cruz do Calvário, o véu que fazia separação entre o Lugar Santo e o Santo dos Santos do templo de Jerusalém rasgou-se em duas partes, de cima a baixo (Marcos 15:38). Aquele véu (cortina de tecido) representou o corpo de Cristo em relação à questão do sofrimento: assim como aquele véu, o corpo de Cristo foi *“rasgado”* (muito maltratado) e abriu caminho para a morada de Deus na vida dos cristãos.

Jesus é o caminho ao verdadeiro Santo dos Santos, o santuário, o céu, a habitação celestial de Deus – ele mesmo disse ser a porta em João 10:9: *“Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, sairá e achará pastagem.”* Em João 14:6, Jesus disse: *“Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”*, e isso está conforme Paulo disse em Romanos 5:1-2: *“Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio do nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual obtivemos também acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.”*

10:21 – O próprio Cristo é o *“grande sacerdote”* sobre a *“casa”* de Deus. Conforme o que o autor já havia apresentado em Hebreus 3:6, Jesus também é o herdeiro – o Filho – do chefe que estabeleceu a casa, a qual é Deus.

A casa consiste no povo de Deus, a família do Senhor, a Igreja (Hebreus 10:21; 1 Coríntios 3:16-17; Efésios 2:19-22; 1 Timóteo 3:15; 1 Pedro 2:5). Os cristãos são a casa de Deus, mas essa comunhão especial com o Senhor depende da perseverança e fidelidade deles. Apenas aqueles que têm fidelidade a Jesus Cristo e que obedecem à sua Palavra são a casa dele.

10:22 – O autor falou sobre a necessidade de se chegar perto de Deus com *“coração sincero”* e uma *“fé”* firme. O coração sincero representa uma busca sincera, verdadeira, para se aproximar do Senhor – alguém que realmente deixa seus padrões para seguir os padrões de Deus. A fé é um tema introduzido aqui que foi exposto em maiores detalhes no capítulo 11. O autor apresentou um paralelo do *“coração purificado”* com a purificação dos sacerdotes da Antiga Aliança (Êxodo 29:4) e com a *“água da expiação”* para os levitas (Números 8:6-7), conforme Ezequiel 36:25-26, Efésios 5:26 e 1 Pedro 3:21 – esses sacerdotes tinham que estar purificados para ministrarem ao Senhor. É importante lembrar que a confiança do cristão em se aproximar de Deus não vem do mérito do ser humano, e sim da eficácia de Jesus como sacerdote e sacrifício.

10:23 – Foi Deus que fez as promessas, e ele é fiel. Ele cumprirá a parte dele. Por isso, o autor falou sobre a necessidade de os cristãos permanecerem guardando até o fim a confiança que tiveram desde o início da conversão – é fundamental que cada cristão verifique se permanece com a mesma fé do princípio (Hebreus 3:14). “*Guardemos firme a confissão da esperança*” implica em sermos fiéis a Deus, da mesma forma que ele é fiel. É importante que cristãos encorajem uns aos outros para permanecerem firmes na esperança de entrarem na presença de Deus, no céu.

10:24 – A consideração de uns para com os outros implica que os cristãos se reúnam regularmente de modo a encorajarem outros cristãos ao amor e às boas obras. Deus planejou a Igreja para que os cristãos pudessem ser companheiros de caminhada, exortando e sendo exortados uns pelos outros, em amor fraternal.

10:25 – Um dos motivos principais de cristãos congregarem juntos é o de se estimularem e se encorajarem reciprocamente a seguirem o caminho de Deus. O autor de Hebreus observou que alguns cristãos tinham parado de se reunir com os outros e exortou para que “*Não deixemos de nos congregar, como é costume de alguns.*” A expressão grega aqui traduzida como “*deixemos*” transmite o sentido original de deserção (Mateus 27:46; 2 Coríntios 4:9; 2 Timóteo 4:10,16). A deserção é o abandono de um serviço ou posto sem a permissão de um superior – abandono feito com o intuito de não regressar à posição ou função. O cristão que negligencia as reuniões de sua igreja local (todas as reuniões, e não apenas a reunião dominical para a Ceia do Senhor) corre risco sério de se tornar um desertor.

Deus planejou a Igreja para que os cristãos pudessem ser companheiros de caminhada, exortando e sendo exortados uns pelos outros, em amor fraternal (Hebreus 10:24) e, por isso, não é concebível a teoria do “culto solitário” e distante da comunhão dos irmãos (1 João 1:3). A demora do retorno do Senhor pode ter causado certa apatia e frustração naqueles cuja fé era frágil e oscilante, os quais podem ter sido tentados a desistirem da luta espiritual diária para voltarem aos rudimentos da tradição judaica e da Antiga Aliança.

Uma vez que a primeira igreja foi estabelecida em Jerusalém, é possível acompanhar o modelo dado por Deus. Congregações locais surgiram em outras cidades, não como franquias da igreja em Jerusalém, mas como grupos independentes de discípulos. Com tempo, escolheram presbíteros em cada comunidade para guiarem, alimentarem espiritualmente e supervisionarem os fiéis (Atos 14:23; Filipenses 1:1). Essas igrejas se reuniam para participarem da Ceia do Senhor no primeiro dia da semana (Atos 20:7; 1 Coríntios 11:17-34). Os cristãos em cada congregação ajuntaram o seu dinheiro para cumprirem as responsabilidades que Deus deu às igrejas (Atos 4:35; 1 Coríntios 16:1-2). A participação de cada pessoa nas reuniões se tornou importante para a edificação do grupo inteiro (Hebreus 10:24-25). Dessas, e de várias outras passagens, percebemos a importância de cristãos estarem juntos. Não se deve imaginar que cada um possa ficar sozinho em casa estudando, louvando e/ou orando. Os verdadeiros servos de Deus vão achar ou fazer outros discípulos, e estarão juntos com esses cristãos com bastante frequência.

O autor também exortou que, ao invés dos cristãos deixarem de se congregar, deveriam admoestar uns aos outros (“*Pelo contrário, façamos admoestações*”). Eles devem ajudar uns aos outros no caminho de Deus, encorajando, ensinando e corrigindo os próprios irmãos na fé. A palavra “admoestar” descreve bem esse aspecto importante, incluindo o ensinamento, a exortação e a correção. Admoestação exige conhecimento da Palavra de Deus, não sendo meramente conselhos baseados na sabedoria e nas opiniões das pessoas.

A expressão “*ainda mais agora que vocês veem que o Dia se aproxima*” indica que os cristãos devem exercer a admoestação uns com os outros cada vez mais até o referido “Dia”. Uma boa pergunta a se fazer é que “Dia” é esse que se aproxima. Parece fazer mais sentido no contexto considerar que o autor falou sobre o dia da volta do Senhor, ou o dia do juízo (2 Tessalonicenses 1:7-10). Deus falou por meio de seu Filho, e essa é a Palavra final e definitiva que Deus dirigiu para os seres humanos (Hebreus 1:2). Por ser Filho e herdeiro, ele herda do Pai tudo que o pertence (Romanos 8:17). Sendo assim, os cristãos devem admoestar uns aos outros constantemente até o dia que Cristo volte.

Hebreus 10:26-31: “{10:26} *Porque, se continuarmos a pecar de propósito, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados. {10:27} Pelo contrário, resta apenas uma terrível expectativa de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários. {10:28} Quem tiver rejeitado a lei de Moisés morre sem misericórdia, pelo depoimento de duas ou três testemunhas. {10:29} Imaginem quanto mais*

severo deve ser o castigo daquele que pisou o Filho de Deus, profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado e insultou o Espírito da graça! {10:30} Pois conhecemos aquele que disse: 'A mim pertence a vingança; eu retribuirei.' E outra vez: 'O Senhor julgará o seu povo.' {10:31} Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo."

10:26 – A partir daqui o autor fez o “quarto desvio” do assunto principal do livro (Hebreus 10:26-10:39). Novamente, ele mostrou a possibilidade da apostasia. A advertência é para aqueles que viverem deliberadamente no pecado – não se trata de um tropeço ou fraqueza momentânea.

O autor descreveu uma atitude de rebeldia contra o Senhor mesmo após o recebimento do “conhecimento da verdade” (conforme Hebreus 6:4-5). Em outras palavras, quando as pessoas são iluminadas pela verdade do evangelho e se tornaram participantes da comunhão com Deus e, depois, acabam rejeitando o caminho de Deus, e assim persistem, não há mais nada que possa ser feito por elas. Se aqueles que foram santificados pelo sangue de Jesus por meio da obediência ao evangelho mais tarde rejeitarem o sacrifício de Cristo e retornarem ao mundo, ou mesmo à Lei de Moisés, nada mais servirá como sacrifício pelo pecado. A expressão “já não resta sacrifício pelos pecados” se refere ao fato de que o único e perfeito sacrifício já foi feito, Cristo na cruz, e não há outro – se esse sacrifício for rejeitado, não há mais nada que possa salvar o ser humano da condenação por causa do pecado.

Todo e qualquer pecado tem o seu perdão e remissão em Cristo, exceto o pecado da rejeição consciente e persistente ao amor de Deus mediante o evangelho. O cenário dessa passagem refere-se especialmente àquelas pessoas que, havendo se convertido ao Senhor, decidem afastar-se do corpo de Cristo (a Igreja), negando a fé que um dia abraçaram (Hebreus 6:4-8). Rejeitar o sacrifício de Cristo é rejeitar a única possibilidade efetiva de salvação eterna, porquanto não existe nenhum outro sacrifício aceito por Deus. Quem rejeita esse sacrifício está condenando a si mesmo (Hebreus 6:4-6; veja também Hebreus 5:11-6:12).

10:27 – Uma vez que Cristo fez o perfeito e único sacrifício ao morrer na cruz, se ele for rejeitado pelas pessoas, especialmente por aqueles que já receberam o “conhecimento da verdade” (Hebreus 10:26), não há mais expiação pelos pecados – apenas uma expectativa de juízo terrível (“uma terrível expectativa de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários”). Quem rejeita Cristo torna-se adversário de Deus. Embora ele dê oportunidade para que todos sejam reconciliados consigo, chegará um momento em que os adversários serão julgados e condenados se persistirem no erro. Há um limite. O “fogo vingador” pode aludir à ira do Senhor, ao tormento eterno, ou a ambos.

A linguagem da expressão “uma terrível expectativa de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários”, aplicada àqueles que rejeitam e persistem rejeitando a salvação de Deus, mesmo tendo-a conhecido antes, lembra Isaías 26:11: “SENHOR, a tua mão está levantada, mas eles não a veem! Porém eles verão o teu zelo pelo povo e ficarão envergonhados. Que o teu furor, por causa dos teus adversários, os consuma.”

10:28 – Até mesmo na aliança inferior do Antigo Testamento a morte era aplicada sem misericórdia para israelitas que rejeitassem a Lei de Moisés, havendo duas ou três testemunhas (Deuteronômio 17:2-6; 19:15). A rejeição da aliança superior significa um castigo ainda mais severo (conforme Hebreus 2:1-4; Romanos 11:22) – o Deus do Novo Testamento é severo.

10:29 – Se a punição da aliança inferior já era severa, muito maior é o castigo na aliança superior. É uma advertência severa contra aqueles que desprezam o Filho de Deus ou insultam o Espírito de Deus.

O autor expôs a gravidade do pecado de rejeitar a Cristo após tê-lo recebido: alguém que fez isso “pisou o Filho de Deus, profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado e insultou o Espírito da graça!” O castigo para isso é ainda mais certo e horrível do que o castigo do Antigo Testamento.

A expressão “pisou o Filho de Deus” comunica o sentido de absoluto e renitente desprezo ao Senhor e sua Palavra. A expressão “profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado” passa o sentido de considerar o sangue de Cristo derramado na cruz para ratificar a Nova Aliança e santificar aqueles cujos pecados foram expiados (Hebreus 9:20; 13:20) como uma coisa comum. A expressão “insultou o Espírito da graça” significa que a persistente rejeição do evangelho é insultar o Espírito Santo que revelou a Palavra de Deus, a qual procede da graça do Senhor e é para a salvação e para o bem do ser humano – é o pecado imperdoável mencionado por Jesus em Mateus 12:31, Marcos 3:29 e Lucas 12:10 conhecido como “blasfêmia contra o Espírito Santo”.

10:30 – As citações “*A mim pertence a vingança; eu retribuirei*” e “*O Senhor julgará o seu povo*” encontram-se em Deuteronômio 32:35-36. Deus tem toda a autoridade, ele é o criador. Portanto, tem total direito sobre julgar e exercer juízo, vingança e retribuição. Ele é santo e justo. O fato de alguém pertencer ao povo de Deus, fosse na Antiga Aliança, seja na Nova Aliança, não isenta ninguém do julgamento e castigo em caso de persistência no pecado.

Paulo escreveu em Romanos 12:19: “*Meus amados, não façam justiça com as próprias mãos, mas deem lugar à ira de Deus, pois está escrito: ‘A mim pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor.’*” Cristãos não devem fazer uso de vingança própria, mas devem deixá-la nas mãos de Deus.

10:31 – A expressão “*cair nas mãos do Deus vivo*” significa estar debaixo da ira de Deus e sujeito à sua condenação, a qual é terrível.

Hebreus 10:32-39: “*{10:32} Lembrem-se dos dias passados, quando, depois que foram iluminados, vocês suportaram grande luta e sofrimentos. {10:33} Em certos momentos vocês foram transformados em espetáculo, tanto para serem insultados quanto para serem maltratados; em outros vocês se tornaram coparticipantes com aqueles que foram tratados assim. {10:34} Porque vocês não apenas se compadeceram dos encarcerados, mas também aceitaram com alegria a espoliação dos seus bens, porque sabiam que tinham um patrimônio superior e durável. {10:35} Portanto, não percam a confiança de vocês, porque ela tem grande recompensa. {10:36} Vocês precisam perseverar, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcancem a promessa. {10:37} ‘Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não irá demorar; {10:38} mas o meu justo viverá pela fé; e, se retroceder, dele a minha alma não se agradará.’ {10:39} Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição, mas somos da fé, para a preservação da alma.*”

10:32 – O autor exorta aos leitores cristãos para que se lembrem da sua fé inicial. Muitas vezes, cristãos erram por não se lembrarem da fé que tiveram no começo da caminhada com Jesus. A palavra “*iluminados*” denota que o evangelho ilumina as pessoas que estavam sem Deus e, assim, andavam na escuridão – o apóstolo João afirmou que Deus é luz (1 João 1:5). No início da conversão, os leitores, iluminados pela Palavra de Deus, tiveram fé suficiente para suportar “*grande luta e sofrimentos*” – assim, o autor os exortou a continuarem a ter essa mesma fé.

Com o passar do tempo, cristãos dedicados tendem a ganhar mais conhecimento bíblico e experiência na convivência com o corpo de Cristo, a Igreja. Todavia, é importante que eles lembrem do tempo em que foram alcançados pelo divino amor do Senhor, quando a luz da salvação brilhou alegremente em suas mentes e corações como as boas novas de Deus (Hebreus 6:4; João 1:9; Atos 2:40-44).

Muitos atualmente pregam doutrinas de prosperidade, dizendo que o sofrimento cessa quando as pessoas chegam a servir a Cristo. Textos como Hebreus 10:32-34, além dos exemplos de fiéis como Estêvão, Tiago, Paulo, e o próprio Jesus, mostram o erro dessas doutrinas.

10:33 – Esse versículo demonstra ainda mais a força da fé que os leitores cristãos tinham no início de suas conversões. Eles foram “*transformados em espetáculo, tanto para serem insultados quanto para serem maltratados*” e “*se tornaram coparticipantes com aqueles que foram tratados assim*”, tudo por Cristo – são exemplos da “*grande luta e sofrimentos*” que enfrentaram com esse tipo de fé (Hebreus 10:32), o qual o autor exortou para que os cristãos continuem a nutrir o tempo todo.

10:34 – No início da conversão, os leitores a quem o autor se dirigiu possuíam uma fé tão forte que se compadeceram dos encarcerados por causa de Cristo. Fizeram ainda mais do que isso, dando a eles provisões dos seus próprios recursos (“*não apenas se compadeceram dos encarcerados, mas também aceitaram com alegria a espoliação dos seus bens*”). Eles entenderam que os bens terrenos são nada diante do grande galardão que será recebido nos céus se perseverarem na doutrina de Cristo. A chave à perseverança pode ser entendida na expressão “*sabiam que tinham um patrimônio superior e durável*” (conforme Mateus 6:19-21). Trata-se da perspectiva eterna, e é esse tipo de atitude que o autor desejou que os cristãos tenham sempre.

Em diversos manuscritos aparece a expressão “*patrimônio superior e durável nos céus*”.

10:35 – Cristãos têm que permanecer fiéis a Deus até o fim, apesar da perseguição e tribulação, pois haverá galardão. Os cristãos que receberam primeiro o Livro de Hebreus tinham sofrido no passado, mas tinham grande fé para enfrentarem o que suportaram. Um dos motivos pelos quais o autor escreveu o livro é para que os cristãos não abandonem sua confiança no Senhor, e ele desejou que os cristãos hebreus recebessem bem as palavras de exortação (Hebreus 13:22).

10:36 – É necessário que os cristãos tenham perseverança para fazerem a vontade de Deus, alcançando a promessa da entrada no descanso de Deus em sua habitação celestial. O autor encorajou para que não haja desistência por parte dos irmãos.

10:37 – A expressão *“Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não irá demorar”* vem de Habacuque 2:3, mas foi aplicada ao retorno de Cristo. Não se sabe o dia de seu retorno, mas o autor afirmou que será *“em breve”* e, no momento que decidir vir, não vai tardar. Independentemente da data da volta de Jesus, ele vem logo para cada ser humano, seja pela morte física que levará a pessoa para juízo (Hebreus 9:27), seja pelo próprio retorno de Jesus. Os cristãos devem perseverar e devem estar preparados para sua vinda.

Um modo de entender a volta de Cristo como *“próxima”* é que não há mais nenhum *“evento marcado para ocorrer”* no *“calendário divino”* antes do seu retorno. Assim, a segunda vinda de Jesus não estaria próxima exatamente em termos de tempo, mas em termos de ser o próximo *“evento divino”* a ocorrer. As pessoas já viviam nos últimos tempos no primeiro século (1 João 2:18; Hebreus 1:2). Cristo simplesmente voltará *“quando Deus quiser”*, e essa decisão será repentina. Portanto, o cristão deve estar constantemente preparado em santidade e amor para o retorno do Senhor. A manifestação de *“a apostasia”* e do *“homem da iniquidade”* de 2 Tessalonicenses 2:1-12, a qual Paulo informou que ocorreria antes do retorno de Cristo, ainda não tinha ocorrido na sua época. No entanto, ele considerava a possibilidade de isso ocorrer em um futuro próximo em relação a seu tempo. Tudo indica que o próprio apóstolo não teve revelação do *“quando”*. Do ponto de vista de nossos dias, tal iníquo já foi manifestado e, portanto, não há mais nenhum evento ainda a ocorrer antes da segunda vinda de Jesus.

10:38 – A expressão *“o meu justo viverá pela fé”* vem de Habacuque 2:4 é utilizada três vezes no Novo Testamento. Aqui, a ênfase está na perseverança na obediência ao evangelho até ser alcançado o livramento que Deus dará, sem retrocesso. Em Romanos 1:17, *“Porque a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: ‘O justo viverá por fé’”*, a ênfase está na fé, ou seja, na mensagem do evangelho da salvação pregada aos judeus e gentios. Em Gálatas 3:11, *“E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque ‘o justo viverá pela fé’”*, Paulo destacou a fé em contraste com a lei, mostrando a justificação por fé conforme o evangelho. A expressão *“se retroceder, dele a minha alma não se agrada”* demonstra que o Senhor não se agrada daquele que desiste do caminho do evangelho (Lucas 9:62).

O autor de Hebreus, portanto, tomou como base as Escrituras para salientar o fundamento da fé cristã: a salvação pela graça de Deus, mediante a fé em Cristo, e a vida cristã como resultado direto da fé depositada no salvador. Hebreus 10:38-39 anunciou o assunto do capítulo 11, o qual aborda a fé.

10:39 – Mais uma vez, o autor deixou claro que não somente é possível afastar-se de Cristo, mas também que quem se afasta dele está perdido. Deus não aceita aqueles que desistem da fé em Cristo – eles retornam à perdição em que estavam antes de serem iluminados pelo evangelho (*“retrocedem para a perdição”*). Aqueles que perseveram no caminho do Senhor, mantendo a fé, conservam a alma (*“da fé, para a preservação da alma”*), pois terão vida eterna – entrarão no descanso de Deus.

O autor escreveu na terceira pessoa do plural (*“Nós”*). Ele se referiu a todos aqueles que tiveram fé perseverante em Deus, entre os quais ele mesmo se inclui, assim como cristãos que *“serviram de espetáculo ao mundo”* por causa da fé em Cristo (como Estêvão e o apóstolo Tiago, filho de Zebedeu e irmão de João). Além deles, há exemplos de pessoas de fé perseverante no Antigo Testamento, como Enoque, Noé e Abraão, mencionados no capítulo 11. Hebreus 10:38-39 anunciou o assunto desse próximo capítulo: a fé.

Palavras de encorajamento podem ajudar uma pessoa a se comportar bem, mas um bom exemplo é ainda mais poderoso. O autor do Livro de Hebreus concluiu o capítulo 10 observando que o cristão viverá pela fé (Habacuque 2:4) – o tipo de fé que leva uma pessoa a perseverar na obediência ao Senhor até o fim. Somente então

será recebida a recompensa prometida (Hebreus 10:35-39). No capítulo 11 a seguir, o autor ilustrou esse tipo de fé observando os exemplos de homens e mulheres do Antigo Testamento.

APLICAÇÃO: PERMANECER FIRME – EXEMPLOS DO PASSADO

Hebreus 11:1-3: *{11:1} Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem. {11:2} Pois, pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho. {11:3} Pela fé, entendemos que o universo foi formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não são visíveis."*

11:1 – A fé possibilita a esperança das coisas que não podem ser vistas. Paulo, em Romanos 8:24-25, escreveu: *"Porque na esperança fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança. Pois quem espera o que está vendo? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos."* Se as pessoas não podem ver aquilo em que têm esperança, como saberão que tal coisa existe ou que a receberão? A função da fé é que ela substitui a prova objetiva da coisa na qual as pessoas têm esperança. A expressão grega original *hupostasis* aparece nessa passagem e significa um tipo de "certeza concreta", uma "confiança sem espaço para dúvida". A fé é como uma "declaração escrita e oficial" em relação às promessas de Deus, das quais a vida e obra de Cristo são as maiores e melhores. Assim, após anunciar o assunto da fé em Hebreus 10:38-39, o autor apresentou "heróis da fé" que fazem parte da história do povo de Israel para estimular seus leitores a continuarem firmes na fé e na esperança.

Os primeiros capítulos demonstraram a superioridade de Jesus e da sua aliança. Nos capítulos 11 e 12, o autor usou exemplos do Antigo Testamento para reforçar a fé dos discípulos de Cristo, encerrando com o contraste entre o antigo (Sinai) e o novo (Sião). Agora, a criação foi demonstrada como o primeiro passo à fé (Hebreus 11:1-3, conforme Gênesis 1). A confiança e a esperança foram destacadas desde o capítulo 3. No final do capítulo 10, o autor usou palavras como "confiança", "perseverança" e "fé". A fé, no capítulo 11, inclui todos esses elementos, e é necessária para a conservação da alma (Hebreus 10:39). A fé olha para trás, considerando a criação do universo e o exemplo dos antigos, para achar seu fundamento, ao mesmo tempo em que olha para frente, na prática, com relação à esperança e convicção.

11:2 – O autor referiu-se aos antigos homens e mulheres de fé como exemplos de "cristãos da era pré-cristã". No Antigo Testamento, Deus valorizou a fé sincera e absoluta depositada em sua pessoa e em sua Palavra tanto quanto a fé que é devida a Cristo no Novo Testamento.

11:3 – O autor ilustrou o papel da fé quando observou que os cristãos creem que o universo foi criado pela Palavra de Deus porque as Escrituras revelam esse fato (Gênesis 1:1; Salmo 33:6,9; João 1:3). Ele tem confiança na veracidade de Deus e da sua Palavra. Assim, a busca começa com a criação, a qual mostra o poder de Deus e chama todos os homens a buscarem conhecimento da vontade dele, o qual é revelado nas Escrituras. Paulo escreveu em Romanos 1:18-20: *"A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e injustiça dos seres humanos que, por meio da sua injustiça, suprimem a verdade. Pois o que se pode conhecer a respeito de Deus é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, isto é, o seu eterno poder e a sua divindade, claramente se reconhecem, desde a criação do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que Deus fez. Por isso, os seres humanos são indesculpáveis."* A fé substancia a realidade de Deus.

Hebreus 11:4-7: *"{11:4} Pela fé, Abel ofereceu a Deus um sacrifício mais excelente do que Caim, pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas. Por meio da fé, mesmo depois de morto, ainda fala. {11:5} Pela fé, Enoque foi levado a fim de não passar pela morte; não foi achado, porque Deus o havia levado. Pois, antes de ser levado, obteve testemunho de que havia agradado a Deus. {11:6} De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que recompensa os que o buscam. {11:7} Pela fé, Noé, divinamente instruído a respeito de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, construiu uma arca para a salvação de sua família. Assim, ele condenou o mundo e se tornou herdeiro da justiça que vem da fé."*

11:4 – Começando com Abel (Gênesis 4:3-10), o autor citou exemplos específicos de fé. Ele não se referiu a uma "fé morta" (Tiago 2:26), mas em cada caso observou que foi a obediência a Deus que resultou da fé (Hebreus 11:4-31). Abel ofereceu um sacrifício melhor a Deus do que seu irmão Caim, pela sua fé – Caim ofereceu alguns produtos do solo, mas Abel ofereceu as primícias e a gordura de seu rebanho (Gênesis 4:3-4). Deus se agradou da oferta de Abel, mas não se agradou da oferta de Caim, e ele se encheu de ira e matou seu irmão (Gênesis 4:5-8).

Não são relatadas as instruções dadas a Caim e Abel sobre ofertas, mas esse versículo sugere que eles tinham recebido uma revelação de Deus sobre os sacrifícios aceitáveis. O motivo principal da aceitação do sacrifício de Abel foi que ele tinha sido oferecido com fé, pois ele quis dar o melhor de seu rebanho como oferta a Deus, e por essa fé ele *“obteve testemunho de ser justo”*. O texto do Antigo Testamento dá a entender que a oferta de Caim foi entregue apenas como um formalismo ritual, sem sincera fé e adoração (Gênesis 4:3-4, conforme 1 João 3:12). Abel, mesmo depois de morto, *“ainda fala”*, ou seja, seu testemunho de fé ainda é um exemplo até hoje. Seu sangue derramado na terra equivale a clamar a Deus por justiça (Hebreus 12:24; 1 João 3:12; Judas 11). Pela fé em Deus, o mesmo tipo de fé de Abel, sabe-se que o Senhor fará justiça.

11:5 – Enoque foi justificado porque agradou a Deus por meio da fé (Gênesis 5:18-24). Ele não viu a morte, mas foi tomado vivo por Deus (*“não foi achado, porque Deus o havia levado”*). A expressão *“Pois, antes de ser levado, obteve testemunho de que havia agradado a Deus”* se refere a Gênesis 5:24 de acordo com o texto da Septuaginta. O texto hebraico original traz *“ele viveu sempre em comunhão com Deus”*. Não é possível ter comunhão com Deus sem o mesmo tipo de fé que Enoque teve – ele andou com o Senhor pela fé. Assim, a melhor maneira de agradar a Deus é crendo nele, o que implica em obedecê-lo.

11:6 – As Escrituras Sagradas não dão detalhes sobre a fé que Enoque teve – informam que ele andou com Deus (Gênesis 5:24) e que agradou a Deus (Hebreus 11:5). Diante do princípio de que *“sem fé é impossível agradar a Deus”*, subentende-se que Enoque teve fé. Não é possível se aproximar do Senhor sem ao menos crer que ele existe. Para que se receba a recompensa reservada por Deus para os fiéis, é necessário crer nele, buscá-lo diligentemente, e crer que ele recompensa todos aqueles que se convertem a ele.

Cada um dos antigos *“heróis da fé”* não somente creu que Deus existe, mas creu nas promessas que ele fez e agiram de acordo. Assim, a fé que agrada a Deus é a fé de coração em sua pessoa, que é santa e excelsa (Jeremias 29:13), uma fé obediente e operante. A *“fé na fé”*, ou a fé em qualquer ser criado ou objeto, é apenas uma expressão de força de vontade humana ou inócua credence. Sem fé, é impossível chegar a Deus. Esse é o versículo chave do capítulo 11.

11:7 – Noé agiu pela fé, seguindo as instruções divinas para construir uma arca para salvar sua família e todos os seus descendentes do juízo pelas águas do dilúvio (Gênesis 6-9; 1 Pedro 3:20). Os *“acontecimentos que ainda não se viam”* eram as consequências do juízo de um dilúvio que era inconcebível na mente dos contemporâneos de Noé. No entanto, independentemente disso, ele obedeceu ao Senhor e construiu a arca. Além disso, ainda pregou sobre o vindouro juízo de Deus, não vendo nenhuma pessoa se arrepender (Gênesis 5:28-9:29; 2 Pedro 2:5), provavelmente tendo que suportar zombaria e incredulidade.

O dilúvio foi uma prova mundial da vindicação da fé de Noé em Deus, e do castigo da incredulidade. A fé de Noé na Palavra de Deus o levou a construir uma enorme arca no meio de uma região provavelmente distante do mar, cujo objetivo era salvar de um dilúvio destruidor, ideia inconcebível na época. Não obstante, Noé creu em Deus e agiu.

Hebreus 11:8-12: *“{11:8} Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber como herança; e partiu sem saber para onde ia. {11:9} Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa. {11:10} Porque Abraão aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e construtor. {11:11} Pela fé, também, a própria Sara, apesar de não poder ter filhos e já ser idosa, recebeu poder para ser mãe, pois considerou fiel aquele que lhe havia feito a promessa. {11:12} Por isso, também de um só homem, praticamente morto, saiu uma posteridade tão numerosa como as estrelas do céu e inumerável como a areia que está na praia do mar.”*

11:8 – Quando foi chamado por Deus, Abraão creu e obedeceu, indo para uma terra que não conhecia (conforme Gênesis 12:1-9). O *“lugar que devia receber como herança”* se refere à terra de Canaã, a qual seria recebida por seus descendentes, os israelitas.

Abraão é apresentado no Novo Testamento como o exemplo maior de todos aqueles que creem em Deus (Romanos 4:11-16; Gálatas 3:7-29). Sua fé manifestou-se na profunda adoração e amorosa obediência dedicada ao Senhor (Gênesis 12:4). A expressão grega que aparece no texto original, *kaloumenos*, que significa *“convocação ou chamado”*, revela que Abraão, assim como outros servos de Deus, ouviu e atendeu prontamente, pela fé, ao convite

pessoal do Senhor para realizar suas missões (Gênesis 15:6; Neemias 9:7; Atos 7:2-5; Mateus 11:28). Deus prometeu Canaã a Abraão somente depois de sua volta do Egito (Gênesis 13:14-15).

11:9 – Abraão era peregrino (Gênesis 23:4) em uma terra que antes não conhecia, a terra da promessa – Canaã – que naquele momento era de outros povos. Ele confiou em promessas que não foram cumpridas durante a sua vida (Gênesis 12:10-14:24) e não voltou para sua terra, mesmo tendo oportunidade. Como peregrino, habitou em tendas, assim como seus descendentes Isaque e Jacó (Gênesis 35:27), os quais também foram peregrinos em Canaã.

Assim como os patriarcas e o povo de Israel, os cristãos, pela fé, também peregrinam neste mundo que se tornou estranho ao amor de Deus por causa do pecado (1 Pedro 1:1,17). Somente quando o discípulo aprende a priorizar a fé no Senhor, considerando todas as demais coisas como secundárias, é que efetivamente estará seguindo a Cristo (Lucas 14:33). Cristãos são cidadãos do céu, sua pátria não está nesta Terra (Filipenses 3:20).

11:10 – O autor afirmou que Abraão, naquele tempo, já *“aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e construtor”*, ou seja, a cidade celestial – uma pátria superior (Hebreus 11:16), a Jerusalém celestial (Hebreus 12:22; Gálatas 4:26; Apocalipse 21:2,10-27).

11:11 – Sara foi considerada estéril por haver passado, em muito, da idade de ter filhos (Gênesis 18:11-12). No entanto, Deus permitiu que ela tivesse um filho, mesmo em avançada velhice (Gênesis 21:1-4), pois ele é fiel. O autor afirmou que ela teve fé que o Senhor cumpriria a promessa. Assim, a fidelidade de Deus serve como a base da fé dos seres humanos.

11:12 – Abraão, em avançada idade, não tinha a mesma vitalidade da juventude (Gênesis 21:5; Romanos 4:19). Entretanto, mesmo que sua idade fosse avançada para ter filhos, os propósitos de Deus sempre são cumpridos. A descendência de Abraão de fato foi numerosa como as estrelas do céu e os grãos de areia das praias (Gênesis 11:30; 13:16; 15:5; 22:17; 26:4; 32:12; 1 Reis 4:20).

Hebreus 11:13-16: *“{11:13} Todos estes morreram na fé. Não obtiveram as promessas, mas viram-nas de longe e se alegraram com elas, confessando que eram estrangeiros e peregrinos na terra. {11:14} Porque os que falam desse modo manifestam estar procurando uma pátria. {11:15} E, se, na verdade, se lembrassem daquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar. {11:16} Mas, agora, desejam uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porque lhes preparou uma cidade.”*

11:13 – Dos exemplos citados do Livro de Gênesis, todos se caracterizaram pela fé. A expressão *“Todos estes”* refere-se aos primeiros personagens bíblicos do Livro de Gênesis, os quais *“morreram na fé”*. Eles perceberam que não receberiam essas promessas durante suas vidas na Terra, mas assim mesmo confiaram em Deus e agiram de acordo. O conceito de vida após a morte era um tanto nebuloso no Antigo Testamento – não havia muita revelação do que acontecia após a morte. Ainda assim, os *“heróis da fé”* tiveram fé em Deus, mesmo sabendo que não receberiam as promessas em suas vidas terrenas. O cumprimento das promessas – a obtenção do descanso de Deus, a redenção prometida – não foi concedido a eles durante seu tempo de vida na Terra. Apesar disso, contaram firmemente com a confiabilidade da palavra divina, reconhecendo que não passavam de estrangeiros e peregrinos enquanto estavam na Terra (Gênesis 23:4; 1 Crônicas 29:15; Salmo 39:12; Efésios 2:19; 1 Pedro 1:1; 2:11).

Quanto a Enoque, em Hebreus 11:5 o autor disse que ele não viu a morte (assim como Gênesis 5:24), mas aqui disse que *“todos estes morreram na fé”*. Evidentemente, da expressão *“todos estes”* devemos excluir Enoque, pois um pouco antes foi dito que ele não viu a morte. Um exemplo onde situação similar ocorre é em Romanos 3:23, onde Paulo disse *“pois todos pecaram e carecem da glória de Deus”*, porém, Hebreus 4:15 fala de Cristo como sendo *“sem pecado”* – portanto, devemos concluir que todos pecaram, exceto Jesus.

11:14 – Aqueles que falam reconhecendo que são estrangeiros e peregrinos demonstram que estão em busca de uma pátria. Assim como demonstrado em Hebreus 11:10, Abraão já naquela época aguardava *“a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e construtor”*, a Jerusalém celestial (Hebreus 12:22; Gálatas 4:26; Apocalipse 21:2,10-27), que é uma pátria superior (Hebreus 11:16). As palavras *“pátria”* e *“cidade”* eram, do ponto de vista prático, intercambiáveis, uma vez que uma pátria era vista como uma extensão da cidade real. Assim, os

“heróis da fé” reconheceram que eram peregrinos nesta Terra porque sabiam que sua verdadeira pátria é a morada celestial com o Senhor.

11:15 – Os “heróis da fé” poderiam ter voltado às suas “pátrias terrenas”, mas eles preferiram esquecê-la e rumarem à pátria celestial, por meio da fé. O autor esperou a mesma coisa dos leitores: que não voltem atrás na fé, mas continuem sempre em frente, em direção a Cristo.

11:16 – A Terra é uma residência temporária, a caminho da habitação eterna. Assim como os antigos “heróis da fé”, os cristãos não devem buscar uma pátria terrena – devem ansiar por uma pátria no céu. Essa é “a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e construtor” (Hebreus 11:10) – é uma pátria superior, a Jerusalém celestial (Hebreus 12:22; Gálatas 4:26; Apocalipse 21:2,10-27). A expressão “Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porque lhes preparou uma cidade” exprime a ideia que o Senhor não se constringe de ser conhecido como o Deus daqueles que verdadeiramente almejam e buscam a pátria celestial, pois eles de fato testificam com suas vidas que desejam tal pátria superior. Portanto, Deus dará a eles a cidade celestial (Gênesis 28:13; Êxodo 3:6; Mateus 22:32; Marcos 12:26-27).

Quando as pessoas estão satisfeitas ou preocupadas com coisas mundanas, não procurarão o céu. Se não procurarem o céu, certamente não o encontrarão. Os cristãos devem desenvolver uma “mentalidade de mala na mão”. A viagem através desta vida é tão breve que não há tempo para desmanchar as malas para “se estabelecer”.

Hebreus 11:17-19: “{11:17} Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque. Aquele que acolheu as promessas de Deus estava a ponto de sacrificar o seu único filho, {11:18} do qual havia sido dito: ‘A sua descendência virá por meio de Isaque.’ {11:19} Abraão considerou que Deus era poderoso até para ressuscitar Isaque dentre os mortos, de onde também figuradamente o recebeu de volta.”

11:17 – Depois de Abraão receber as promessas em Gênesis 12:2-3 (promessas de que Deus faria dele uma grande nação, iria abençoá-lo, engrandecer seu nome e abençoar todos os povos da Terra por seu intermédio), aguardou 25 anos para o nascimento de Isaque, o primeiro passo visível para o cumprimento dessas promessas de Deus. Vários anos passaram e então Deus mandou que Abraão sacrificasse seu filho unigênito. Ainda assim, Abraão confiou em Deus e esteve realmente prestes a oferecer Isaque como sacrifício (Gênesis 22:1-19).

A expressão original grega *peirazomenos* pode significar, ao mesmo tempo, “tentar” e “provar”. Embora a palavra permita a tradução como “tentar”, o contexto indica que de fato foi uma prova, não uma tentação colocada deliberadamente por Deus. Deus não incentiva ninguém para o mal (Tiago 1:13), mas usa provações, às quais as pessoas são diariamente submetidas, a fim de que o ser humano observe e analise suas próprias motivações e reações. O Senhor sempre espera que o ser humano escolha aceitar seu amor e orientações. A expressão “único filho”, além de significar a exclusividade de um filho único, tem o sentido de “muito amado”, o que ilustra a própria figura do Filho de Deus (Marcos 12:6).

11:18 – A promessa de Deus a Abraão especificou Isaque, conforme Gênesis 21:12 – “A sua descendência virá por meio de Isaque”. Portanto, ainda que fosse possível que Abraão tivesse outro filho depois de Isaque, tal promessa não seria cumprida, ou seja, não seria suficiente ter outro filho: a promessa seria apenas cumprida em Isaque. Abraão aguardou por 25 anos o nascimento de Isaque, e então Deus mandou que ele matasse seu filho unigênito como sacrifício – e Abraão, de fato, ofereceu seu filho e quase o sacrificou (Hebreus 11:17; Gênesis 22:1-19).

11:19 – Se Abraão tivesse matado seu filho, a única solução seria uma ressurreição, algo até então inédito. Abraão creu que Deus faria o que nunca tinha feito até aquele momento no Antigo Testamento. Em outras palavras, ele ofereceu Isaque para o sacrifício, mostrando tanta confiança em Deus que acreditou no poder dele para ressuscitar seu filho.

A fé de Abraão era tão pura, sincera e firme que, mesmo no ápice da pior crise em sua vida, ele creu no amor e no poder de Deus para até mesmo ressuscitar Isaque. Tal ressurreição ocorreu de um modo figurado, pois Abraão “recuperou” seu filho que ele já estava considerando como morto. O próprio Senhor, contemplando a fé de Abraão, providenciou um cordeiro para sacrifício, cordeiro que o próprio Abraão falou a respeito (Gênesis 22:7-8; 22:13), prefigurando a pessoa e a obra vicária de Cristo em morrer no lugar do ser humano pecador.

Hebreus 11:20-22: *“{11:20} Pela fé, igualmente Isaque abençoou Jacó e Esaú, a respeito de coisas que ainda estavam para vir. {11:21} Pela fé, Jacó, quando estava para morrer, abençoou cada um dos filhos de José e, apoiado sobre a extremidade do seu bordão, adorou a Deus. {11:22} Pela fé, José, próximo do seu fim, fez menção do êxodo dos filhos de Israel, bem como deu ordens a respeito de seus próprios ossos.”*

11:20 – Foi pela fé que Isaque abençoou seus filhos Jacó e Esaú em relação ao futuro deles, conforme Gênesis 27:27-29; 39-40. Isaque confiava que Deus faria as coisas que proferiu a seus filhos. Ele confiava nas promessas que o Senhor fez aos descendentes de Abraão. As orações e bênçãos dos pais sobre os filhos tinham grande significado no mundo do Antigo Testamento. Jacó e Esaú não eram, naquele momento, jovens esperando uma bênção do pai, mas já eram homens com cerca de 70 anos de idade. Isso demonstra a seriedade com a qual as bênçãos paternas eram vistas no contexto deles.

11:21 – Quando Jacó era idoso e estava prestes a morrer, adorou a Deus, tendo que se apoiar por causa de sua idade avançada (Gênesis 47:31). Ele então abençoou os filhos de José, Efraim e Manassés (Gênesis 48:1-20), pela fé. Como Isaque, Jacó confiava que Deus faria as coisas que proferiu a seus filhos, as promessas aos descendentes de Abraão. Oração e bênçãos dos pais sobre os filhos tinham grande significado naquele mundo do Antigo Testamento, sendo vistos com bastante seriedade.

A expressão *“apoiado sobre a extremidade do seu bordão, adorou a Deus”* está de acordo com a Septuaginta. O texto original hebraico (texto massorético) diz que *“Jacó se reclinou sobre a cabeceira da cama”*. O autor citou a versão das Escrituras conhecida de seus leitores, a Septuaginta, para provar o ponto de vista de que Jacó era um homem de fé e que, mesmo à beira da morte, sua fé o levou aabençoar seus netos (na certeza de que Deus honraria aquelas bênçãos). O fato de Jacó estar apoiado em seu bordão ou sobre a cabeceira na cama não é essencial para o argumento. A citação de um texto na forma conhecida pelos leitores contemporâneos do autor não diminui sua validade. Em vez disso, facilita a compreensão de um texto das Escrituras para aquele público específico. Pode ser que Jacó se tenha apoiado na cabeceira da cama, ou em um bordão, ou nos dois (na cabeceira da cama e no bordão ao mesmo tempo), ou talvez a cabeceira da cama tivesse um apoio similar a um bordão. O ponto é que ele era idoso e precisou se apoiar. Ele sabia que iria morrer logo e quis adorar a Deus e abençoar os descendentes de Abraão, confiando nas promessas do Senhor dadas a eles, assim como seus pais.

A maior herança que os pais deixam para seus filhos e netos é a bênção da expressão sincera de que eles também conheçam a Deus e andem com ele (Gênesis 47:29-31; 48:8-20).

11:22 – Ao ordenar que os seus restos mortais fossem levados para Canaã, antes de morrer, José expressou a sua fé de que seu povo possuiria a terra que Deus havia prometido a Abraão, Isaque e Jacó (Gênesis 50:24-25; Êxodo 13:19; Josué 24:32). Sabendo disso, não quis que seus restos mortais ficassem no Egito, mas na terra prometida. José morreu mostrando confiança que Deus ainda tiraria o povo do Egito (conforme Gênesis 50:22-26) e cumpriria as promessas aos descendentes de Abraão, assim como seus pais.

Hebreus 11:23: *“{11:23} Pela fé, Moisés, depois de nascer, foi escondido por seus pais durante três meses, porque viram que era um menino bonito e não temeram o decreto do rei.”*

11:23 – Os pais de Moisés, ambos descendentes de Levi, vendo que *“era um menino bonito”*, pela fé, o ocultaram por três meses, uma vez que o decreto do rei do Egito ordenava a morte de todo o recém-nascido do sexo masculino dos hebreus (Êxodo 1:16,22; 2:2). Isso acabou resultando que Moisés fosse encontrado pela filha do faraó, que se compadeceu dele e permitiu que o menino fosse criado por uma moça hebreia – a qual acabou sendo a própria mãe do menino (Êxodo 2:1-10).

Moisés, desde seu nascimento, apresentava sinais incomuns de beleza e carisma (Êxodo 6:20; Números 26:58-59). Contudo, seus pais, tiveram consciência de que a criança era diferente e pertencia ao Senhor no sentido que creram que ele haveria de sobreviver ao decreto do faraó. Possivelmente, ao verem o menino, eles tinham imaginado que ele seria um instrumento nas mãos do Senhor para levar os descendentes de Abraão à terra da promessa. Eles tiveram fé em Deus de que o menino deveria sobreviver ao decreto de morte do faraó e o ocultaram por três meses, deixando-o depois numa cesta que foi colocada ao rio. Então, o rio acabou levando Moisés até a princesa do Egito, filha de faraó. De fato, Deus permitiu que a criança fosse um instrumento para seus propósitos, e a fé dos pais dele de que Deus o deixaria sobreviver foi recompensada.

Hebreus 11:24-29: “{11:24} *Pela fé, Moisés, sendo homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, {11:25} preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado. {11:26} Ele entendeu que ser desprezado por causa de Cristo era uma riqueza maior do que os tesouros do Egito, porque contemplava a recompensa. {11:27} Pela fé, Moisés abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a ira do rei, pois permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível. {11:28} Pela fé, celebrou a Páscoa e o derramamento do sangue, para que o exterminador não tocasse nos primogênitos dos israelitas. {11:29} Pela fé, os israelitas atravessaram o mar Vermelho como por terra seca. Quando os egípcios tentaram fazer o mesmo, foram engolidos pelo mar.”*

11:24 – A seguir, o autor destacou quatro exemplos da fé de Moisés. Em Hebreus 11:24-26, o primeiro desses exemplos foi destacado: o fato de que Moisés rejeitou a posição na família do faraó para sofrer com o povo de Deus (conforme Êxodo 2:11-15). Aqui o autor afirmou que “*Moisés, sendo homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó*”, ou seja, quando crescido, ele não quis permanecer na posição exaltada da família do faraó por causa de sua fé.

11:25 – Pela fé, Moisés preferiu sofrer com a descendência de Abraão, o povo escolhido do Senhor, do que desfrutar os prazeres de uma alta posição na família do faraó, cuja nação era pecaminosa. Os prazeres que o pecado é capaz de proporcionar são de curta duração. Esse exemplo serve como ilustração da rejeição do pecado para sofrer como seguidor de Cristo.

11:26 – A expressão “*ser desprezado por causa de Cristo*” pode ser entendida no sentido que Moisés se fez solidário para com seu povo no seu sofrimento (Êxodo 2:10-15), do mesmo modo que Cristo se faria solidário com seu povo (Salmo 69:9; Isaías 63:9, conforme Romanos 15:3). Os sofrimentos do povo de Deus do Antigo Testamento podem ser descritos como sofrer o desprezo por causa do Messias. Moisés e os “heróis da fé do passado” são exemplos de sofrimento e paciência para o povo de Deus do Novo Testamento (Mateus 5:11-12). Também Jesus é modelo de sofrimento (Hebreus 12:2; 13:13). Moisés considerou a recompensa de sofrer pelo povo de Deus maior do que as recompensas transitórias das riquezas do Egito, pois tinha em vista a recompensa eterna do Senhor.

Em Êxodo 4:22, Israel é, literalmente, nos originais, chamado de filho de Deus (Oseias 11:1). A pessoa de Jesus Cristo, o Messias de Israel, sempre esteve unida ao povo de Deus (1 Coríntios 10:4). Assim como Abraão que viu a Cristo (João 8:56), Moisés exerceu o ministério de arauto do Senhor na preparação do caminho para a chegada do Messias.

Moisés de fato não teve interesse nas riquezas do Egito, vendo coisa bem melhor em Deus. Por exemplo, nos tesouros inestimáveis da tumba do rei egípcio Tutancâmon havia toneladas de ouro puro. Mesmo tais tesouros não se comparam ao galardão eterno do Senhor.

11:27 – O segundo exemplo da fé de Moisés citado pelo autor é que ele abandonou o Egito, confiando em Deus em face de perseguição (conforme Êxodo 2:15-22). Ele não se importou com a fúria do faraó que saiu ao seu encaço, mas permaneceu firme e confiante no Senhor, como se pudesse ver o Deus invisível (Êxodo 33:11; Números 12:8; Deuteronômio 34:10).

Moisés fugiu para Midiã, na península do Sinai, aos 40 anos de idade (Êxodo 2:11-15; Atos 7:23-29). Moisés é considerado um dos maiores líderes de todos os tempos por sua perseverança em guiar seu povo através do deserto, por 40 anos, sem tirar os olhos da fé em Deus. Ele pôde ver o invisível, e permaneceu fiel ao Senhor (Atos 7:30).

11:28 – O terceiro exemplo citado pelo autor sobre a fé de Moisés é que ele celebrou a primeira Páscoa, a original, confiando que Deus pouparia os israelitas enquanto o anjo “*exterminador*” passava pelo Egito e matava os primogênitos dos egípcios (Êxodo 12:21-29). Naquela ocasião, Moisés orientou os israelitas a marcarem as vergas das suas portas e suas ombreiras com o sangue do cordeiro pascal, para que Deus não permitisse ao anjo entrar nessas casas para os ferir (Êxodo 12:23). O sangue do cordeiro pascal salvou os israelitas – uma alusão à salvação proporcionada pelo sangue derramado de Cristo na cruz.

11:29 – O quarto exemplo da fé de Moisés citado pelo autor é que ele liderou os israelitas na travessia do Mar Vermelho, confiando no Senhor (Êxodo 14:21-15:21). O povo atravessou como se andasse em terra seca, porém, quando os egípcios que os perseguiram tentaram a travessia, morreram afogados.

Hebreus 11:30-38: *“{11:30} Pela fé, ruíram as muralhas de Jericó, depois de rodeadas por sete dias. {11:31} Pela fé, Raabe, a prostituta, não foi destruída com os desobedientes, porque acolheu os espias com paz. {11:32} E que mais direi? Certamente me faltará o tempo necessário para falar de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas, {11:33} os quais, por meio da fé, conquistaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, {11:34} extinguíram a violência do fogo, escaparam de ser mortos à espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos na guerra, puseram em fuga exércitos estrangeiros. {11:35} Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos. Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; {11:36} outros, por sua vez, passaram pela prova de zombarias e açoites, sim, até de algemas e prisões. {11:37} Foram apedrejados, serrados ao meio, mortos ao fio da espada. Andaram como peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras; passaram por necessidades, foram afligidos e maltratados. {11:38} O mundo não era digno deles. Andaram errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra.”*

11:30 – Deus tinha mandado que Moisés transferisse a liderança do povo de Israel para o jovem Josué, homem de fé, cujo primeiro desafio, a conquista da terra prometida começando com a tomada de Jericó, foi vencido exclusivamente pelo poder da fé no Senhor, sem uma única batalha. Rodear muralhas por sete dias não faz nenhum sentido do ponto de vista militar, mas Josué e o povo tiveram fé em Deus, o obedeceram e, de fato, as muralhas de Jericó ruíram (Josué 6:2-21).

11:31 – Raabe acolheu e ajudou os espias israelitas que observaram Jericó, fazendo uma aliança com eles para que ela e sua família não fossem eliminados juntamente com os pagãos desobedientes da cidade. Ela tinha fé, pois sabia que Deus tinha dado a terra de Canaã ao povo de Israel (Josué 2:9). Mesmo após haver abraçado a fé em Deus, continuou a carregar o estigma de ter sido prostituta (Josué 2:1-21; 6:22-25). Entretanto, sua vida deve ser vista como um exemplo da grandiosidade da graça do Senhor, capaz de redimir absolutamente qualquer pecador e elevá-lo à dignidade eterna (Tiago 2:25). Raabe, com fé no Senhor, casou-se com Salmom e foi mãe de Boaz, ancestral de Davi, que é incluído na genealogia de Jesus Cristo (Mateus 1:5).

11:32 – Além de todos os exemplos de fé apresentados até aqui, há mais. Por nome, o autor mencionou Gideão (Juízes 6:11-8:32), Baraque (Juízes 4:6-5:31), Sansão (Juízes 13:2-16:31), Jefté (Juízes 11:1-12:7), Davi (1 Samuel 16:1-1 Reis 2:11) e Samuel (1 Samuel 1:1-25:1). Nem todos os juízes citados aqui tiveram um caráter louvável, mas o ponto é aquilo que eles foram capazes de fazer pela fé que tiveram, e não o caráter deles. Ele citou, também, os profetas.

O autor teve em mente todos os “grandes heróis da fé”, e muitos outros homens e mulheres de Deus, porém se viu limitado ao tempo e espaço para comentar sobre todos no livro. Mesmo assim, se referiu resumidamente a Daniel (Daniel 6:22), Sadraque, Mesaque e Abede-Nego (Daniel 3:1-30), Elias (1 Reis 19), Eliseu (2 Reis 6:31), Jeremias (Jeremias 36:19,26), Gideão (Juízes 6:15), Jônatas (1 Samuel 14:6), e tantos outros. Todos tiveram seus pontos fracos, mas são exemplos de fé.

11:33 – Sem citar nomes, o autor mencionou diversos exemplos de atos que demonstraram fé. É notório que, pela fé, alguns fizeram coisas grandiosas como subjugar reinos, praticar justiça, obter o cumprimento de promessas e até fechar bocas de leões. A expressão “praticaram a justiça” também pode ser traduzida por “praticaram a retidão”. A expressão “fecharam a boca de leões” refere-se especificamente ao profeta Daniel (Daniel 6:1-27).

11:34 – Outros feitos notórios entre os exemplos citados de fé foram: “extinguíram a violência do fogo, escaparam de ser mortos à espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos na guerra, puseram em fuga exércitos estrangeiros.” A expressão “extinguíram a violência do fogo” é uma maneira de falar sobre os três amigos de Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, os quais foram lançados em uma fornalha acesa, mas não foram feridos (Daniel 3:1-30).

11:35 – A expressão *“Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos”* é uma referência à viúva de Sarepta em 1 Reis 17:8-24, a qual teve seu filho ressuscitado pelo poder de Deus por meio de Elias, e ao ocorrido com a mulher de Suném em 2 Reis 4:8-36, cujo filho foi revivido pelo poder de Deus por meio de Elizeu.

A expressão *“Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição”* provavelmente se refere mais especificamente sobre os mártires israelitas Eleazar, os seus sete filhos e a sua esposa, os quais foram mortos pelo rei sírio Antíoco Epifânio, como relatado no livro histórico e não inspirado 2 Macabeus 6:1-7:42. A expressão também pode ser entendida como uma referência aos muitos servos de Deus que não se sujeitaram às pressões de reis, governantes despóticos, exércitos, e até mesmo pressões do próprio sistema mundial. Antes, preferiram entregar suas vidas aos torturadores e à morte do que renegarem a fé no Senhor para conseguirem algum tipo de resgate, a fim de herdarem a vida eterna e recompensas celestiais, a *“superior ressurreição”*. A expressão grega original traduzida por *“torturados”* significa, literalmente, *“esticados e açoitados até a morte”*.

11:36 – Outros fiéis sofreram açoites e foram expostos ao ridículo, e até mesmo confinados à prisão, como os profetas Micaías (1 Reis 22:26-27; 2 Crônicas 18:25-26) e o profeta Jeremias (Jeremias 20:2; 37:15; 38:6).

11:37 – Fiéis também *“Foram apedrejados, serrados ao meio, mortos ao fio da espada”*. Homens de Deus foram mortos por declararem a verdade, como Zacarias, filho do sacerdote Joiada, que foi morto a pedradas (2 Crônicas 24:20-22; veja Mateus 23:35 e Lucas 11:51), e Isaías, que foi serrado ao meio por ordem de Manassés segundo uma antiga tradição histórica judaica. Segundo outra tradição judaica, os judeus apedrejaram Jeremias no Egito porque ele pregava a eles contra a idolatria. No século 2 a.C., a maioria dos macabeus deu sua vida por causa de Deus. Elias (1 Reis 17-19) é um exemplo clássico de homens que *“Andaram como peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras; passaram por necessidades, foram afligidos e maltratados”*.

11:38 – Como exemplos de homens fiéis *“errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra”*, 1 Reis 18:4 demonstra que Jezabel exterminava os profetas do Senhor, mas Obadias escondeu e sustentou cem profetas com pão e água. Elias, em 1 Reis 19:9, entrou numa caverna onde passou a noite, fugindo de Jezabel após ter derrotado os profetas de Baal.

Até aqui, foram demonstrados diversos exemplos de atos que demonstraram fé. O tema desses exemplos é a *“fé sob fogo”*, ou seja, a fé que vence quando se enfrenta perseguições e perigos. O autor afirmou que o mundo não era digno de tais pessoas.

Hebreus 11:39-40: *“{11:39} Todos estes, mesmo tendo obtido bom testemunho por meio da fé, não obtiveram a concretização da promessa, {11:40} porque Deus tinha previsto algo melhor para nós, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados.”*

11:39 – Há muitos exemplos de fé e exemplos sobre o que pessoas puderam fazer pela fé. Os fiéis citados nesse capítulo tiveram um bom testemunho de sua fé da parte de Deus, mas não receberam *“a concretização da promessa”*.

No contexto, a promessa é a entrada no descanso de Deus, o galardão eterno, a habitação/pátria/cidade/Jerusalém celestial, conforme Hebreus 4:8-9; 11:10,16,26. É certo que eles não a receberam durante suas vidas na Terra (Hebreus 11:13), mas ainda assim confiaram em Deus e agiram de acordo com essa confiança até o término de suas vidas físicas.

A Bíblia ensina que, quando as pessoas morrem, não deixam de existir, mas seus espíritos e corpos são separados. Ao morrer, o espírito do ser humano retorna a Deus (Eclesiastes 12:7). Paulo disse que, quando ele morresse, estaria presente com o Senhor (2 Coríntios 5:6-8; Filipenses 1:21-23). Aqueles que já morreram estão consolados com Deus ou em tormento, dependendo de seus atos quando estavam em seus corpos (Lucas 16:19-31). Os corpos dos mortos retornam ao pó, aguardando a ressurreição. Quando Cristo retornar, os corpos dos fiéis ressuscitarão dentre os mortos em estado imperecível e incorruptível (1 Coríntios 15:51-53).

A completa *“concretização da promessa”* ainda não foi concedida aos fiéis que faleceram. Eles certamente estão consolados com o Senhor, mas ainda não receberam todos os aspectos da promessa, ou seja, a concretização

dela – ainda não receberam a ressurreição em corpos de estado imperecível e incorruptível mencionados por Paulo em 1 Coríntios 15, a qual ocorrerá na segunda vinda de Cristo.

11:40 – Os “heróis da fé” ainda não obtiveram a concretização da promessa porque Deus “*tinha previsto algo melhor*” aos cristãos. Os fiéis falecidos não serão aperfeiçoados sem os cristãos. A expressão “*algo melhor*” significa que os cristãos podem ver mais claramente a conclusão das promessas do que os fiéis do passado, uma vez que receberam a esperança superior concedida pelo evangelho (conforme Romanos 1:16). O aperfeiçoamento que o autor aqui se referiu é a ressurreição dos mortos em corpos imperecíveis e incorruptíveis, a qual será concretizada na segunda vinda de Cristo (1 Tessalonicenses 4:15-17; 1 Coríntios 15:51-55). Portanto, os fiéis que faleceram aguardam a superior ressurreição (Hebreus 11:35) até que os cristãos sejam reunidos a eles pelo Senhor na ocasião de sua segunda vinda, para que todo o povo de Deus entre junto nos novos céus e nova terra (2 Pedro 3:13). Assim, o grande e pleno cumprimento das promessas de Deus, tanto para os fiéis do passado quanto para os cristãos, encontra-se na pessoa e obra de Jesus Cristo, que é a ressurreição e a vida (João 11:25-26).

Se o mundo não era digno dos exemplos de fé citados pelo autor (Hebreus 11:38), como se deve agir para participar com eles da grande promessa de Deus? Deve-se imitar a fé daquelas pessoas do Antigo Testamento. Os servos de Deus na época da Nova Aliança já podem participar de “*algo melhor*” preparado por Deus para eles, isto é, o aprendizado contínuo da aplicação do evangelho em suas vidas, até serem como Cristo, como Paulo escreveu em Efésios 4:13: “*até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de pessoa madura, à medida da estatura da plenitude de Cristo*”. O toque final será a ressurreição em corpos imperecíveis e incorruptíveis para a entrada nos novos céus e nova terra.

Cristãos só deixarão de ser adicionados à presença do Senhor quando Cristo retornar. Enquanto existirem cristãos a serem adicionados nas moradas celestiais (e sobre isso apenas Deus sabe), os fiéis que já partiram da Terra não receberão a concretização da promessa. O retorno de Cristo trará a ressurreição dos corpos e, com isso, o último inimigo, a morte, também será vencido (1 Coríntios 15:26). Portanto, a completa concretização da promessa de Deus será consumada apenas após o juízo final na segunda vinda de Jesus Cristo.

APLICAÇÃO: PERMANECER FIRME – O PAPEL DA DISCIPLINA NO DESENVOLVIMENTO DA FÉ

Hebreus 12:1-3: “*{12:1} Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, livremo-nos de todo peso e do pecado que tão firmemente se apega a nós e corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, {12:2} olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, sem se importar com a vergonha, e agora está sentado à direita do trono de Deus. {12:3} Portanto, pensem naquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que vocês não se cansem nem desanimem.*”

12:1 – O autor comparou a vida cristã a uma corrida olímpica de longa distância (um antigo esporte grego no qual os atletas deviam vencer cerca de 42 km que ligavam a cidade de Maratona a Atenas). Os corredores largavam até mesmo algumas roupas para poderem correr mais depressa – qualquer impedimento devia ser lançado fora para não atrapalhar a corrida. De forma análoga, o que atrapalha a corrida do cristão é o pecado que se agarra firmemente nele. As coisas mundanas também são como pesos que atrapalham a corrida. A “*carreira que nos está proposta*” é testemunhar do evangelho da graça de Deus. Os “heróis da fé” (as pessoas mencionadas no capítulo 11 que tiveram um bom testemunho de fé da parte de Deus, as quais dão testemunho do poder da fé e da fidelidade do Senhor) são grandes fontes de inspiração e grandes exemplos da vida com Deus – são testemunhas de como a fé fez a diferença em suas vidas.

Em termos de corridas no mundo da época, um exemplo eram os Jogos Ístmicos, celebrados a cada dois anos no istmo de Corinto. Paulo aludiu a esses jogos em 1 Coríntios 9:24-27. Tais jogos eram realizados em honra aos deuses gregos e consistiam de corridas a pé, corridas de cavalos, disputas de carruagens, saltos, lutas, boxe e arremessos de disco e lanças. Os prêmios nesses jogos eram coroas de flores que não duravam muito. Para os gregos, eram eventos de orgulho patriótico, uma paixão mais do que um passatempo. O empenho do atleta em querer vencer esses jogos é uma metáfora apropriada da seriedade para vencer a corrida cristã (conforme 2 Timóteo 2:5; 1 Pedro 1:4). Outras alusões no Novo Testamento à linguagem dos jogos são Hebreus 12:1-12; Atos 20:24; Efésios 6:12; Filipenses 3:12-14; 1 Timóteo 6:12; 2 Timóteo 4:7; Apocalipse 2:10.

A expressão grega original *maturous* traduzida por “*testemunhas*” é a origem da palavra “mártir” em nosso idioma. No capítulo 11, o autor citou os muitos exemplos de fé obediente e perseverança, os quais são exemplos do fato de que a corrida pode ser vencida.

12:2 – O caminho para a vitória na corrida é concentrar a atenção na pessoa de Cristo (Filipenses 3:13-14), pois ele é o ponto de partida e, ao mesmo tempo, a linha de chegada e o objetivo maior da fé do cristão. Jesus é o melhor orientador, treinador e exemplo, pois ele já venceu a morte e conquistou o grande prêmio (Hebreus 1:2; Isaías 53:10-12). Ele é o exemplo perfeito e está onde os cristãos almejam estar: na presença de Deus. A palavra “*Autor*” denota “príncipe”, “líder principal”, “pioneiro” – Jesus mostra o caminho: ele é o princípio da fé (Hebreus 10:20). A palavra “*Consumador*” denota “aperfeiçoador” – Jesus ajuda e guia até o fim do caminho, consumando o galardão: ele aperfeiçoa (Hebreus 2:10; 5:8-9). Assim como ele não desistiu, os cristãos devem perseverar até o fim. Restrições, sofrimentos e humilhações diárias por causa da obediência e amor ao Senhor são recompensadas pela certeza da vitória e da glória eterna (Hebreus 11:26; Mateus 5:10-12; Romanos 8:18; 2 Coríntios 4:17; 1 Pedro 4:13; Hebreus 5:1,10).

A expressão “*em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, sem se importar com a vergonha*” se refere ao fato de que Jesus suportou um dos piores e mais vergonhosos tipos de morte, a crucificação (Filipenses 2:8), sem se focar na vergonha, mas na glória que estava proposta para ele após a ressurreição. Cristo está hoje sentado à destra de Deus. Assim como ele, o cristão deve se focar no galardão eterno.

12:3 – Jesus suportou imensa oposição dos seres humanos, os quais ele veio para salvar, sofrendo muito por isso – ele suportou o ódio dos pecadores (Marcos 14:65; Lucas 2:34). As pessoas a quem o autor se dirigiu estavam em perigo de se tornarem “cansadas na corrida cristã” e desencorajadas, mas ele as exortou com o exemplo de Jesus. Com todas as dificuldades e sofrimento, Cristo não desistiu, sendo um exemplo para que os cristãos persistam até o fim, assim como ele perseverou.

Hebreus 12:4-11: “{12:4} Na luta contra o pecado, vocês ainda não resistiram até o sangue. {12:5} E vocês se esqueceram da exortação que lhes é dirigida, como a filhos: ‘Filho meu, não despreze a correção que vem do Senhor, nem desanime quando você é repreendido por ele; {12:6} porque o Senhor corrige a quem ama e castiga todo filho a quem aceita.’ {12:7} É para disciplina que vocês perseveram. Deus os trata como filhos. E qual é o filho a quem o pai não corrige? {12:8} Mas, se estão sem essa correção, da qual todos se tornaram participantes, então vocês são bastardos e não filhos. {12:9} Além disso, tínhamos os nossos pais humanos, que nos corrigiam, e nós os respeitávamos. Será que, então, não nos sujeitaremos muito mais ao Pai espiritual, para vivermos? {12:10} Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para o nosso próprio bem, a fim de sermos participantes da sua santidade. {12:11} Na verdade, toda disciplina, ao ser aplicada, não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza. Porém, mais tarde, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça.”

12:4 – Os cristãos hebreus nem chegaram a perseverar contra o pecado ao ponto de derramarem sangue e já estavam em risco de desistirem da fé. Em contraste, Cristo e outros mártires, como Estevão, mantiveram sua fé até mesmo diante da morte, chegando ao ponto de sangrarem. Aquele que persevera até o fim no caminho do Senhor será salvo (Mateus 10:22). Em Hebreus 12:4-13, o autor trabalhou o assunto de que a disciplina de Deus mostra o amor dele para com seus filhos, exortando-os a continuarem a corrida cristã sem desanimarem.

12:5 – O autor lembrou seus leitores do exemplo do pai que corrige aqueles que são seus filhos de verdade. Citando Provérbios 3:11 da versão Septuaginta, ele comunicou que não se deve menosprezar a correção que vem de Deus e nem se deixar abater se dele vier repreensão. Os cristãos hebreus foram advertidos a não serem desencorajados pela disciplina do Senhor, mas antes deviam lembrar do propósito dela.

12:6 – Citando Provérbios 3:12 da Septuaginta, o autor explicou a razão pela qual se deve aceitar a correção e repreensão do Senhor: ele “*corrige a quem ama e castiga todo filho a quem aceita.*” O autor observou a relação da punição com a condição de filho. Em Deuteronômio 8:5, Moisés disse: “*Portanto, saibam em seu coração que, assim como um homem disciplina o seu filho, assim o SENHOR, seu Deus, disciplina vocês.*” Em Apocalipse 3:19, Jesus disse: “*Eu repreendo e disciplino aqueles que amo. Portanto, seja zeloso e arrependa-se.*” A mesma ideia pode ser encontrada em 2 Samuel 7:14 e 1 Coríntios 11:31-32.

12:7 – A correção que aqueles que perseveram na fé recebem nesta vida deve ser encarada como disciplina do Deus que ama como um pai ama. Um pai que disciplina seu filho o ama realmente. Os sofrimentos dos cristãos não ocorrem somente pela maldade dos inimigos: também fazem parte do plano de Deus para o bem deles.

A expressão grega original que aparece aqui, *paideia*, significa “educar para a vida” e tem um sentido mais amplo do que a palavra “castigo”, muitas vezes associada somente a repreensões físicas. Contudo, quando necessário, como um bom pai, o Senhor disciplina ou corrige (em grego, “açoita”). Os sofrimentos, humilhações e perseguições devem ser aceitos pelos cristãos como parte do processo educacional usado por Deus para o desenvolvimento espiritual (Hebreus 5:13; Atos 14:22).

12:8 – Todos os cristãos são tornados participantes das correções que vêm do Senhor. Essas correções são sinais de filiação. Se alguém se convertesse ao Senhor e estivesse sem correção, não seria filho legítimo de Deus, mas bastardo.

12:9 – As pessoas respeitam seus pais, e os pais as corrigem. Deus é maior do que qualquer ser humano – ele é o criador do espírito humano. Portanto, a ele é devido muito maior respeito, obediência e submissão. Se as pessoas permanecerem em sujeição a ele, certamente viverão.

Respeito e obediência são os componentes básicos da sujeição a Deus e ajudam a entender o que significa a expressão bíblica “temor do Senhor” (2 Coríntios 7:1; Provérbios 9:10). Deus é o criador do espírito humano e, portanto, Pai espiritual (Eclesiastes 12:7; Zacarias 12:1). Nossos “pais humanos” são biológicos, ou seja, em uma linguagem bíblica, “segundo a carne”. Desde o início, a obediência (submissão humilde) a Deus é a grande chave para a vida eterna (Gênesis 2:16-17; 3:11-19).

12:10 – Enquanto pais humanos disciplinam os filhos por um espaço curto de tempo como acham melhor, a disciplina de Deus é para um melhor aproveitamento – um bem maior a fim de que as pessoas possam participar plenamente de sua santidade. Castigos são geralmente aceitos quando vêm de pais carnis que cometem enganos, logo os cristãos devem muito mais aceitar a disciplina de seu Pai celestial, que não comete tais enganos. A correção recebida nesta vida deve ser encarada como disciplina do Deus que ama como Pai.

Falar sobre a santidade de Deus é uma maneira de dizer que ele é perfeito, separado e afastado daquilo que é mau e imperfeito. Para o cristão, santidade quer dizer pertencer a Deus, ser fiel a ele e não seguir os maus costumes deste mundo (Levítico 11:45; 19:2; Mateus 5:48).

12:11 – É difícil achar motivo de alegria na ocasião da disciplina, porém, depois, pode ser visto o aproveitamento da correção. No momento em que a correção é sentida, não é agradável – produz tristeza e até frustração. No entanto, mais tarde, aqueles que são exercitados pela disciplina do Senhor geram frutos de justiça e paz. Isaías 32:17 diz: “O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça será repouso e segurança, para sempre.” Muitas vezes na Bíblia, a palavra “frutos” representa o que se espera vir de determinado caráter. Quando pessoas se deixam serem trabalhadas pela disciplina de Deus, tais frutos pacíficos de justiça são gerados por elas naturalmente.

APLICAÇÃO: PERMANECER FIRME – ADVERTÊNCIA CONCERNENTE ÀS CONSEQUÊNCIAS DO PECADO

Hebreus 12:12-13: “{12:12} Por isso, levantem as mãos cansadas e fortaleçam os joelhos vacilantes. {12:13} Façam caminhos retos para os seus pés, para que o manco não se desvie, mas seja curado.”

12:12 – Sempre que a admoestação ou correção divina (disciplina) é aceita com submissão, produz no cristão grandes benefícios. Portanto, deve ser recebida com gratidão e esperança, como uma provação sadia da fé em Cristo (1 Pedro 1:6-7; Tiago 1:2; 1 João 3:2-3). Por isso, o autor citou Isaías 35:3 da versão Septuaginta, exortando aos leitores para que fortaleçam suas mãos enfraquecidas e joelhos vacilantes, a fim de que possam retornar a correr em direção a Cristo, tendo-se em vista o contexto da imagem da corrida em Hebreus 12:1-2. Permanecer cansado e derrotado não irá ajudar em nada – é necessário se esforçar para prosseguir no caminho do Senhor para alcançar o galardão.

12:13 – O autor se valeu de Provérbios 4:26-27 da Septuaginta, prosseguindo sua exortação para que os leitores “preparem caminhos retos para seus pés”, ou seja, que possam “seguir por caminhos aplanados” para que

possam correr melhor na corrida cristã, cujo objetivo é chegar a Cristo e receber o galardão (Hebreus 12:1-2). Seguir por caminhos tortuosos, fora da “pista” que é o caminho do Senhor, apenas atrapalharia a maratona.

Além disso, o exemplo de seguir pelos caminhos retos do Senhor ajuda para que outros irmãos mais fracos na fé (analogamente “mancos”) sejam encorajados e não se extraviem, ou seja, acabem se desviando do caminho correto. Da mesma forma, seguir por caminhos tortuosos, fora do caminho reto que leva a Deus, passa um mau testemunho para irmãos de fé mais deficiente, contribuindo para que se percam. Mesmo que alguém tenha uma fé deficiente, ou seja, ainda que seja “manco”, se permanecer no caminho certo, vai ser “curado” – não terá mais a doença espiritual do pecado.

Em vez de os cristãos hebreus abandonarem a corrida, o que inclui voltarem ao judaísmo, eles precisavam fazer esforços renovados para terminarem a corrida. Assim é também para todos aqueles que desejam buscar a Cristo.

Hebreus 12:14-17: “{12:14} Procurem viver em paz com todos e busquem a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor. {12:15} Cuidem para que ninguém fique afastado da graça de Deus, e que nenhuma raiz de amargura, brotando, cause perturbação, e, por meio dela, muitos sejam contaminados. {12:16} E cuidem para que não haja nenhum impuro ou profano, como foi Esaú, o qual, por um prato de comida, vendeu o seu direito de primogenitura. {12:17} Vocês sabem também que, posteriormente, querendo herdar a bênção, foi rejeitado, pois não achou lugar de arrependimento, embora, com lágrimas, o tivesse buscado.”

12:14 – O autor aconselhou seus leitores que vivam uma vida dedicada a seguir o caminho do Senhor (1 Pedro 1:15). Deve-se tentar viver em paz com todos (Romanos 12:18; 14:19; conforme Salmo 34:14, citado também em 1 Pedro 3:11; 2 Timóteo 2:22), especialmente com Deus, além de buscar a santificação, sem a qual ninguém se chegará a ele – Deus é santo, seu povo deve ser santo (Levítico 11:45; 1 Pedro 1:16). Santificação é o afastamento, a separação, das coisas que desagradam a Deus.

A tradição familiar, a posição socioeconômica ou a formação acadêmica não podem proporcionar o verdadeiro conhecimento de Deus. Somente a santidade permite “ver a Deus”, e quem vê a Deus vê ainda melhor o seu próximo (Lucas 10:29-37; 1 Pedro 1:15-16; 1 João 3:2-3).

12:15 – Os cristãos hebreus precisavam das admoestações apresentadas pelo autor por estarem se tornando cansados e desanimados, correndo o risco de abandonarem a graça de Deus. Uma vez que oposições e perseguições tendem a ser severas para aqueles que seguem Cristo, cristãos hebreus, especialmente recém-convertidos, sentiram forte pressão para renunciarem a sua fé. Deve ter sido tentador desistir e voltar ao judaísmo, que não estava sofrendo tantas oposições. Porém, é importante lembrar que Paulo, em Gálatas 5:4, alertou que o retorno à lei, ou seja, a troca da aliança superior pela inferior, resulta na queda da graça de Deus. Os cristãos hebreus precisavam estar em guarda para que não acreditassem que pudessem gozar das bênçãos do Senhor por uma simples associação com o povo de Deus, ao invés de uma vida de fé e obediência (Deuteronômio 29:14-29). O autor admoestou para que os leitores sejam atentos e diligentes para não excluírem a si mesmos da graça do Senhor. Não deve brotar entre os irmãos nenhuma “raiz de amargura” que cause perturbação e que contamine o povo do Senhor, que deve ser santo.

A expressão “afastado da graça de Deus” quer dizer “colocar-se aquém da graça”, ou, ainda, “decidir não tomar posse da graça”, sendo que a graça é um favor imerecido a nós, mas oferecido pelo Senhor. A graça de Deus deve ser aceita e deve-se permanecer nela para que ela possa ter seu efeito pleno (Hebreus 2:1-4; 6:4-8). A responsabilidade é individual, sendo que o autor se dirigiu a cada leitor individual. O termo original grego *episkopountes* significa aqui “zelar com amor” pela saúde espiritual dos irmãos. É a mesma palavra para “bispo” ou “episcopo”. Tanto aqui como em Deuteronômio 29:18, a expressão “raiz de amargura” tem a ver com sentimentos como inveja, vingança, maledicência, os quais são capazes de envenenarem o indivíduo e toda a comunidade. Também pode ter a ver com idolatria ou apostasia (Deuteronômio 29:18). É necessário evitar a amargura para que a recompensa prometida não seja perdida.

12:16 – Também é necessário evitar a impureza para que não se perca a recompensa prometida. O modo de Esaú pensar não era puro. A tradição rabínica acerca de Esaú atribuía a ele imoralidades sexuais não relatadas no Antigo Testamento. No entanto, o ponto central aqui é que Esaú profanou seu direito de primogenitura por não

valorizá-lo, preferindo um “prato de comida” – ele preferiu algo para satisfazer sua carência material temporária ao invés de uma bênção mais permanente, a qual era seu próprio direito de primogênito (Gênesis 25:29-34). Da mesma forma, se o galardão eterno não for valorizado, as pessoas vão perdê-lo – é preciso também ter o adequado respeito pelas vantagens espirituais oferecidas pela Nova Aliança, ao invés de seguir o exemplo de Esaú, que não teve nenhum cuidado com os privilégios espirituais.

Deus criou a humanidade para que ela, espontaneamente, vivesse em harmonia com seu criador e com a Terra, obviamente para dar muito mais valor às coisas espirituais. Entretanto, após a queda do ser humano pelo pecado, os valores reais foram invertidos e os humanos passaram a dar mais valor às coisas comuns (profanas) como poder, prestígio e bens materiais. A história de vida de Esaú ilustra bem essa triste realidade humana.

12:17 – O exemplo de Esaú serve de advertência para aqueles que estão cansados ou desanimados, correndo o risco de abandonarem a fé por não valorizarem o galardão eterno (Hebreus 6:6; 10:26). A desvalorização do direito de primogenitura por parte de Esaú o fez ser rejeitado no sentido que ele não herdou a bênção de seu pai, ainda que posteriormente a tenha buscado com lágrimas (Gênesis 27:30-40). Esaú agiu como muitas pessoas incrédulas, apenas lamentando sua perda material, tendo remorso sem arrependimento verdadeiro pelo pecado de haver trocado o que é mais importante pela satisfação de desejo momentâneo e carnal (Gênesis 27:41, 2 Coríntios 7:10).

APLICAÇÃO: PERMANECER FIRME – O PERIGO DE RECUSAR A MENSAGEM

Hebreus 12:18-24: “{12:18} Ora, vocês não chegaram ao fogo palpável e aceso, à escuridão, às trevas, à tempestade, {12:19} ao toque da trombeta e ao som de palavras tais, que aqueles que ouviram isso pediram que não lhes fosse dito mais nada, {12:20} pois já não suportavam o que lhes era ordenado: ‘Até um animal, se tocar o monte, será apedrejado.’ {12:21} Na verdade, o espetáculo era tão horrível, que Moisés disse: ‘Estou apavorado e trêmulo!’ {12:22} Pelo contrário, vocês chegaram ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a milhares de anjos. Vocês chegaram à assembleia festiva, {12:23} a igreja dos primogênitos arrolados nos céus. Vocês chegaram a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, {12:24} e a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o sangue de Abel.”

12:18 – O autor fez menção à maravilha, poder, temor e alta reverência que envolveu todo o povo de Israel e a região do Monte Sinai quando Deus outorgou a lei (Êxodo 19:10-25; 20:18-21; Deuteronômio 4:11-12; 5:22-27; 9:9-19; 18:16; Atos 7:32). Naquela ocasião o monte fumegava e tremia, pois Deus desceu sobre ele em fogo. Havia uma nuvem escura e espessa sobre o Sinai que parecia uma tempestade. O Monte Sinai foi descrito como “intocável” (Êxodo 19:12). Manifestações de Deus na Terra, como no caso do Monte Sinai, são chamadas “teofania”.

Os cristãos hebreus não tinham que chegar a uma aliança entregue com impressionantes manifestações físicas, isto é, chegar à Lei de Moisés. A ideia é que eles chegaram, por meio do evangelho, a uma aliança com privilégios espirituais superiores (Hebreus 12:22). Em Hebreus 12:18-21, o Monte Sinai representa a Antiga Aliança.

12:19 – Na ocasião da outorga da lei, presenciava-se trovões, relâmpagos e clangores de trombeta. O Senhor disse a Moisés para advertir o povo para não passar os limites marcados perto do monte, ou morreria (Êxodo 19:12). O povo estava com tanto medo que acreditou que morreria se Deus se falasse a ele diretamente, preferindo que Moisés intermediasse as palavras dele (Êxodo 20:19).

12:20 – A expressão “pois já não suportavam o que lhes era ordenado” se refere a Êxodo 19:12-13: “Marque ao redor do monte limites para o povo, dizendo: ‘Tomem cuidado para não subir o monte, nem tocar a sua extremidade. Todo aquele que tocar o monte será morto. Mão nenhuma tocará nele. Se o fizer, será apedrejado ou flechado; quer seja animal, quer seja homem, não viverá. Quando soar longamente a trombeta, então subirão o monte.’” Durante sua aparição no Sinai, Deus ordenou para que mão nenhuma tocasse no monte. Até mesmo se um animal o fizesse teria que ser apedrejado. Moisés explicou a razão de tais ordens severas em Êxodo 20:20: “Moisés respondeu ao povo: ‘Não tenham medo; Deus veio para provar vocês e para que o seu temor esteja diante de vocês, a fim de que não pequem.’”

12:21 – O autor afirmou que até mesmo Moisés sentiu-se temeroso diante da perturbação do monte e das redondezas por causa da aparição de Deus. Todas aquelas manifestações no Sinai demonstram como Deus é

poderoso e terrível. No entanto, o caminho para Deus, sem todo esse temor, está acessível pela Nova Aliança. Graças à atuação de Jesus Cristo como sumo sacerdote, os cristãos têm acesso a se aproximarem do trono de Deus com confiança – a confiança na misericórdia, graça e socorro que Cristo oferece. Por meio de Jesus, o trono divino não é mais um lugar que assusta, como Moisés teve medo quando viu as manifestações de Deus no Monte Sinai.

12:22 – Mais uma vez o autor mostrou a diferença entre a Antiga Aliança (o Monte Sinai em Hebreus 12:18-21) e a Nova Aliança (o Monte Sião em 12:22-24). Em vez de abandonarem a corrida (Hebreus 12:1-2), isto é, voltar à Antiga Aliança, o Monte Sinai, os cristãos hebreus precisavam fazer esforços renovados para terminá-la: eles não tinham chegado ao Monte Sinai, onde Deus deu a lei a Moisés – eles chegaram ao Monte Sião, que representa a Nova Aliança. Entretanto, “*Sião*” aqui não se refere à parte montanhosa a sudeste de Jerusalém, mas à cidade celestial de Deus (Hebreus 11:10) e aos que habitam com o Senhor. O objetivo do contraste entre Sinai e Sião é marcar nitidamente a diferença entre as duas grandes alianças de Deus, sendo a Nova Aliança, em Cristo, a maior e definitiva (Hebreus 11:10-16; 13:14; Filipenses 3:20; Apocalipse 5:11-12; 21:2; Gálatas 4:26).

Outra tradução para “*e a milhares de anjos*” seria “*com seus muitos milhares de anjos*”. O Monte Sião aqui descrito é a Jerusalém celestial (Hebreus 11:10) habitada pelos anjos e pelas pessoas que alcançam a salvação eterna, a “*assembleia festiva*” dos santos – a Igreja, em um sentido universal, onde há a alegria da salvação. O Monte Sião terreno e a Jerusalém terrena são apenas sombras da pátria celestial (Hebreus 8:3-5; 11:10,14-16; 13:14; Gálatas 4:26; Apocalipse 21:2). Os cristãos chegaram a esse Monte Sião e, para terminarem a corrida, devem permanecer no caminho do Senhor para entrarem na pátria celestial e receberem o galardão de Cristo.

12:23 – A “*assembleia festiva*” (Hebreus 12:22) é a Igreja em um sentido universal, ou seja, todas as pessoas salvas. A expressão “*igreja dos primogênitos*” enfatiza os privilégios especiais que os servos de Deus têm, como os primogênitos tinham primazia nas heranças, bem como a posição dos cristãos como o povo escolhido por Deus. Não significa a ideia literal de “*quem nasceu antes*”. A expressão grega no plural traduzida como “*primogênitos*” retrata a excelência do amor de Deus para com cada uma das pessoas salvas, seus filhos.

Tendo-se em mente o exemplo de Esaú descrito em Hebreus 12:16-17, é importante que o cristão reflita sobre qual é sua atitude em relação à sua herança – faz ele melhor do que Esaú?

A expressão “*arrolados nos céus*” demonstra que Deus é quem identifica seus verdadeiros seguidores – é ele que sabe quem verdadeiramente está salvo e tem seu nome “*escrito no céu*” ou, em outras palavras, quem tem seu nome escrito no livro da vida (Daniel 12:1; Lucas 10:20; Filipenses 4:3; Apocalipse 3:5). Se os salvos que têm privilégios de primogênitos de Deus têm os seus nomes “*arrolados nos céus*”, naturalmente os homens não são capazes de identificar e contar os fiéis. Tendo em vista o censo de Davi de 2 Samuel 24, nem sequer deveriam tentar.

Além dos anjos e de todos os salvos, na Sião espiritual habita também o juiz de todos, o próprio Deus. O termo “*espíritos*” se refere aos santos do Antigo Testamento, dentre os quais se incluem “*heróis da fé*” mencionados no capítulo 11, também em última análise aperfeiçoados mediante a morte e ressurreição do primogênito de Deus, Jesus Cristo (Hebreus 11:40).

12:24 – Jesus é o Mediador da Nova Aliança (Hebreus 8:6), a qual traz a reconciliação e a remissão dos pecados. A expressão “*sangue da aspersão*” refere-se que, assim como Moisés aspergiu sangue sobre o livro da lei, o povo, o tabernáculo e seus utensílios para dedicar a Antiga Aliança, Jesus deu seu sangue para introduzir a Nova Aliança – é como se os cristãos tivessem sido aspergidos com o sangue de Cristo, sendo assim sancionada a Nova Aliança (1 Pedro 1:2). De maneira similar aos israelitas que foram aspergidos com o sangue de animais para ser sancionada a Antiga Aliança, sangue foi necessário para que o testamento de Cristo (a Nova Aliança) entrasse em vigor.

O sangue de Abel clamou durante toda a história da humanidade por justiça e condenação para o pecador (Hebreus 11:4; Gênesis 4:10). O sangue de Cristo, entretanto, derramado na cruz, proclama, de maneira mais forte do que o sangue de Abel, o perdão e a reconciliação eterna do pecador arrependido com Deus (Hebreus 9:12,15,28; 10:19; Colossenses 1:20; 1 João 1:7). É nesse sentido que o “*sangue da aspersão*”, ou seja, o sangue de Jesus, “*fala melhor do que o sangue de Abel*”: um requer retribuição; o outro santifica, redime e reconcilia.

Hebreus 12:25-29: *“{12:25} Tenham cuidado e não se recusem a ouvir aquele que fala. Pois, se os que se recusaram a ouvir quem divinamente os advertia na terra não escaparam, muito menos escaparemos nós, se nos desviarmos daquele que dos céus nos adverte. {12:26} Naquele tempo, a voz dele abalou a terra, mas agora ele promete, dizendo: ‘Mais uma vez eu farei tremer não só a terra, mas também o céu.’ {12:27} Ora, as palavras ‘mais uma vez’ significam a remoção dessas coisas abaladas, ou seja, das coisas criadas, para que permaneçam as coisas que não podem ser abaladas. {12:28} Por isso, recebendo nós um Reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e temor. {12:29} Porque o nosso Deus é fogo consumidor.”*

12:25 – O autor completou o capítulo 12 com a última das maiores advertências do seu livro: não se deve recusar ouvir a mensagem divina. O contraste entre a Antiga Aliança e a Nova Aliança traz os leitores, de volta, ao ponto inicial do livro. Se Deus exigia a obediência à Palavra revelada por meio de seus mensageiros (“quem divinamente os advertia na terra”), sendo que aqueles que desobedeceram não escaparam (Hebreus 10:28-29), ele certamente exige a obediência à Palavra falada pelo próprio Filho que veio do céu (conforme Hebreus 1:1-2; 2:1-4). A punição por negligenciar aquele que “dos céus nos adverte” é ainda mais certa (Hebreus 2:3).

12:26 – Aquele que “dos céus adverte” (Hebreus 12:25) tem uma voz poderosa, capaz de abalar tudo que não é permanente e eterno (conforme Êxodo 19:18; Isaías 13:13). A citação “Mais uma vez eu farei tremer não só a terra, mas também o céu” é de Ageu 2:6, de acordo com o texto da Septuaginta, que traz “Mais uma vez” – o texto hebraico original traz “Daqui a pouco”. Hebreus 12:26-27 parece ser uma aplicação da citação de Ageu ao tempo do juízo final (2 Pedro 3:10) já mencionado em Hebreus 1:10-12.

12:27 – Ainda utilizando a citação de Ageu 2:6, o autor explicou que “mais uma vez” significa a remoção dessas coisas abaladas, como tinham sido feitas, para que as coisas que não são abaladas permaneçam. As coisas desta vida, por mais duradouras que pareçam, são abaláveis pelo Senhor, e o que pode ser abalado será removido, restando apenas o que é eterno e inabalável.

12:28 – O eterno e inabalável que restará com a remoção das coisas abaladas é o “Reino inabalável”, a pátria celestial (Hebreus 11:10,14,16; 13:14; Filipenses 3:20), a herança incorruptível (Hebreus 9:15; 1 Pedro 1:4), o Monte Sião espiritual (Hebreus 12:22), o prêmio do término da corrida (Hebreus 12:1-2). O ensino claro das Escrituras é que tudo passa neste mundo, somente o reino de Deus é eterno. Uma vez que os cristãos estão recebendo um reino inabalável, devem reter a graça, ou seja, se manterem no caminho do Senhor, servindo-o de modo a agradá-lo, com toda a reverência e temor.

12:29 – O Senhor deve ser tratado com toda a reverência e temor porque ele “é fogo consumidor” (Deuteronômio 4:24). Não há escapatória para aqueles que desafiam Deus, rejeitando sua Palavra. É importante permanecer no reino inabalável, no Monte Sião espiritual, para evitar a destruição.

CONCLUSÃO

Hebreus 13:1-6: *“{13:1} Seja constante o amor fraternal. {13:2} Não se esqueçam da hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos. {13:3} Lembrem-se dos presos, como se estivessem na cadeia com eles; dos que sofrem maus-tratos, como se vocês mesmos fossem os maltratados. {13:4} Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito conjugal sem mácula; porque Deus julgará os impuros e os adúlteros. {13:5} Que a vida de vocês seja isenta de avaréza. Contentem-se com as coisas que vocês têm, porque Deus disse: ‘De maneira alguma deixarei você, nunca jamais o abandonarei.’ {13:6} Assim, afirmemos confiantemente: ‘O Senhor é o meu auxílio, não temerei. O que é que alguém pode me fazer?’”*

13:1 – Nos primeiros doze capítulos do Livro de Hebreus, o raciocínio do autor foi muito lógico e bem encadeado, cada ponto levando ao próximo. Contudo, seu argumento já foi completado no final do capítulo 12. Embora não se saiba quem escreveu o Livro de Hebreus, percebe-se que o sistema de organização que ele usou é basicamente o mesmo utilizado nas cartas de Paulo: depois de desenvolver seus argumentos doutrinários, o autor deu instruções práticas para seus leitores, juntando num só grupo uma série de exortações. Em Hebreus 13:1-19 ele entrou em maiores detalhes a respeito da vida cristã, iniciando com o pedido que os leitores amem uns aos outros como irmãos em Cristo (João 13:34; Romanos 12:10; 1 Tessalonicenses 4:9; 1 Pedro 1:22; 4:8; 2 Pedro 1:7), exortando-os a continuarem a mostrar seu amor fraternal constantemente.

O autor teve duas preocupações básicas: a apostasia dos cristãos hebreus (em particular a preocupação com o retorno à Lei de Moisés) e o esfriamento do amor fraternal cristão entre os irmãos, o que pode ter decorrido pela demora do retorno de Cristo, evento que eles provavelmente esperavam para aqueles dias. O desenvolvimento de diversas doutrinas e seitas heréticas também era uma preocupação constante (Hebreus 13:9).

13:2 – Paulo, em Romanos 12:13, escreveu: *“Ajudem a suprir as necessidades dos santos. Pratiquem a hospitalidade.”* Pedro, em 1 Pedro 4:9, escreveu: *“Sejam mutuamente hospitaleiros, sem murmuração.”* Abraão e Sara acolheram anjos, sem saberem, ao aplicarem a hospitalidade (Gênesis 18:1-8). Ló também acolheu anjos (Gênesis 19:1-3), bem como Gideão (Juízes 6:11-24) e Manoá (Juízes 13). O autor encorajou a prática da hospitalidade, afirmando que nem sempre se sabe quais bênçãos podem resultar dela.

Nos tempos antigos, os viajantes dependiam da hospitalidade dos estranhos (Êxodo 2:20; Juízes 19:15-21; 2 Reis 4:8; Atos 28:7), pois as pousadas, no sentido moderno, eram raras. A palavra hebraica traduzida por “pousada”, por exemplo, significa “lugar de descanso noturno” e pode ser aplicada a qualquer lugar em que existisse acampamento para passar a noite – seja para caravanas, indivíduos ou mesmo para um exército. A presença de uma construção não está implícita (a mesma situação se verificava durante a época do Novo Testamento). A “pousada” antiga era, com certeza, apenas um pedaço de chão nivelado próximo a uma nascente, em que os transportadores de mercadorias podiam passar a noite com seus animais.

13:3 – Em Hebreus 10:34, o autor escreveu que os cristãos hebreus antes possuíam uma fé tão forte que eles se compadeceram dos encarcerados por causa de Cristo, dando a eles provisões dos seus próprios recursos. Aqui eles foram exortados a lembrarem daqueles que foram presos pelo testemunho de Cristo, assim como faziam antes. Portanto, os cristãos hebreus deviam se lembrar daqueles que foram presos pelo testemunho de Cristo, ajudando-os como eles mesmos gostariam de ser ajudados caso estivessem na prisão. O mesmo se aplica aos irmãos que sofrem maus tratos (Mateus 25:36,39-40). Os prisioneiros frequentemente eram forçados a dependerem de amigos para terem suas necessidades atendidas.

No original grego aparece a expressão *sōmati* que significa “em corpo” (*“como se vocês mesmos fossem os maltratados”*). Essa expressão transmite a ideia cristã do corpo de Cristo, onde cada cristão é um membro. Quando um membro sofre, todos sofrem, assim como o próprio Cristo (1 Coríntios 12:26). Assim, o autor está se referindo a irmãos em Cristo quando fala sobre prisioneiros e maltratados.

13:4 – Aqui temos uma advertência contra a impureza sexual. A expressão *“Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito conjugal sem mácula”* está de acordo com o que Paulo escreveu em 1 Coríntios 7:2-4: *“digo que, por causa da imoralidade, cada homem tenha a sua esposa, e cada mulher tenha o seu próprio marido. Que o marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, de igual modo, a esposa, ao seu marido. A esposa não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, de igual modo, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a esposa.”* O casamento deve ser respeitado e tido como digno de honra, sem dar lugar ao adultério e à impureza. O Senhor julgará tanto impuros quanto adúlteros, pois eles não têm lugar na cidade celestial (Efésios 5:5).

13:5 – Para evitar a cobiça, deve-se confiar no Senhor e contentar-se com o que se possui (1 Timóteo 6:6-8). Deus nunca deixará faltar o que o cristão realmente necessita e jamais o desampará, assim como disse a Moisés (Deuteronômio 31:6-8) e a Josué (Josué 1:5). As Escrituras sempre alertaram sobre o perigo da cobiça, ganância e do amor ao dinheiro (Mateus 6:19-21,24-34; Lucas 12:22-34; Filipenses 4:11-13; 1 Timóteo 6:9-10; Tiago 5:1-5). A vida cristã deve ser desprovida de avareza, que também é uma forma de idolatria (Colossenses 3:5).

A impureza moral e a adoração ao dinheiro, bem como tudo o que ele pode comprar (poder e prazeres), são demonstrações claras de que a pessoa que se deixa dominar por essas ilusões ainda não aprendeu a depositar sua plena confiança (fé) em Deus. Portanto, acaba se afastando dele e se aproxima da condenação eterna. No entanto, o cristão sincero, por causa de sua fé no Senhor, pode contar com o cuidado paternal de Deus enquanto prossegue seu caminho para a pátria celestial.

13:6 – O autor citou o Salmo 118:6 segundo a Septuaginta. Com o auxílio de Deus não há razão para temer nada nem ninguém (Salmo 56:3-4,9-11).

Hebreus 13:7-9: “{13:7} Lembrem-se dos seus líderes, os quais pregaram a palavra de Deus a vocês; e, considerando atentamente o fim da vida deles, imitem a fé que tiveram. {13:8} Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre. {13:9} Não se deixem levar por doutrinas diferentes e estranhas, porque o que vale é ter o coração confirmado com graça e não com alimentos, que nunca trouxeram proveito aos que se preocupam com isso.”

13:7 – O autor exortou seus leitores a seguirem o discipulado ministrado e legado pelos homens de Deus que pregaram o evangelho a eles – seus guias espirituais. Essas pessoas deviam ser lembradas por anunciarem o caminho da salvação aos cristãos hebreus. O autor referiu-se especificamente a guias falecidos (“o fim da vida deles”, “a fé que tiveram”) que, ainda assim, servem como bons exemplos – os guias atuais foram mencionados em Hebreus 13:17. O aprendizado vem por meio da Palavra pregada e do exemplo demonstrado na vida dos servos de Deus. A palavra grega traduzida aqui por “fé” também significa “fidelidade”.

13:8 – Jesus Cristo não está sujeito à passagem do tempo, ao contrário dos guias espirituais falecidos citados em Hebreus 13:7. Como o maior guia espiritual, o qual também foi morto, mas vive pela eternidade, Cristo também deve ser lembrado e imitado (Hebreus 13:7). Cristo sempre será a verdade: o que ele foi antes, ele é hoje e será pela eternidade (Apocalipse 1:17-18; 22:13). Seu caráter é o mesmo. Questionar sua supremacia absoluta, seja porque ele retarda sua volta ou por qualquer outro motivo, ou ainda pela atitude de voltar aos antigos rituais levíticos ou similares, é subverter o evangelho (Hebreus 5-10).

Algumas vezes, esse versículo é usado para defender a ideia de que os dons milagrosos continuam hoje. Algumas pessoas dizem que Jesus faz todas as mesmas coisas hoje que ele fez no passado, incluindo os dons milagrosos. Há problemas com essa interpretação: Malaquias 3:6 disse a mesma coisa sobre Deus, mas sabe-se que ele não fez todas as mesmas coisas em todas as épocas (por exemplo, ele não ordena que hoje as pessoas sigam a Lei de Moisés ou que criem arcas como Noé fez). Até mesmo as pessoas que acreditam (incorretamente) que Paulo esteja falando da volta de Cristo em 1 Coríntios 13:10, “Mas, quando vier o que é completo, então o que é incompleto será aniquilado”, reconhecem que os dons não são eternos – o contexto de 1 Coríntios 13:10 demonstra que o apóstolo referiu-se que os dons milagrosos acabariam quando viesse o que é completo (a revelação completa da Palavra de Deus no Novo Testamento concluído no primeiro século). Cristo é o mesmo para sempre em termos de ser e caráter, mas ele não faz todas as mesmas coisas em todas as épocas. Por exemplo, mesmo sendo Deus, Cristo se tornou ser humano, morreu, ressuscitou, e agora é sumo sacerdote sentado à destra de Deus Pai.

13:9 – Cristãos não devem ser levados por doutrinas erradas (Efésios 4:14; Colossenses 2:8; 1 Timóteo 1:3-7). A expressão “porque o que vale é ter o coração confirmado com graça e não com alimentos” denota que força espiritual não é um resultado do próprio esforço da pessoa em se justificar diante de Deus por meio da mera prática de regras externas, como aquelas sobre alimentos (Romanos 14:13-18; Colossenses 2:16-17; Marcos 7:14-19). A força espiritual é obtida pelo exercício da fé, ou seja, pela perseverança nos ensinamentos de Cristo. A expressão “pois nunca tiveram proveito os que com isto se preocuparam” denota que aqueles que pregavam o retorno à prática de regras externas judaicas (exemplificadas pelas leis alimentares da Antiga Aliança) jamais tiveram e jamais teriam proveito em tentarem se justificar diante de Deus por tais práticas (Hebreus 9:10; Colossenses 2:20-23). O autor especificamente tem em mente a doutrina de voltar a guardar as práticas do Antigo Testamento. É possível que ele também estivesse preocupado com as filosofias e doutrinas pré-gnósticas que estavam se conectando ao judaísmo e pervertendo a fé de alguns cristãos, especialmente entre os judeus.

Hebreus 13:10-17: “{13:10} Temos um altar do qual os que ministram no tabernáculo não têm o direito de comer. {13:11} Pois aqueles animais cujo sangue é trazido pelo sumo sacerdote para dentro do Santo dos Santos, como sacrifício pelo pecado, têm o corpo queimado fora do acampamento. {13:12} Por isso, também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da cidade. {13:13} Saíamos, pois, a ele, fora do acampamento, levando a mesma desonra que ele suportou. {13:14} De fato, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir. {13:15} Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome. {13:16} Não se esqueçam da prática do bem e da mútua cooperação, pois de tais sacrifícios Deus se agrada. {13:17} Obedeçam aos seus líderes e sejam submissos a eles, pois zelam pela alma de vocês, como quem deve prestar contas. Que eles possam fazer isto com alegria e não gemendo; do contrário, isso não trará proveito nenhum para vocês.”

13:10 – O “altar” aqui é uma referência simbólica à morte de Cristo como sacrifício pelos pecados humanos. A cruz de Cristo (o “altar” dos cristãos) marcou o fim de todo o sacerdócio arônico e sua substituição pela ordem

de Melquisedeque, da qual Cristo é o único e incomparável sacerdote. A ideia de “comer do altar” se refere ao fato de que era permitido aos sacerdotes levíticos comerem partes de alguns dos sacrifícios oferecidos. Contudo, os sacerdotes não comiam da oferenda pelo pecado do dia da expiação (Levítico 16:27) – os corpos dos animais oferecidos no dia da expiação eram queimados fora do acampamento. “Comer” pode ser entendido como “gozar as bênçãos”.

A questão é que os altares são mutuamente exclusivos. Quem participa do “antigo altar”, o sistema da Antiga Aliança, não tem direito a participar do “novo altar”, de Cristo. É o mesmo ensinamento dado por Paulo em Gálatas 5:1-4: *“Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Por isso, permaneçam firmes e não se submetam, de novo, a jugo de escravidão. Eu, Paulo, lhes digo que, se vocês se deixarem circuncidar, Cristo não terá valor nenhum para vocês. De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que o mesmo está obrigado a guardar toda a lei. Vocês que procuram justificar-se pela lei estão separados de Cristo; vocês caíram da graça de Deus.”*

É possível ver nesse versículo uma referência à Ceia do Senhor. Os cristãos são convidados a participarem da mesa do sacrifício, a Ceia do Senhor – o memorial de Cristo onde seu corpo (pão) e sangue (fruto da videira) são recebidos em comunhão (1 Coríntios 11:23-26).

13:11 – Segue uma comparação entre o sacrifício de Jesus e os de animais no dia da expiação do Antigo Testamento. O corpo do animal cujo sangue era levado ao Santo dos Santos era queimado fora do acampamento (Êxodo 29:14; Levítico 16:27). Nessa cerimônia anual do perdão não se comiam os restos dos animais sacrificados pelo pecado. Eles eram queimados fora do acampamento, onde não mais contaminariam o povo (conforme Números 5:1-4), uma vez que o pecado havia sido transferido simbolicamente para eles (Hebreus 9:7; Levítico 16:27). Assim, o autor identificou Jesus como uma oferenda pelo pecado.

13:12 – Prossequindo com a comparação entre o sacrifício de Jesus e os sacrifícios de animais no dia da expiação do Antigo Testamento, o autor identificou Cristo como uma oferenda pelo pecado em Hebreus 13:11, observando que ele sofreu fora do acampamento: Jesus foi crucificado fora da cidade de Jerusalém. Os pecados da humanidade foram imputados sobre ele (a coroa de espinhos pode ser entendida como uma representação disso). Da mesma forma que os restos dos animais sacrificados tinham que ser lançados fora do acampamento israelita por estarem contaminados com o pecado imputado, Cristo foi crucificado fora da cidade por ter os pecados sobre si, tornando-se maldito enquanto estava sobre o madeiro e morrendo no lugar de toda a humanidade (Deuteronômio 21:23; Gálatas 3:13; 1 Pedro 2:24).

Assim, Jesus sofreu fora do acampamento para poder levar seu sangue para o Santo dos Santos verdadeiro, a habitação celestial de Deus. Foi sacrificado fora da cidade de Jerusalém. Foi rejeitado pelo povo judeu. Observe, portanto, um contraste: devido à ineficácia dos sacrifícios do Antigo Testamento, é necessário o sacrifício de Cristo para que as pessoas sejam santificadas.

13:13 – O fato de Cristo ter sido levado e crucificado fora dos muros de Jerusalém constituiu-se em mais uma viva ilustração do seu sacrifício expiatório. Da mesma forma como a retirada dos corpos dos animais sacrificados para fora do antigo acampamento de Israel simbolizou a eliminação do pecado, as pessoas devem avançar à Nova Aliança, deixando para trás o pecado e as tradições do judaísmo ou qualquer outro sistema religioso, ainda que essa atitude traga qualquer tipo de desonra familiar, social ou cultural. Sendo assim, Cristo é encontrado fora do “acampamento”, ou seja, fora do sistema judaico, levando a “desonra” (insulto ou abuso), ou seja, sofrendo rejeição. Dessa maneira, os cristãos participam do sofrimento dele como ele participou do sofrimento deles (Hebreus 2:14-18).

No caso dos cristãos hebreus, para que pudessem “comer dessa oferenda” perfeita pelo pecado, ou seja, gozar das bênçãos (Hebreus 13:10), deveriam “sair do acampamento”, isto é, deixar as práticas religiosas da antiga lei, mesmo que isso os expusesse à perseguição e ao mesmo vitupério que Cristo sofreu (conforme Hebreus 11:26). O ponto do autor é, claramente, que aqueles que desejam viver sob a Lei de Moisés não gozam as bênçãos do sacrifício de Cristo.

13:14 – O cristão suporta as perseguições, entendendo que é um peregrino neste mundo e sabendo que sua pátria está nos céus (Hebreus 11:10; 12:28; Filipenses 3:20). As dificuldades significam pouco para a mente que está focada em um lar celestial.

13:15 – O serviço de um sacerdote é oferecer sacrifícios (Hebreus 5:1). Uma vez que os cristãos são sacerdotes espirituais (1 Pedro 2:5) tendo Jesus como seu sumo sacerdote, eles precisam oferecer sacrifícios espirituais a Deus. O autor identifica alguns desses sacrifícios em Hebreus 13:15-16 (veja também Romanos 12:1). O louvor é aceito pelo Senhor como sacrifício agradável quando vem de lábios que verdadeiramente o confessam como soberano (Oseias 14:2). A expressão “*sacrifício de louvor*” é usada analogamente como um sacrifício de ação de graças da Antiga Aliança (Levítico 7:11-12; Salmo 50:14,23). Os cristãos são gratos a Deus pela salvação eterna (1 Pedro 2:9; Romanos 12:1; Filipenses 4:18). Tal louvor pode ser uma simples confissão com fé verdadeira de que Cristo é o Senhor ou até mesmo o cantar de salmos, hinos e cânticos espirituais com essa temática (Colossenses 3:16; Efésios 5:19).

13:16 – Outros sacrifícios agradáveis a Deus no Novo Testamento são a prática do bem para com o próximo, especialmente para com os irmãos em Cristo, e a cooperação mútua, especialmente a cooperação dos cristãos para servirem ao Senhor. São coisas que não devem ser negligenciadas, uma vez que o cuidado fraternal devido aos irmãos na fé é algo muito importante.

13:17 – Aqui, diferentemente de Hebreus 13:7, os guias espirituais estão vivos – são aqueles que vieram depois dos primeiros guias. Tendo lembrado seus leitores sobre seus guias espirituais do passado (Hebreus 13:7) e advertido sobre as “*doutrinas diferentes e estranhas*” (Hebreus 13:9) e o retorno ao judaísmo, o autor exortou os leitores a obedecerem aqueles que presentemente zelam por suas almas, isto é, os presbíteros/bispos/pastores, sendo submissos a eles. Em uma igreja local que verdadeiramente segue a Palavra de Deus revelada na Bíblia, os guias designados pelo Senhor são os presbíteros/bispos/pastores (conforme Atos 20:28; 1 Timóteo 3:5; 5:17).

Tais guias devem cuidar dos cristãos como quem deve prestar contas a Deus (Ezequiel 3:17-19), uma vez que esse ofício tem implicações eternas. Os cristãos devem ser obedientes e submissos aos presbíteros/bispos/pastores, e isso influi também na atitude deles: se os irmãos forem obedientes e submissos aos presbíteros/bispos/pastores, eles ministrarão com mais alegria, ficando menos sujeitos à má vontade. Os exemplos de cristãos insubmissos e desobedientes podem desanimar os guias espirituais.

Há perigo quando Hebreus 13:17 é usado para exigir a obediência incondicional dos irmãos a presbíteros/bispos/pastores que se afastam dos ensinamentos do Senhor. Cristãos não devem seguir cegamente nem mesmo os presbíteros que os guiam se eles não estiverem em conformidade com os ensinamentos de Deus (conforme Atos 5:29), sempre comparando suas exortações ou conselhos com os ensinamentos bíblicos. Pastores são mestres (conforme Efésios 4:11) e devem guiar as ovelhas pelo ensinamento da Palavra e pelo bom exemplo, não devendo ser dominadores (conforme 1 Pedro 5:3). O presbítero/bispo/pastor deve “*ser apegado à palavra fiel, que está de acordo com a doutrina, para que possa exortar pelo reto ensino e convencer os que contradizem este ensino*” (Tito 1:9).

Hebreus 13:18-25: “{13:18} *Orem por nós, pois estamos certos de que temos a consciência limpa, querendo em todas as circunstâncias fazer o que é correto.* {13:19} *Peço, com insistência, que vocês façam isto, para que eu lhes seja restituído o mais depressa possível.* {13:20} *Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos o nosso Senhor Jesus, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança,* {13:21} *aperfeiçoe vocês em todo o bem, para que possam fazer a vontade dele. Que ele opere em nós o que é agradável diante dele, por meio de Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém!* {13:22} *Irmãos, peço que escutem com paciência esta palavra de exortação, porque, na verdade, escrevi de forma bem resumida.* {13:23} *Saibam que o irmão Timóteo foi posto em liberdade. Se ele vier logo, irei vê-los na companhia dele.* {13:24} *Saúdem todos os seus líderes, bem como todos os santos. Os da Itália mandam saudações.* {13:25} *A graça esteja com todos vocês.*”

13:18 – O autor iniciou a parte final do livro pedindo orações aos cristãos hebreus, a exemplo de Paulo (Romanos 15:30; 2 Coríntios 1:11; Efésios 6:18-19; Filipenses 1:19; Colossenses 4:3; 1 Tessalonicenses 5:25; 2 Tessalonicenses 3:1), declarando que ele e outros (provavelmente cooperadores do evangelho ou até mesmo guias espirituais – presbíteros/bispos/pastores) têm a consciência limpa e desejam viver de modo honrado em relação a todas as áreas da vida. Tiago escreveu em Tiago 5:16: “*Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros, para que vocês sejam curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo.*” A oração é um privilégio poderoso disponível aos cristãos, e eles devem orar uns pelos outros.

13:19 – O autor desejou que as orações dos cristãos hebreus fossem feitas com insistência para que ele fosse restituído a eles o mais depressa possível. Não se sabe dos detalhes sobre como o autor estava privado de ver seus irmãos hebreus, mas ele desejou voltar a eles o quanto antes.

13:20 – Hebreus 13:20-25 termina o livro com uma oração, saudações e bênção. Assim como o autor pediu orações por si mesmo aos cristãos hebreus, ele também orou por eles.

“*Deus da paz*” é um dos títulos do Senhor, muitas vezes usado nas bênçãos formuladas pelos valorosos homens de Deus que, como os demais cristãos, podem descansar na paz do Pai (o descanso de que o autor tratou no livro, veja Hebreus 4:3), apesar de todas as provações (Romanos 15:33; 16:20; Filipenses 4:9; 1 Tessalonicenses 5:23). A expressão “*Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos o nosso Senhor Jesus*” é a única vez no livro que se fala diretamente sobre a ressurreição de Cristo – trata-se da esperança no Cristo ressurreto, aquele que Deus tornou a trazer dentre os mortos. Jesus é chamado “*o grande pastor de ovelhas*” (Lucas 15:4-7; João 10:1-16; 1 Pedro 2:25; 5:4; Salmo 23:1; Isaías 40:11; 63:11; Ezequiel 34), sendo as ovelhas todos aqueles submissos aos cuidados dele – ele as conduz ao pasto, isto é, conduz os cristãos ao descanso eterno, a habitação celestial de Deus. O “*sangue da eterna aliança*” se refere ao sangue de Cristo derramado na cruz para sancionar a Nova Aliança (Hebreus 9:20) – o conforto, esperança e cuidado pastoral estão selados e garantidos pelo sangue de Jesus derramado pela aliança eterna.

13:21 – O autor expressou seu desejo para o crescimento espiritual dos leitores. Ele desejou que os cristãos hebreus fossem capacitados para fazerem a vontade de Deus e que o Senhor trabalhasse neles para que eles pudessem ser agradáveis a ele, por intermédio de Jesus Cristo, o qual é digno de toda a glória para sempre. Os cristãos devem seguir o exemplo, desejando o mesmo para seus irmãos.

13:22 – O autor pediu a seus irmãos que aceitem a exortação contida no livro. Nem sempre é fácil ouvir as coisas que devem ser ouvidas, razão pela qual a expressão “*peço que escutem com paciência esta palavra de exortação*” foi utilizada. Ele escreveu resumidamente, portanto é razoável imaginar que as exortações que ele tinha em mente seriam mais extensas e, talvez, mais duras e mais difíceis de “suportar” – no entanto, são para o bem dos irmãos. O autor tem demonstrado seu zelo para com eles.

13:23 – Tudo indica que o autor era amigo de Timóteo, e Timóteo era conhecido pelos cristãos hebreus. Ele expressou a esperança de que eles logo estariam aptos a visitarem os irmãos hebreus. Ele disse que Timóteo “*foi posto em liberdade*”. Muitos cristãos foram aprisionados naquela época, tanto em Roma como em algumas províncias. Contudo, é improvável que Timóteo “sendo posto em liberdade” signifique que ele tenha estado na prisão, a menos que fosse por causa de algum problema local. Se ele estivesse na prisão por causa das perseguições de Nero, não teria sido libertado. Há uma explicação bem plausível para Timóteo ter sido “*posto em liberdade*”: aproximadamente no início das guerras judaicas, o apóstolo João se mudou para Éfeso, onde tornou-se uma figura predominante nas igrejas da Ásia. Assim, com João naquela região, Timóteo não precisaria mais permanecer ali para ensinar e exortar, tendo liberdade para juntar-se ao autor de Hebreus na Itália – dessa forma, ele teria sido “*posto em liberdade*”.

13:24 – Os primeiros guias espirituais morreram (Hebreus 13:7) e seus sucessores estavam engajados na tarefa de supervisionar o rebanho (Hebreus 13:17) – a eles o autor enviou saudações, assim como a todos os irmãos. O termo grego traduzido por “guias” ou “líderes” ou, ainda, “governantes”, é *hegoumenoi*, termo técnico não encontrado em outro livro do Novo Testamento (além de Hebreus 13:7,17,24), porém alguns escritos provenientes de Roma e do ocidente usaram a mesma terminologia (1 Clemente 1:3; 21:6; O Pastor de Hermas 2:6; 9:7 – nessas obras o termo *proegoumenoi* é usado).

Muitos estudiosos acreditam que o Livro de Hebreus foi enviado a Roma. Se essa teoria for verdadeira, então as pessoas “*da Itália*” que enviaram suas saudações seriam cristãos de fora de Roma saudando aos de dentro da cidade. Estudiosos consideram a possibilidade de o livro ter sido dirigido a Roma considerando que Paulo teve grande sucesso com os judeus de lá ao chegar à cidade como prisioneiro (Atos 28:24). Esses judeus podem ter formado grandes congregações na cidade.

Os primeiros leitores foram provavelmente cristãos judeus que falavam e escreviam em grego. A curta afirmação “*Os da Itália mandam saudações*” indica que o autor poderia estar se referindo a cristãos que moravam na

Itália, ou então a cristãos que tinham nascido na Itália e estavam morando em outro lugar. A afirmação parece favorecer a ideia de situar os leitores na Itália. Se o autor tivesse estado pessoalmente na Itália, provavelmente teria especificado melhor sua localização. Assim, parece que havia cristãos italianos com o autor em algum lugar fora da Itália quando ele redigiu o livro, e parece que ele conhecia bem seus leitores (Hebreus 5:11-14; 6:9-10; 10:32-36).

Muitas estradas conduziam a Roma. Os cristãos a quem o livro foi endereçado poderiam estar em uma cidade próxima ou mais distante da capital. O próprio Paulo passou sete dias com os irmãos em Putéoli (Atos 28:13-14), talvez próximo de Roma, ou na periferia.

13:25 – As últimas palavras do autor desse excelente livro são uma bênção em forma de uma rápida oração: *“A graça seja com todos vocês.”*

3. REFERÊNCIAS

Este estudo foi realizado com informações adaptadas das seguintes fontes:

- www.estudosdabiblia.net;
- Bíblia Digital Glow;
- Bíblia de Estudo Arqueológica NVI;
- Bíblia de Estudo King James Atualizada.